

**Universidade Federal do Rio de Janeiro**  
**Escola de Comunicação**  
**Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura**  
**Curso de Mestrado em Comunicação e Cultura**

**JORNALISMO ESPORTIVO NA COPA DE 1998:**  
Uma tentativa de análise crítica das críticas

**ANTONIO GUILHERME SCHMITZ FILHO**

**LUIZ OSÓRIO CRUZ PORTELA**  
Professor Doutor

Rio de Janeiro

1 9 9 9

JORNALISMO ESPORTIVO NA COPA DE 1998: Uma tentativa de análise crítica das críticas

**ANTONIO GUILHERME SCHMITZ FILHO**

Dissertação submetida ao corpo docente da Escola de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Curso de Mestrado em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre.

Aprovada por:

Prof. \_\_\_\_\_ - Orientador  
Prof. Dr. Luiz Osório Cruz Portela

Prof. \_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Geraldo Nunes

Prof. \_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Adair Caetano Peruzzolo

Rio de Janeiro

1999

**Schmitz Filho, Antonio Guilherme.**

**Jornalismo esportivo na copa de 1998: uma tentativa de análise crítica das críticas/Antonio Guilherme Schmitz Filho. Rio de Janeiro: UFRJ/ COPPEAD, 1999.**

ix, 201p. ilus.

Dissertação – Universidade Federal do Rio de Janeiro, COPPEAD.

1. Jornalismo Esportivo. 2. Futebol. 3. Análise. 4. Tese (Mestr. – UFRJ/COPPEAD). I. Título.

## RESUMO

SCHMITZ, Antonio Guilherme Filho. **JORNALISMO ESPORTIVO NA COPA DE 1998**: Uma tentativa de análise crítica das críticas.

Orientador: Luiz Osório Cruz Portela. Rio de Janeiro:UFRJ/ECO/IBICT,1999. Diss.

Observando as várias apreciações e análises realizadas pelo jornalismo esportivo, referentes a jogadores e técnicos de futebol, notou-se um procedimento diferenciado em relação às críticas que os mesmos sofriam. Na maioria das vezes, técnicos e jogadores recebiam uma denominação que intencionou interpretar o seu comportamento técnico – tático. Sendo assim, a investigação concentra seu principal enfoque na apresentação das principais críticas jornalísticas feitas a jogadores e técnico da seleção brasileira durante a Copa Ouro e a Copa do Mundo de 1998.

Descritos esses episódios, foi possível fazer uma análise dos aspectos que os fundamentaram, ou das questões que fundamentaram a crítica jornalística esportiva em curso. A exemplo, citam-se os episódios do corte do jogador Romário, a apreciação do árbitro no jogo entre Brasil e Noruega, as avaliações feitas do desempenho do jogador Bebeto durante a Copa, as apreciações dos adversários do Brasil, a interpretação das idéias do técnico brasileiro através das substituições realizadas nos jogos, o caso Ronaldinho e a derrota para a França, entre outros. Desta forma, foi possível relacionar as apreciações jornalísticas provenientes da descrição dos episódios com questões de entendimento técnico - tático, e valores e princípios que norteiam a atividade jornalística. Concluiu-se que as notícias e os comentários, na maioria dos casos descritos, não possuíam uma boa explicação, uma boa fundamentação de natureza tática. Predominantemente caracterizaram-se por serem de natureza pontual, ou seja, abrangiam na sua grande maioria aspectos isolados. Não foi possível perceber uma análise tática do jogo bem explicitada e fundamentada, foram sempre colocações que surgiam isoladamente conforme a posição do comentarista ou analista. Isso caracterizou uma ausência de fundamentação maior das críticas a jogadores e ao técnico. Sob o ponto de vista dos princípios do jornalismo, verificou-se uma regularidade de erros importantíssimos na elaboração e realização destas críticas, ou seja, em muitos casos o jornalista se apresentou como um torcedor ou como se estivesse assumindo a função de treinador. Notou-se, portanto, em relação às apreciações técnico – táticas dentro do jornalismo esportivo, um comportamento não compatível com os princípios da profissão e a conseqüente possibilidade de falsificação dos fatos.

## ABSTRACT

SCHMITZ, Antonio Guilherme Filho. **JORNALISMO ESPORTIVO NA COPA DE 1998: Uma tentativa de análise crítica das críticas.**

Orientador: Luiz Osório Cruz Portela. Rio de Janeiro:UFRJ/ECO/IBICT,1999. Diss.

Observing the several appreciation and analysis made by sporting news, referring to football players and technicians, has observed a difference proceeding in respect to criticism to them. Many times players and technicians received a denomination that intended to interpret their tactics technical behaviour. This way, the investigation had aim to focalize the presentation of the principal sporting news criticism, referring to players and technicians, of Brazilian selection during the Gold Cup and World Cup 1998. After this occurrence, it was possible to make a analyses of this aspects to justify or subject that justify this sporting news criticism.

An example, mention the retirement of player named Romário, the arbiter's appreciation in the game between Brazil and Norway, the evaluations made to performance of the player Bebeto during the Cup, the appreciation of opponents of Brazil, the interpretation of Brazilian's technician through out the substitutions in the games, the Ronaldinho's case and defeat to France and others.

Then, it was possible to relate the sporting news appreciation deriving from description of occurrences with tactics technical agreement and values and origin that command the sporting news activity.

Concluded that, news and commentaries in many cases mentioned, did not pass good explanations and justificatives in their tactics nature.

Predominantly, they characterize by their punctual nature because they embraced in many times in a isolate aspects.

It wasn't possible to perceive the game tactics analysis, in order to fundament their mentions, were a consequence of isolate cases, in the point of view of analysts or commentators. This data characterized a fault of criticism basis to players and technician. In the point of view of journalism, verified a regularity of mistakes very important in an elaboration and realization of criticisms. So, in many cases the journalist presented like a rooster or like he assuming the trainer function.

Observed, therefore in respecting to technical tactics appreciation, inside sporting news, a behaviour was not compatible to principles of profession, and the consequent possibility of adulteration of events.

## AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo empenho e a ajuda para enfrentar esse desafio.

Aos colegas, pela adequação ao novo meio e o incentivo para continuar a escrever a dissertação.

Aos professores do curso.

À minha esposa, grande amiga de todas as horas, por tudo que suportou e ouviu.

Aos meus dois grandes amores: Giulia e Giana.

E ao Luiz Osório (o Leão), amigo inestimável, que possibilitou que tudo se tornasse uma boa idéia.

*O 'burro' existe também para pensar e pesar sua força extravagante, e vagar pelo mundo à procura do que fazer.*

*O homem por sua vez, existe extravagantemente – 'burro', pesando nada e fazendo força em tudo.*

Schmitz Filho

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
PARTE I	
2. A CRÍTICA EM ANDAMENTO – DESCRIÇÃO DOS FATOS	15
2.1 Copa Ouro	15
2.1.1 Os ‘Bad – Boys’	17
2.1.2 Futebol burocrático	21
2.1.3 Futebol inventivo	22
2.1.4 A campanha brasileira na Copa Ouro	24
2.1.5 Zagallo e o auxiliar	28
2.2 Copa do Mundo	35
2.2.1 A apreciação da notícia em fatos relacionados com os jogadores	35
2.2.1.1 O corte de Romário	35
2.2.1.2 Bebeto expiatório	42
2.2.1.3 Giovanni: o morfético	50
2.2.1.4 Taffarel: o contestado	52
2.2.1.5 Dunga e seu desempenho	63
2.2.1.6 Emerson, o desconhecido	69
2.2.2 Apreciação da arbitragem	73
2.2.3 Comentários selecionados dos jogos da Seleção	80
2.2.3.1 Apreciação dos adversários	80
2.2.3.2 A revanche	93
2.2.3.3 A vitória contra a Holanda: a conquista do penta	99
2.2.3.4 Frustração da derrota e a busca de explicação	102
2.2.3.5 Considerações sobre a PARTE I	117
PARTE II	
3. A TÁTICA	135
3.1 Teoria da tática	135
3.1.1 Conceitos	135
3.1.2 Fatores influenciadores	138
3.1.3 Considerações sobre os conceitos e os fatores que influenciam na tática	140
3.1.4 O jogo e seus elementos	143
3.1.4.1 Defesa	143
3.1.4.2 Marcação	144
3.1.4.3 Ataque	145
3.1.4.4 Contra – ataque e equilíbrio defensivo	146
3.1.4.5 Sistema	147
3.1.5 Foucault e o histórico do futebol	149
3.1.6 Considerações sobre a apreciação jornalística de tática em relação às	

críticas ao treinador	161
3.2 Considerações sobre as análises críticas descritas na primeira parte	167
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	172
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	175
6. BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA	180
7. ANEXOS	181



## 1 INTRODUÇÃO

Não é possível negar, atualmente, o poder dos meios de comunicação, pois eles carregam a força onipotente e onipresente de transformar rapidamente conceitos e ideologias. Nesse contexto, milhões de pessoas podem ser expostas e influenciadas por determinadas condutas jornalísticas que, na maioria dos casos atrelam ao seu repertório normas de consumo e estratégias internas orientadas pela relação direta com os picos de audiência, ocasionando a construção de enunciados jornalísticos que se agregam e baseiam-se na condição de tempo e espaço próprios de cada meio.

Nesse sentido, o que é perceptível na realidade jornalística é o aumento na velocidade em disputar espaço de audiência e conquistar excelentes patrocinadores. Às vezes, uma determinada cobertura jornalística entra na disputa do vale tudo para agradar; e os acontecimentos passam a ser ordenados com a intenção de vencer o concorrente na fixação da atenção do público. Matérias e notícias passam a compor um núcleo informativo, que é o mesmo para todos, e nada é produzido ou criado fora desse contexto. A estandartização de determinado acontecimento se dá por dias a fio e enquanto durar a disputa de audiência entre os meios. O público, nesse caso, acaba sendo empurrado e envolvido pela disputa, pois já está sensibilizado pela estética de organização dada pela potencialidade processual dos meios; que se alicerçam fundamentalmente no poder de penetração e de instantaneidade. Portanto, a construção jornalística, como já foi dito, é regida pela ideologia capitalista, que por sua vez obedece à lei da produção e do consumo. Bastante óbvio e claro. Não! A impossibilidade de se perceber o que realmente está em andamento, dada pela velocidade de produção, torna impossível para o voraz consumidor (pela não existência de espaços) estabelecer uma organização própria para os sentidos produzidos.

No espetáculo, no show, na novela e no noticioso; um vínculo especial é estabelecido com o público. O espetáculo esportivo de futebol, principalmente, assume especial importância para o brasileiro de um modo geral. Nossa cultura está impregnada pelo jogo, que em épocas de Copa do Mundo extrapola em proporções, fazendo com que o lazer brasileiro passe a ser embalado pelo fascínio futebolístico; tudo e todos convergem para a alucinada e intempestiva vontade de gritar: GoooooooooIIIIII do Brasil.

“Pasteurizado” o lazer para todas as camadas sociais, via cobertura, em épocas de Copa do Mundo; entender o envolvimento dos meios de comunicação com o lazer (acompanhar a campanha brasileira no evento) passa a ser de fundamental importância. Visto que, principalmente para aquele acompanhante assíduo de transmissões de futebol, é possível observar ou perceber um fato que se repete na cobertura da Copa do Mundo, e provavelmente com maior evidência depois que o evento passou a ser transmitido pela televisão; trata-se das fortes críticas feitas pelos jornalistas esportivos aos treinadores e a alguns jogadores da seleção brasileira. Vários treinadores foram atacados e caracterizados como incompetentes para a função. As construções críticas decorrentes desse procedimento tornaram-se cada vez mais acentuadas, originando a formulação de uma “bula” jornalística que, aparentemente, foi sacramentada com a conquista do tricampeonato mundial, em 70, no México. Momento que definitivamente balizou o futebol brasileiro – “Era de Ouro”; sustentando uma “estética artística” já criada pela tradição do nosso futebol. Nota-se, claramente, que algumas dessas críticas se integraram ao vocabulário jornalístico com tamanha “rapidez e eficiência”, passando a constituir massa discursiva de uso regular.

Houve em todos os casos, acredita-se, bons motivos ou fundamentações que justificaram os selos jornalísticos empregados. A repercussão das críticas, junto à opinião pública, demonstrou e demonstra claramente o poder e a capacidade de penetração dos meios de comunicação. Todos esses selos, mesmo sem uma verificação mais apurada dos fatos, fazem parte de uma tradição e cultura popular do brasileiro. Obviamente que contribuíram para isso as inúmeras repetições das manchetes sobre o tema, nos diversos meios de comunicação. Ou pode algum brasileiro, mesmo o mais distanciado dos acontecimentos futebolísticos, dar-se ao direito de dizer que nunca ouviu ou leu algum comentário a respeito?

Jogadores, quando a serviço da seleção, também serviram e servem de alvo às críticas jornalísticas. Nesse caso, os pontos críticos

variam e se diversificam na dependência de quem é alvo da crítica. Na população dos jogadores destaca-se, também, o que é comum aos treinadores e é realçado como alvo predominante ou como núcleo da notícia: julgamentos sobre sua competência - sua capacidade técnica e tática. Erros e defeitos são via de regra potencializados pelas notícias, servindo de base à atribuição de traços e perfis psicológicos, aos quais são ligados julgamentos e imputados valores quanto à capacidade de desempenho. Tais valores, pode-se dizer, nunca estão totalmente desvinculados de uma lógica já expressa e aceita com bastante facilidade no meio futebolístico.

Assim, o consenso se dá pela manifestação através da linguagem e pela popularização dada na utilização de jargões que formam senso comum em matérias e comentários jornalísticos. Como exemplo destaca-se: o zagueiro que impõe respeito, o artilheiro oportunista, o atacante individualista, o jogador mau peixe, o jogador amarelão, o jogador varzeano, o carregador de piano<sup>1</sup> e o animal.

Historicamente, pode-se citar alguns jogadores que foram criticados ou sob a imagem dos quais divulgaram-se ou criaram-se questões polêmicas e sensacionalistas. Algumas são até hoje utilizadas como ponto de referência e lembrança de determinada época de nosso futebol; e até mesmo dispostas como elemento de relação para o que acontece na atualidade. Assim como Pelé, também Didi, Nilton Santos, Garrincha, Jairzinho e outros são lembrados por seus feitos. Dunga e a era de 90; Branco e a incerteza em 94; Toninho Cerezo e o erro do passe e mais toda turma de 82 que nunca ganhou uma Copa; Zico e o pênalti perdido em 86; Ronaldinho e a dúvida na final de 98; são fatos bem conhecidos do leitor e do espectador, e não raras vezes retornam para reforçar outras críticas do gênero.

Como essas questões envolvem, entre outros aspectos, juízos e julgamentos de natureza esportiva e de caráter técnico e tático, o qual não é a princípio um fato exclusivamente de abrangência jornalística;

---

<sup>1</sup> BARROS, 1972, p. 28.

desperta curiosidade a questão relacionada com os pressupostos teóricos da técnica e da tática assumidos nesses julgamentos. O principal enfoque abordado no texto se concentrou na descrição e apresentação das principais críticas jornalísticas feitas a jogadores e técnico da seleção brasileira durante a Copa do Mundo de 1998 e na análise dos seus fundamentos.

Para tanto, realizou-se um relato do tipo de crítica ou comentário crítico existentes relacionados a treinadores e jogadores da seleção brasileira, durante o período de realização da Copa do Mundo de 1998 (França), destacando principalmente questões de envolvimento técnico - tático ou de competência técnica desses. Incluiu-se o período de preparação, partidas preparatórias e oficiais, onde críticas sobre a atuação da seleção nacional foram debatidas. Nesse aspecto se deu prioridade a situações que, já se sabia de antemão, geraram considerável polêmica na mídia e foram de grande evidência nos meios. Esses fatos ou episódios foram levantados e transcritos para se ter uma visão da perspectiva de análise e da fundamentação que deu suporte à crítica.

Adotou-se como ponto de referência para a realização das análises, o conteúdo da notícia, principalmente sob a perspectiva dos conhecimentos teóricos da técnica e da tática.

Para um melhor entendimento é necessário frisar que os termos jornalista esportivo, jornalismo esportivo e outros termos abrangentes aqui empregados devem ter o seu entendimento restrito aos fatos específicos apresentados no texto. É preciso salientar, ainda, que não é intenção desse trabalho estabelecer reivindicações no sentido de como deve ser o jornalismo esportivo. Procurou-se restringir o levantamento e foi proposta desse a análise dos limites das notícias e comentários feitos, sobretudo os limites das reivindicações implícitas e explícitas nas análises técnico – táticas do jornalismo esportivo. Parte-se do pressuposto de que, se são feitos julgamentos sobre a capacidade e competência técnico – tática de jogadores e treinadores, elas não podem

contrariar o conteúdo técnico teórico existentes na área de estudo específica do tema.

## **PARTE I**

### **2 A CRÍTICA EM ANDAMENTO – DESCRIÇÃO DOS FATOS**

#### **2.1 Copa Ouro**

A Copa Ouro é uma competição organizada pela CONCACAF<sup>2</sup>. Dela participam os países da América do Norte e América Central, e a seleção brasileira foi convidada a participar do evento várias vezes. A última edição, de 1998, foi realizada nos EUA e ocorreu aproximadamente quatro meses antes da convocação da seleção que disputaria a Copa do Mundo. Na oportunidade, foi amplamente divulgado o fato que a seleção brasileira, convocada para a Copa Ouro, enfrentaria como principal problema pelo menos dois aspectos marcantes:

a) A seleção foi para o evento sem uma preparação prévia, específica para competição. Isso é, jogadores foram reunidos e não houve tempo para estruturá-los e entrosá-los taticamente. Não cabe aqui uma crítica a essa constatação.

b) A equipe brasileira não pôde contar com a maioria de suas estrelas, jogadores como Ronaldinho, Roberto Carlos, Rivaldo, Bebeto, César Sampaio, Dunga entre outros, não participaram da competição. O técnico Zagallo reclamou muito, na ocasião, por não poder levar à competição aquele time que na sua concepção seria o time titular para a Copa da França. Um dos motivos apurados foi o excesso de convocação desses jogadores frente à

---

<sup>2</sup> CONFEDERAÇÃO CENTRO-AMERICANA E DO CARIBE DE FUTEBOL.

FIFA. Por terem sido convocados, anteriormente, para outros compromissos com a seleção, esses jogadores preencheram a sua cota de saída estabelecida pelos seus clubes de origem.

As críticas relacionadas aos itens a e b foram justificadas da seguinte maneira:

1º - A agenda de compromissos da seleção, programada pelo patrocinador, e os vários jogadores atuando fora do Brasil não permitiam uma adequação e continuidade de treinamento.

2º - A comissão técnica temia enfrentar problemas para a liberação dos jogadores brasileiros frente a seus clubes.

O interessante a observar é o contexto no qual a seleção brasileira foi convocada e os problemas daí decorrentes. A impressão que se teve, pelas notícias veiculadas na mídia, é que a seleção brasileira que viajou para a Copa Ouro era uma “junção” de jogadores. Junção é uma interpretação que se faz e tenta caracterizar com isso o fato de que jogadores são reunidos, mesmo que excelentes, sem possuírem uma integração maior entre si e, principalmente, em relação a uma estrutura tática definida e previamente preparada, treinada. Esse contexto é importante e imprescindível para poder se fazer uma análise dos fatos que sucederam às apreciações feitas sobre a participação da seleção no evento e às manifestações da mídia a esse respeito.

A seguir, se descreverá alguns dos temas principais que foram destacados na veiculação das notícias relacionadas com o evento.

### 2.1.1 Os ‘Bad-Boys’

Um tema amplamente divulgado foi à convocação dos Bad-Boys. O termo refere-se à imagem existente em relação a Edmundo e Romário e tem a função de caracterizá-los.

A respeito desses jogadores ficou registrada, tanto na cabeça do torcedor quanto nos relatos de seus atos na mídia, uma série de episódios polêmicos envolvendo suas vidas. Devido a isso, foram vinculadas a eles duas imagens bem marcantes:

1ª) Uma negativa, de mau comportamento; pois a dupla tem a fama de ‘brigões’, ‘indisciplinados’, ‘pessoas de pavio curto’, ‘criadores de caso’, irresponsáveis e festeiros. Vários episódios envolvendo suas relações com os adversários, treinadores, dirigentes, torcedores e com os próprios jornalistas, contribuíram decisivamente para a construção dessa imagem. Adiciona-se a esses fatos o enfoque, muitas vezes polêmico, com que foram transcritos e divulgados na mídia.

2ª) Uma imagem positiva, de excelentes jogadores.

Essa imagem dos jogadores se apoia, sobretudo, no desempenho apresentado por ambos nas suas respectivas equipes.

No jornal **Folha de São Paulo**, antes da Copa Ouro, ligado à denominação “Bad-Boys” noticiou-se e veiculou-se o seguinte:

No antetítulo da matéria: “Técnico da seleção chama Romário para formar dupla com Edmundo.”

Logo em seguida o título indicava: “Zagallo convoca ataque de ‘bad boys’ para a Copa Ouro”

O texto relativo ao título iniciou referendando que: “(...) A seleção Brasileira vai contar com uma dupla de ataque formada por ‘bad boys’(meninos maus)”. Caracterizando, ainda, que “(...) os dois atacantes,

conhecidos pelo comportamento polêmico, serão as principais atrações da seleção no torneio.”<sup>3</sup>

O título permite constatar a existência de um sentido ambíguo. O termo “Bad-Boys”, como anteriormente já caracterizado, pode estar relacionado com a imagem de mau comportamento da dupla de jogadores. Realça-se assim, o sentido negativo. Pode-se também relacionar o termo “menino mau” a uma qualidade positiva para o futebol. Isso ocorre pela noção, ou a unanimidade (mentalidade) bastante difundida no meio futebolístico de que jogar futebol é tarefa mais para durões do que para bons meninos. As características de “Bad-Boys” passam então a ser consideradas qualidades ou méritos a serem buscados. Sendo assim, explica-se a proliferação de outros termos como “animal”, que não deixam de ter sucesso de aceitação e divulgação na mídia. Portanto, ter um “animal” no time ou um “menino mau”, “malandro de morro”, ou “malandro de rua”, já seria, considerando a idéia vigente sobre esses conceitos, uma garantia de sucesso esportivo. É, por exemplo, bastante divulgada e conhecida a qualidade principal de um bom zagueiro: “Bom zagueiro, conforme a visão dos futebolistas e alguns jornalistas esportivos, é aquele que impõe respeito ao adversário! Desnecessário é explicar o que é entendido no meio por “impor respeito ao adversário”. Pode-se encontrar jargões desse tipo no acompanhamento de jornais e transmissões esportivas. Sem dúvida nenhuma, essa associação é amplamente aceita na mídia, mais especialmente na cabeça dos torcedores, e acompanha a cultura futebolística. Em síntese, baseado no anteriormente exposto, existem elementos suficientes que sustentariam a relação do termo “Bad-Boys” ao sentido positivo.

---

<sup>3</sup> Ver **Folha de São Paulo**, caderno 3 – p.11, de 22/01/98. Matéria feita por Sérgio Rangel da sucursal do Rio.

\* Fica a pergunta: a que tipo de atração refere-se o jornal: À atração futebolística ou à conseqüência de seus comportamentos polêmicos?

O título sugere ou permite as seguintes conclusões:

- Uma crítica ao técnico (uma interpretação negativa), pois Zagallo convoca pessoas que devido ao seu comportamento não poderiam fazer parte do elenco. O próprio uso da linguagem estabelece que mau é o antônimo de bom, portanto, não pode ser aceito. Via de regra, isso é senso comum. Seriam atração\*, como mencionado, em consequência de seu comportamento polêmico.

- Zagallo agiu corretamente (uma interpretação positiva) ao convocar “os maus meninos”, pois esses são considerados importantes para assegurar bons resultados em uma competição. Eles seriam a atração pelo seu futebol.

A **Folha de São Paulo**, usando de uma disposição comum e regularmente utilizada pelos meios de comunicação, onde o meio revê o próprio meio, e seguindo outros enfrentamentos passados<sup>4</sup>, referenda mais uma vez os “Bad-Boys”, voltando ao tema em outra publicação, utilizando a dupla malvada, ou de maus meninos, agregando-a via título da seguinte maneira: “Bad – dupla e burocráticos na Copa Ouro”<sup>5</sup>

O título dá margem para as seguintes interpretações:

- Que a seleção estará mal representada na Copa Ouro, pois seu elenco será composto de burocráticos e meninos maus.

- Que os maus meninos serão o único ponto positivo numa seleção de burocráticos<sup>6</sup>.

<sup>4</sup> Situação em que Zagallo e a mídia disputam paralelamente um “quem pode mais”. Zagallo de seu lado, afirmava que nunca tinha perdido, portanto um eterno vencedor. A mídia por sua vez, destacava algumas derrotas do “vencedor”. Exemplo disso, a recente atuação do selecionado nacional frente aos nigerianos e japoneses na Olimpíada, e outras mais.

<sup>5</sup> Ver **Folha de São Paulo**, caderno 4, p. 2, em 01/02/98. Por Alberto Helena Jr., da equipe de articulistas.

<sup>6</sup> Não existe a possibilidade de ‘burocráticos’ ter uma conotação positiva, pois, como será demonstrado no próximo item, é dado ao termo, no mesmo jornal, uma conotação negativa.

No texto das matérias, em relação ao tema “Bad-Boys”, não fica bem caracterizada a conotação jornalística pretendida ao termo, se positiva ou negativa. Porém fica claro, como já descrito, a conotação ambígua dos títulos e, portanto, não se pode dizer que essa não é intencional. Supõe-se que a intencionalidade, ou uma das intencionalidades existentes é justamente a criação da ambigüidade. A leitura e análise do conteúdo teórico de livros referentes à elaboração de títulos no jornalismo permite pontuar sua função e intenção. Os títulos são muito bem selecionados, deles é possível extrair uma construção, ou indicações que sugerem uma intencionalidade<sup>7</sup>.

Conclui-se, então, que se os títulos e as notícias anteriores foram construídas de forma a transmitir um significado ambíguo, é por que se esperava transmitir aos leitores, ou parte desses, pelo menos uma das duas conotações possíveis. Não se pode afirmar, conseqüentemente, que a intenção jornalística era de evitar mal-entendidos quanto à compreensão de seu artigo. Justamente o significado do título encontra-se e é mais rico pelo conteúdo e ilustrações que sugere nas entrelinhas, do que pela precisão do que afirma. Também nesse caso, pode-se especular em relação à “parcialidade” do comentário ou da notícia em relação à existência da “neutralidade”. Não se defende aqui ou se exige do jornalismo a possível existência de uma neutralidade total. É desejo apenas a caracterização de que a ambigüidade pode prestar-se para a tomada de posição em relação a uma ou outra das possibilidades sugeridas por ela. Ou ela pode contribuir ou conduzir para uma outra posição que se caracterizaria pela confusão na compreensão. Se o objetivo almejado é confundir a compreensão, a pergunta que se faz é: Quais os interesses que promoveriam essa atitude? Identificar quais seriam estes interesses é uma questão muito difícil de responder.

---

<sup>7</sup> Sobre esta conduta; Fausto Neto faz menção das necessidades que os enunciadores midiáticos têm de indicar os caminhos que os acontecimentos deverão percorrer, bem como organizar uma estruturação que permita determinar causas e conseqüências de possíveis ocorrências. Ver mais sobre o assunto em “O IMPEACHMENT DA TELEVISÃO”, no capítulo: O PODER DE PREVER O PODER DE SENTENCIAR, p.49.

### 2.1.2 Futebol burocrático

Ainda na seqüência da matéria anterior, que tratou dos “Bad-Boys”, o texto chamou a atenção para que se atentasse à composição do meio campo que iria se formar para a Copa Ouro:

“(…) Mauro Silva, Flávio Conceição, Denílson e Zinho. Com exceção do inventivo menino Denílson, os demais são ilustres representantes da mais eficiente burocracia do nosso futebol”<sup>8</sup>.

O texto sugere possibilidades que podem ser interpretadas da seguinte maneira:

- A matéria dá enfoque a uma polaridade ao utilizar-se do destaque ou da contraposição futebol inventivo e futebol burocrático.

- Zagallo, coordenador técnico da seleção brasileira (94), baseado na afirmação acima, parece que herdou de Parreira esses ensinamentos. Considerando-se que Parreira foi detentor de uma era caracterizada, no jornalismo em geral, pela burocracia, pelo defensivismo e pelo futebol de resultados, e como indica o texto, remanescentes da campanha de 94 (Zinho e Mauro Silva), jogadores do time de Parreira faziam parte dos convocados de Zagallo. Parreira, na Copa de 94, foi duramente atacado pela imprensa, que não aceitava as suas concepções de jogo. Ele defendeu-se, na época, afirmando que não estava imitando o jogo europeu, como muitos jornalistas sugeriam e indicavam, mas que na sua opinião, para se praticar a boa escola brasileira de futebol era necessário primeiramente assegurar a posse de bola, portanto, defender em primeiro lugar, para depois atacar. Sua

---

<sup>8</sup> Ver **Folha de São Paulo**, caderno 4, p. 2, em 01/02/98. Por Alberto Helena Jr., da equipe de articulistas.

compreensão tática foi interpretada e ainda parece ser, como uma tendenciosidade ‘burocrática’, considerada ainda hoje, por muitos, como um ultraje à capacidade do jogador brasileiro em criar. O burocrático é considerado um ‘duro’, incapaz de sair de situações variadas, situações novas. Conseqüentemente, isso faz de Parreira e todas as pessoas que o cercam ou trabalham com ele, pessoas sem iniciativa, condicionando seus comportamentos à obediência e nada mais. Um burocrata padrão segue uma hierarquia rígida e se sujeita a regulamentos. Isso sugere, conseqüentemente, que burocracia, defensivismo e futebol de resultados representaram, no contexto da matéria, uma impossibilidade de compreensão do verdadeiro futebol brasileiro. O que assegurou, por sua vez, a sugestão indicada pelo texto de que se determinados jogadores estiverem presentes numa partida no lugar de outros, certamente um determinado comportamento os acompanhará.

### **2.1.3 Futebol Inventivo**

Futebol inventivo é o termo vinculado e caracterizado em anteposição ao de burocráticos praticado pelo técnico da seleção brasileira – Zagallo. À inventividade no futebol brasileiro, ligam-se termos como: futebol arte, futebol lúdico, futebol descompromissado, alegre, infantil e de menino; indicando um entendimento já posto em relação ao jogo. Esse entendimento pode ser visto da seguinte forma, na

#### **Folha de São Paulo:**

Em título indicando que: “Denílson é a imagem lúdica, o encontro mágico”

No texto, caracterizando que:

“(…) Aqueles dribles moleques, partindo da absoluta impossibilidade para criar as mais incríveis situações,

lembram as surpresas tiradas do ar pelos prestidigitadores de circo da periferia(...)"

"(...) E, mesmo depois de ter marcado seu segundo gol num jogo em que deitou e rolou sobre o gramado, deu piques de 30 metros atrás da lateral, para recuperar a bola na sua defesa, numa demonstração clara que, apesar de seu prazer em brincar com a bola, os espaços e o tempo, é um profissional solidário, consciente dos deveres de seu ofício(...)"<sup>9</sup>

Denílson é usado para caracterizar o futebol desejado e defendido por boa parte dos jornalistas esportivos, o qual, como modelo, se contrapõe ao criticado futebol burocrático. No "futebol inventivo", vêem os jornalistas a representação da verdadeira tradição do futebol brasileiro. Essa tradição tem sido descrita e representada através de uma imagem de futebol, a qual vê em jogadores do passado, como exemplo de Garrincha, seus representantes<sup>10</sup>. Frequentemente são feitas na mídia menções a esses jogadores e suas proezas. A esse respeito, Nelson Rodrigues, escrevendo para a Revista Manchete Esportiva, em 19/07/1958, descreve a atuação de Garrincha, em jogo pelo campeonato Carioca de 1958 (Botafogo 2 x 1 Fluminense), salientando que:

(...) O futebol era, nessa terra, um esporte apaixonado, sombrio, cruel. O torcedor já entrava em campo vociferando: - "Mata! Esfola!". Ontem, porém, no Botafogo x Fluminense, sentiu-se uma curiosa reação: - Garrincha trazia para o futebol uma alegria inédita. Quando ele apanhava a bola e dava o seu baile, a multidão ria, simplesmente isto: - ria e com uma saúde, uma felicidade sem igual. O jornalista Mário Filho observou, e com razão, que, diante de Garrincha, ninguém era mais torcedor de A ou de B. O público passava a ver e a sentir apenas a jogada mágica. Era, digamos assim, um deleite puramente estético da torcida(...)

(...)No segundo tempo, quase não lhe deram a bola. E aconteceu o inevitável: - o Botafogo caiu verticalmente. O Fluminense podia ter empatado, até. Mas ficamos num joguinho platônico, um futebol inofensivo, de passes para os lados e para trás. Resta saber: - de quem é a culpa? De uma indigência de recursos táticos? Ou faltou-nos um Garrincha,

<sup>9</sup> Ver **Folha de São Paulo**, cad. 4, p.2, em 23/03/98. Por Alberto Helena Jr., da equipe de articulistas.

<sup>10</sup> Uma coisa caracterizada é a impressão que causa o futebol de Denílson. Para descrevê-lo, os jornalistas se utilizam de metáforas etc. Outra coisa é a exigência de se tentar implementar, operacionalizar e praticar esse tipo de futebol.

com suas penetrações fulminantes, as suas geniais invenções? No primeiro tempo, botafoguenses e tricolores punham as mãos na cabeça: - “Isso não existe!”<sup>11</sup>.

Acredito e suponho que nesses parágrafos acima citados, estão contidas as palavras, talvez os conceitos, enfim o conteúdo da mentalidade de futebol que reflete o espírito, a essência do futebol chamado de inventivo pela mídia; visto que o autor dos mesmos serve de referência para a maioria dos comentaristas, analistas e repórteres esportivos.

#### 2.1.4 A campanha Brasileira na Copa Ouro

Passadas as primeiras etapas: convocação, preparativos e viagem, o selecionado nacional enfrentou o seu primeiro adversário. O resultado da partida foi: Brasil 0 x 0 Jamaica. Esse primeiro tropeço brasileiro não agradou muito, mesmo assim foi inicialmente considerado como uma lição para a equipe. O problema é que na segunda partida do grupo, o Brasil empatou novamente, e pior, frente a uma equipe que segundo apreciações jornalísticas não tinha nenhuma tradição futebolística (Brasil 1x1 Guatemala). Enquanto isso, o técnico brasileiro continuava acreditando nas chances da equipe na competição, e divulgava-as na mídia através de palavras de efeito e outras encenações, propagandeando sua defesa.

Na **Folha de São Paulo**, a paciência dos torcedores presentes ao estádio Orange Bowl, em Miami, foi enfocada em subtítulo como se tivesse chegado ao fim: “Time ganha vaia e palavrões.”

De acordo com o enfoque da matéria, o time brasileiro recebera vaias ao sair do estádio e os torcedores haviam chamado o treinador de “**burro**”. A elaboração dessa e de outras matérias parecem

---

<sup>11</sup> RODRIGUES, 1993, p.62-63.

ser orientadas para trazer ao leitor a idéia de um apoteótico final, o que obviamente queria indicar “que algo deveria acontecer”<sup>12</sup>.

Isso pode ser percebido na relação entre uma característica dada ao técnico via torcedores e manifestada no corpo da matéria, a condição de “burro”. Outro técnico, muito criticado e próximo a Zagallo durante os anos de preparação da seleção para a Copa do Mundo, recebeu esse adjetivo: Carlos Alberto Parreira, na Copa de 94, foi incansavelmente perseguido durante toda campanha também pela condição posta de “burro”. Claro que se pode considerar uma enorme coincidência essa relação, mas em se tratando de técnico da seleção brasileira, e observando a repetição de alguns procedimentos jornalísticos, pode-se ao menos indicar como uma possibilidade de indução, ou seja, como a própria palavra sugere, inspirar, incutir, encaminhar a idéia, quem sabe, a uma associação que passe a determinar uma dada conclusão. Por exemplo, se Parreira, técnico de 94, tinha como auxiliar ou coordenador Zagallo, e era chamado de “burro”, logo, Zagallo, técnico de 98, ligado a Parreira, também deve ser. Mas talvez isso seja apenas coincidência, ou uma interpretação do autor desse trabalho.

A notícia enfatiza o conteúdo da idéia mencionada no subtítulo e no corpo do texto. Se o autor pretendeu reforçar a idéia da associação do time com as vaias e palavrões e a do treinador com a de burro (incompetente, incapaz), o argumento contrário a essa interpretação seria a defesa que afirmava ser o subtítulo e o corpo da matéria apenas reflexo das manifestações observadas. Para se saber até que ponto esse argumento pode ser sustentado seria necessário análises mais profundas da questão, o que não ocorrerá nesse trabalho.

No prosseguimento da competição, a seleção venceu o jogo frente à equipe de El Salvador pelo placar de 4 x 0, se classificando como segundo de seu grupo. As demais posições foram: 1º Jamaica, 3º

---

<sup>12</sup> Ver **Folha de São Paulo**, caderno 3 – p.12, em 07/02/98. Matéria de Arnaldo Ribeiro, enviado especial a Miami.

Guatemala e 4º El Salvador. Esse resultado encaminhou a seleção brasileira para a disputa da semifinal da competição com a seleção norte-americana. Mesmo vencendo com um placar considerado bom (4x0), a seleção e o seu técnico não convenciam totalmente. Alguns pontos surgiram na ocasião, em matéria da **Folha de São Paulo**, compartilhando com o encaminhamento de críticas que já se processavam no meio jornalístico há bastante tempo contra Zagallo. No texto de Alberto Helena Jr., da equipe de articulistas da Folha, quatro itens mereceram destaque, demonstrando os erros do técnico brasileiro. Foram eles:

“1) está escrito nas estrelas que ele é um vencedor; 2) até mesmo quando há tempo disponível, despreza os treinamentos intensivos e repetitivos, sobretudo para arrumar aquela zaga deficiente, por onde já desfilou uma infinidade de jogadores de todos os matizes, o que indica que não se trata de escalação, mas sim de sistema; 3) nega porque nega os males do canhotismo excessivo do nosso meio-campo, apesar das mais claras evidências em contrário; 4) convoca alguns jogadores por orelhada, como é o caso desse menino César, da Lusa, que entrou na maior fogueira”<sup>13</sup>.

No texto, Zagallo foi acusado mais uma vez pelo excesso de confiança, a falta ou desleixo com treinamentos, a colocação de jogadores canhotos na posição “reservada” aos direitos e finalmente a convocação de jogadores por indução de terceiros, caracterizada por um termo que demonstra que o técnico chamava os seus escolhidos de acordo com sugestões feitas ao pé do ouvido por terceiros, de “orelhada”. Também o repórter faz uso da ironia como meio de crítica (ver item 1).

Na semifinal da Copa Ouro enfrentamos os donos da casa, os norte-americanos. E parece que as assombrosas profecias foram cumpridas, batemos com os burros n'água. Depois dos magros empates frente à Jamaica e Guatemala, e da reabilitação frente a El Salvador, sucumbimos na semifinal e perdemos por 1 x 0. O que pensar de agora em diante, o que esperar de uma seleção desse porte, e o que pensam nossos dirigentes e nossos atletas?

---

<sup>13</sup> Ver **Folha de São Paulo**, caderno 4 – p.2, em 08/02/98. Por Alberto Helena Jr., da equipe de articulistas.

A **Folha de São Paulo** indicava que Zagallo achava que a culpa dos péssimos resultados foi indicada pela “síndrome dos gols perdidos”. Mesmo assim ele se dizia muito satisfeito e acreditava que a derrota serviria de lição para a preparação definitiva que se anunciava, e que, de maneira alguma, o bom futebol brasileiro poderia se abalar com o resultado do jogo.

Os jogadores por sua vez, segundo a matéria, achavam que “o time se preparou mal.”

Liberando de certa forma o ataque que se aglomerava frente ao técnico brasileiro, o jogador Romário chamava a culpa do que aconteceu para o seu desempenho, dizendo que a culpa foi sua pela quantidade de oportunidades que havia perdido de fazer gols. A matéria foi concluída com uma consideração que soou como reprimenda nacional, indicando que: “(...) Por causa da desclassificação, a TV Globo desmobilizou parte de sua equipe em Los Angeles e não deve transmitir a disputa do terceiro lugar, no domingo. (...)” Como a emissora pode ser considerada uma das mais importantes tevês de canal aberto brasileira, sua iniciativa demonstrou mais uma vez que o mais interessante para a construção da audiência é a vitória da seleção<sup>14</sup>.

No andamento da competição, o Brasil acabou vencendo a disputa pelo terceiro lugar frente aos jamaicanos pelo placar de 1 x 0, a Globo também transmitiu o jogo, embora tivesse anunciado a possibilidade de não o fazer. O que se processou depois do campeonato foi uma avalanche de indicações a respeito da eficiência do técnico brasileiro, que culminou com a sua chegada ao Rio logo que a Copa Ouro terminou.

### **2.1.5 Zagallo e o auxiliar**

---

<sup>14</sup> Ver **Folha de São Paulo**, caderno 3 – p.16, em 12/02/98. Por Arnaldo Ribeiro, enviado especial a Los Angeles.

No jornal **Folha de São Paulo e Zero Hora**, Zagallo foi mostrado desembarcando no Rio (ver anexo A). A Folha o apresentava com um olhar confuso, e a legenda de foto indicava que ele “se irrita com o suposto auxiliar”<sup>15</sup>, indicação cogitada de se realizar devido a sua campanha dirigindo a seleção nos EUA. No jornal **Zero Hora**, Zagallo também foi apresentado em foto, como se estivesse sendo abordado e surpreendido pelos jornalistas (ver anexo B), acompanhada do seguinte título: “Zagalo fica à espera de uma intervenção”

O subtítulo também reforçou a possibilidade da CBF em nomear um auxiliar para Zagallo. Seguindo a linha de raciocínio que se pretendia impor na matéria, o texto deu conta de salientar a intervenção que se anunciava amplamente nos meios jornalísticos, devido ao “**fiasco**” da seleção brasileira na Copa Ouro e ao “**mediocre terceiro lugar**” conquistado. Segundo o texto, Zagallo continuava com a história de que não existia um Zagalo para Zagallo, referência ao cargo ocupado por ele na Copa de 94. Por isso, no texto, foi transcrita a seguinte fala do técnico:

“Para mim esse assunto já está superado, já que na época em que assumi a Seleção, perguntei ao doutor Ricardo Teixeira quem seria o Zagalo do Zagalo e ele me disse que este cargo estava extinto, porque não haveria ninguém com a minha experiência para assumi-lo”

O texto também comenta que Zagallo continuava com a “**ladainha**” de que nada havia mudado na seleção e que a Copa Ouro servira como lição, da qual se pode tirar boas conclusões das atuações brasileiras, e que, mais uma vez, os resultados serviram para mostrar que o Brasil não era favorito para a Copa. No mesmo contexto, e compondo a mesma diagramação, surgiu outro subtítulo, abaixo da foto do treinador desembarcando no Rio, destacando o seguinte: “Ex-craques questionam os métodos do treinador”

Os ex-jogadores apresentados foram: Carlos Alberto Torres (capitão de 70), Tostão (também campeão em 70), e Junior (que disputou

---

<sup>15</sup> Ver **Folha de São Paulo**, caderno 3 – p.10, em 18/02/98. Da sucursal do Rio.

as Copas de 82 e 86). O mais contrário a Zagallo era Carlos Alberto Torres, que, segundo transcrições feitas na matéria, dizia que:

1 - “O Zagalo é um técnico superado”

2 - “O Zagalo manda os laterais subirem ao ataque, coisa que eu já fazia há 40 anos”

3 - “E essa história de número 1, que o Zagalo disse que descobriu, já existe há mil anos e não deu certo.”

Já Tostão e Junior foram mais amenos, Tostão comentou que Zagallo é que deve querer ou não um auxiliar; isso, segundo Tostão, deveria partir do próprio Zagallo, de sua vontade. Junior destacou que nunca viu uma seleção ganhar uma Copa sem um auxiliar, e que Zagallo deveria levar um, mesmo que fosse pelo aspecto de superstição<sup>16</sup>.

O que se sucedeu, a partir daí, foi uma interminável disputa de querer e não querer o dito auxiliar. Vários nomes foram levantados pela imprensa como os possíveis ocupantes do cargo. Entre eles aparecem: Wanderley Luxemburgo, Luis Felipe Scolari, Nelsinho, Paulo Autuori e outros. Toda essa confusão terminou com a indicação feita pela CBF. O escolhido foi o ex-jogador Zico e tudo pareceu se encaminhar a um ‘Grande Final’, amplamente noticiado, fotografado e transmitido pela televisão.

Voltando ao retorno de Zagallo ao Brasil, dois títulos apurados na **Folha de São Paulo** resumiam o ataque em andamento:

- “Vão mandar o velho Lobo passear no bosque?”
- “Zagallo em xeque.”

O primeiro título fazia parte de matéria organizada pela equipe de articulistas da **Folha de São Paulo**, e indicava, entre outras coisas, que Zagallo parecia manter algumas “posições sentimentais” em relação a alguns postos específicos dentro da seleção, como por exemplo,

---

<sup>16</sup> Ver **Zero Hora**, p.62, em 18/02/98.

os casos de Dunga e Taffarel. O técnico, segundo o articulista, teria um estilo muito “espalhafatoso” e se assemelhava muito ao “velho Jânio Quadros” quando intencionava se manter na boca do povo, só que, para o articulista, a “boca do povo hoje em dia entorta quando pronuncia o nome do técnico”. Mas, o mais interessante, mais uma vez, ficou por conta da caricatura que equilibrou a coluna. O desenho caricaturado parecia com Zagallo, que usava um chapéu semelhante ao da lebre maluca, de Alice no País das Maravilhas. A esse chapéu prendia-se um número ‘um’ vermelho, que era atado por um cordão que também prendia uma carga explosiva às suas costas. Um ovo parecia ter sido atirado nesse chapéu. O personagem da caricatura segurava um campo de futebol, desses usados para mostrar movimentações aos jogadores, o campo tinha dois furos, como se quisesse indicar que a concepção tática do treinador fosse ‘furada’. Ele ainda tinha um tênis enfiado em uma das mãos, que poderia sugerir a idéia de estar invertendo as coisas, como se diz na linguagem popular: ‘trocando os pés pelas mãos’<sup>17</sup> (ver anexo C). A figura do velho foi utilizada, ao que parece, pejorativamente em todo o contexto; começando via título e terminando na caricatura, que indicava falência, envelhecimento, ou até mesmo a morte. Zagallo foi ligado às duas situações, na ocasião. Primeiro via título, Lobo, que é parte de seu nome; depois via caricatura, feita em cima de características fisionômicas suas. Zagallo foi duplamente envelhecido neste contexto. A caricatura sugeria um velho caquético, que incomodava, ocupando um lugar que não era mais seu, pois estava velho. Na sociedade, de um modo geral, essa imagem é associada a exemplos em que o velho é discriminado quando procura ou tenta manter-se em atividade, trabalhando e, na maioria das vezes, bate com a cara na porta. Uma dignidade não permitida mais em nossa sociedade. Segundo, o conceito pejorativo avoluma-se mais quando Zagallo é comparado a Jânio Quadros, pois o Presidente do Brasil ficou conhecido por suas atitudes. Jânio é lembrado por uma foto muito

---

<sup>17</sup> Ver **Folha de São Paulo**, caderno 3 – p.12, em 19/02/98. Por José Geraldo Couto, da equipe de articulistas.

famosa, onde aparece com os pés virados um para cada lado, explorada na ocasião, na tentativa de criar sentido de como se ele não soubesse o rumo certo de seu governo. E a famosa frase de Jânio, que dizia que: “Forças ocultas querem me derrubar”. Ao comparar Zagallo com Jânio, direciona-se ou tenta-se induzir um juízo já posto no passado.

O segundo título foi a grande chamada. Tomou toda a parte superior na diagramação da página e discorreu sobre feitos do treinador no passado e, principalmente, sobre a sua irritação frente à possibilidade de trabalhar com outro treinador. Indicava que com a “má performance da seleção brasileira na Copa Ouro”, Zagallo parecia ameaçado em sua posição de técnico. A CBF, segundo o texto que se assemelhava ao de **Zero Hora**, nesse ponto, mostrava indícios de chamar um auxiliar para o técnico brasileiro<sup>18</sup>.

Já Paulo Roberto Falcão, em sua coluna no jornal **Zero Hora**, referindo-se ao período de incertezas, resumia suas preocupações em relação ao:

“Sistema defensivo – Não sei quem será o auxiliar de Zagalo, mas torço para que seja um especialista em organizar defesas. O maior problema da Seleção é o seu sistema defensivo. Do meio para a frente os craques resolvem.”

Esse foi o comentário inicial realizado na coluna, substituindo o título em sua posição tradicional. O título veio logo abaixo, indicando a posição de Falcão ao opinar que o auxiliar que vinha anunciando-se deveria ser: “O segundo técnico”.

Depois do título, Falcão destaca os nomes já especulados por outros jornais para o cargo de auxiliar, e diz que não parecia mais haver dúvidas de que Ricardo Teixeira escolheria um auxiliar para compor com Zagallo uma dupla de técnicos. Falcão pontuava no texto que o escolhido deveria compartilhar “das idéias táticas” de Zagallo e acima de tudo ter personalidade para questionar Zagallo quando necessário. Fechando

---

<sup>18</sup> Ver **Folha de São Paulo**, caderno 3 – p.14, em 19/02/98. Da reportagem local.

assim o ponto de vista por ele defendido de que o escolhido deveria entender de organização defensiva, sua maior preocupação<sup>19</sup>.

Wianey Carlet, outro colunista do jornal Zero Hora, um dia depois de Falcão ter escrito sobre as suas preocupações em relação ao auxiliar de Zagallo, cobrou do colega colunista o seguinte: “Puxa, Falcão, que idéias?”<sup>20</sup> Carlet se referia às indicações que Falcão fizera em relação à condição do auxiliar de Zagallo. Para ele a sugestão de que o auxiliar deveria entender as idéias de Zagallo era impossível, visto que este não as tinha.

Como já antecipado, essa “pendência futebolística” durou até a chegada de Zico.

Nesse contexto, Zico assumiu sua função na seleção e começou a trabalhar na partida amistosa entre Brasil e Alemanha, em Stuttgart (2 a 1). Interessante observar a foto publicada pela **Folha de São Paulo**, durante o treinamento da seleção na Alemanha: no recorte fotográfico, o auxiliar Zico apareceu em primeiro plano em posição quase que de sentido à frente do técnico. Zagallo vinha atrás dele, um pouco abaixado, parecendo entrar em sua sombra. Os dois olham na mesma direção, o olhar de Zico parecia mais impositivo (ver anexo D). Isso talvez não representasse muita coisa, mas Zico já estava à frente de Zagallo por vontade de alguém.

Depois o Brasil enfrentou os Argentinos no Maracanã e perdeu por 1 a 0, novamente apoteóticas considerações desandaram pelos meios e, enfim, a seleção foi convocada para a Copa, para que em dezoito dias estivesse apta a estreiar frente aos escoceses na partida de abertura. Era o Brasil rumo ao penta, ou como repetia aquela chamada televisiva, “todo mundo tenta, mas só o Brasil pode ser penta!”<sup>21</sup>

Sintetizando o anteriormente descrito e analisado, pode-se sugerir que talvez os jornalistas responsáveis pela elaboração das matérias relatavam ou tentavam

---

<sup>19</sup> Ver **Zero Hora**, caderno de esportes, p.11, em 23/02/98.

<sup>20</sup> Ver **Zero Hora**, caderno de esportes, p.45, em 24/02/98.

<sup>21</sup> Parte da chamada promocional da Rede Globo de Televisão, elaborada especialmente para a Copa do Mundo de 98.

traspasar a idéia da confusão que foi a convocação para a Copa Ouro. Isso pode ser visto na colocação ou disposição dos temas abordados (Bad – Boys, burocráticos e inventivos). “Bad – Boys” serviu para uma interpretação ambígua, que por sua vez se prestou para dificultar a clareza da informação. Como também os “burocráticos” serviram para o mesmo fim. Como entender taticamente o que se pretende com a exposição desses temas no futebol? Como eles se caracterizam? Seria possível implementá-los? E mais ainda, logo em seguida, o termo ou o sentido do que se pretende “inventivos” é disposto de forma antagônica aos burocráticos do futebol. Como, então, situar as diferenças do que é uma coisa e do que é outra? Onde se situa o mérito de um e outro, e quais os pontos que os fundamentaram? Por que Mauro Silva e outros são representantes da mera burocracia? O que significa canhotismo excessivo? A vinculação de termos e idéias que não foram devidamente explicitadas, ou que não puderam ser entendidas ao certo, induzem os leitores a dar vida aos enunciados e tentar solucioná-los ou elucidá-los dentro de suas cabeças.

O que sobressai também é a questão relacionada ao sentido ou a condição de defesa. Por que parece que marcar é uma atitude burocrática? Nesse contexto, os burocráticos parecem se associar à disciplina tática e ao futebol europeu.

Outra constatação da Copa Ouro é que críticas surgiram em relação ao mau desempenho da seleção e várias foram as causas apontadas como responsáveis pelo resultado negativo obtido. A principal causa sugerida foi o treinador com a sua falta de competência técnica. Entre os comentários e argumentações vistas anteriormente no texto, Zagallo foi considerado superado. As causas e as críticas à derrota da seleção foram atribuídas predominantemente a questões de natureza técnico – tática.

Na análise de causas uma questão importante, sob a perspectiva da teoria do treinamento e preparação de equipes, pouco mencionada é a caracterização do contexto mencionado na página quinze. As condições onde tudo se originou podem ter contribuído para o resultado. Sob a perspectiva da teoria de planejamento e preparação de equipes, as condições apontadas poderiam ser fortes determinantes do resultado pois elas têm influência direta na qualidade técnico – tática. Sob a ótica dos manuais de treinamento, a harmonização técnico – tática da equipe tem como pré - requisito básico tempo suficiente para a preparação. Também o sucesso tático da equipe é dependente da qualidade técnica dos jogadores e do seu entrosamento. A pergunta a ser respondida é:

se a responsabilidade da convocação de última hora e o pouco tempo de treinamento é unicamente ou parcialmente do treinador? Como já mencionado, os erros e os problemas técnico – táticos apresentados durante a Copa Ouro podem ser apenas decorrentes ou conseqüências previsíveis dessa situação. Sendo assim, permanece a hipótese aberta de que a análise dos erros técnico – táticos poderia ser conseqüência e não causa do resultado negativo. Caso isso se confirmasse, o responsável pela situação das convocações e condições de treinamento seria quem também deveria responder pelos resultados obtidos. Na posição de leitor – observador, não é possível responder essa questão. Objetiva-se, com a formulação dessas hipóteses, verificar em que medida pode-se excluir outras possibilidades, que não as questões de caráter técnico – tático e a incompetência técnica do treinador, como responsáveis principais pelos resultados da Copa Ouro. Com isso, pretende-se caracterizar o fato de que é muito difícil uma análise de situações, principalmente técnico – táticas, sem uma apurada análise de outros aspectos, nem sempre visíveis de contexto. A análise de questões técnico – táticas, fundamentadas principalmente no resultado esportivo, será ponto de análise posteriormente nas considerações finais da PARTE I.

## **2.2 Copa do Mundo**

## 2.2.1 A apreciação da notícia em fatos relacionados com os jogadores

### 2.2.1.1 O corte de Romário

No intervalo entre o jogo de Bilbao e a partida frente à seleção de Andorra, Romário foi cortado da seleção. O jogador não havia treinado com bola desde que chegara à França, devido a uma lesão. Esse episódio foi explorado pela mídia na forma de conflito, e a comissão técnica da seleção brasileira foi o principal foco das divergências apuradas pela imprensa. O que se constatou foi o seguinte:

No jornal **Folha de São Paulo**, o caso foi apresentado com o seguinte título: “Caso Romário racha e deprime a seleção”.

Abaixo desse título, vinha uma foto de Zico, Américo Faria e Zagallo. A disposição dos elementos na foto dava a impressão de que Américo Faria se colocava de maneira a intermediar, de estar entre Zico e Zagallo. Zico, na foto, olha para um lado e Zagallo para outro, eles pareciam estar divergindo, pelo menos no olhar (ver anexo E). O texto dá conta de uma crise no interior da comissão técnica da seleção brasileira. Os personagens são dispostos em: o a favor da permanência de Romário, e o contrário a sua permanência. Segundo o texto, Lídio Toledo afirma que definitivamente não haverá mais cortes, portanto, é o personagem a favor da permanência de Romário. Zico é apresentado como o personagem contra a permanência de Romário, pois, como sugere a matéria, ele “deseja fim rápido”. A matéria afirma que Zico não se sentia seguro em relação ao caso e era favorável a uma solução mais rápida e precisa, pois a situação de Romário, segundo ele, não inspirava segurança para a composição do grupo prestes a ingressar na competição. Assim, quando questionado sobre a situação do corte na seleção e de quem seria a decisão, ele respondia: “A bola está com a comissão técnica, é

arriscado ficar com alguém parado há três semanas para prepará-lo durante a Copa”<sup>22</sup>.

O jornal **Correio do Povo**, em manchete de capa, indicava: “Zagallo já admite cortar Romário”

O texto salienta que Zico persuadiu Zagallo para a “eliminação” do jogador da lista de convocados. Zico é apresentado em foto na última página, sozinho, colocando a mão na frente, como se quisesse afastar algo (ver anexo F). Nessa mesma página, um subtítulo equilibra a foto de Zico pelo lado esquerdo, indicando o descontentamento do jogador Romário com o coordenador: ‘Ele quer me prejudicar’. O texto descreve que Romário telefonou a um amigo da FSP e desabafou, e mais, salienta no final uma denúncia do atacante, “Zagallo não quer que me tirem. Zico quer me ver fora já para que o time possa se recuperar a tempo”<sup>23</sup>.” Nessa breve apreciação, já se pode perceber que Zico começa a figurar ou ao menos adquire uma posição antagônica às duas outras figuras, que dado os fatos, passaram a ser importantes (Lídio e Zagallo). O técnico e o médico, em nenhum momento são apresentados como opositores de Romário e sua permanência na seleção. Zico é apresentado como a figura que sempre cogitou a possibilidade de se observar melhor a situação definitiva do atleta e instigava seu corte.

A **Folha de São Paulo** também sugere esse pensamento através da ênfase em matéria que salienta: “o Coordenador é influente”. O texto, na seqüência, indica que Zico já havia feito três “vítimas” desde que assumiu. O jornal enfatiza que, mesmo que Romário, nessa ocasião, ainda não estivesse cortado, e os outros integrantes da comissão técnica afirmassem que não haveria cortes, Zico foi quem sempre lutou para que isso se confirmasse. Outras vítimas de Zico são apresentadas pelo texto, como por exemplo, Denílson, que por sugestão do coordenador teria sido preterido por Giovanni para jogar junto com Rivaldo, tendo em vista a convivência dos dois no Barcelona. O texto indica que Giovanni, mesmo

---

<sup>22</sup> Ver **Folha de São Paulo**, caderno 4 – p.1, em 29/05/98. Por Alexandre Gimenez, João Carlos Assumpção e Marcelo Damato, enviados especiais a Ozoir-la-Ferrière.

<sup>23</sup> Ver **Correio do Povo**, Capa e p.28, em 29/05/98.

afastado da seleção, foi convocado para compor o grupo da Copa e confirmado como titular. Isso seria uma obra do coordenador. O jogador Juninho, cortado, teria sido mais uma das vítimas de Zico<sup>24</sup>.

Sobre a temática “**vítimas**” do coordenador, o jornal **Correio do Povo** destacou que “Zico teria também cortado Juninho”, e destacou o parecer do fisioterapeuta Nivaldo Baldo, responsável pela reabilitação de Juninho, um ataque direto ao coordenador. Em menção a Baldo, a matéria afirma que Lídio Toledo telefonou a Juninho e disse: “Se você é meu amigo, e está jogando isso tudo após a contusão, não se preocupe, pois estará no grupo que irá para a Copa”. Na matéria, o fisioterapeuta teria afirmado que o responsável pelo corte de Juninho foi Zico. Segundo o jornal, o fisioterapeuta teria ainda afirmado que o coordenador sofreu um “**trauma**” com a lesão do passado (Copa de 86). Zico teria sido convocado lesionado e, de acordo com o fisioterapeuta, isso teria limitado a sua avaliação em relação à recuperação de outros atletas. O jornal conclui expondo que a pessoa que possibilitou a Zico tamanha influência foi “Zagallo que abaixou a cabeça diante da imposição de Zico, complementando que Lídio Toledo e Paulo Paixão não fizeram valer as informações colhidas em Madrid para avaliar o meia”<sup>25</sup>. O episódio a que se refere o fisioterapeuta foi por ocasião da viagem que Lídio Toledo e Paulo Paixão fizeram à Espanha para observar a primeira partida de Juninho depois da recuperação. Na ocasião, Lídio confirmou que o jogador estava bem e que sua participação na partida transcorreu normalmente.

Nesse contexto Romário foi cortado. Antes, porém, através das várias manifestações da mídia, houve uma pressão enorme em torno do caso Romário. Foram semanas de exploração e enfoque polêmico do assunto por parte da mídia. Na maioria das vezes, a tônica da reportagem ficou mais no sentido e nas suposições existentes nas entrelinhas dos textos e das matérias.

---

<sup>24</sup> Ver **Folha de São Paulo**, caderno 4 – p.4, em 31/05/98. Da reportagem local.

<sup>25</sup> Ver **Correio do Povo**, p. 23, em 04/06/98.

Constata-se que Zico foi bastante exposto no caso, por seu posicionamento frente à situação e pela exposição dada pelos meios de comunicação. Isso já havia ficado bem evidente através das matérias apuradas nos jornais.

O narrador Edu Lima da Rede Record de Televisão, em cobertura, apresentou a matéria e tratou o episódio da seguinte forma:

- A comissão técnica da seleção não quer mais confusão sobre o assunto Romário, Zagallo disse hoje como vai ser daqui pra frente.

Eli Coimbra (repórter) - Melhorou Romário?

Zagallo - Oi!

Eli Coimbra - O Romário melhorou?

Zagallo - Presta atenção. Romário, evidente que quem escala o time sou eu, mas porque houve tanto burburinho, tanto bochincho, nós indicamos uma pessoa para falar sobre o problema do Romário, o Zico quando vier por aí, preste atenção! O Zico depois que eu falar, vai falar sobre o Romário ( risos ), se vai ser cortado, se não vai ser cortado, o que é que é. É com ele, vamos dividir o negócio.

Depois dessa declaração apurada junto a Zagallo, o repórter vai de imediato a Zico e pergunta:

Eli Coimbra – “Ô Zico, porque de repente você é que vai resolver o problema...”

Zico interrompe imediatamente o repórter: - Eu não vou, não vou resolver não...

O repórter rebate: Pô! O Zagallo falou que é você...

Zico novamente interrompe: Depende como você coloca, eu não vou resolver não! Eu vou falar sobre o caso, não é resolver, o problema, quem resolve, é toda uma comissão técnica.

O repórter repete: Só você que fala!

Zico revida: Olha a colocação.

O repórter insiste: Só você que fala!

Zico: Hoje, eu falo do caso, de que no dia 2 nós vamos definir a lista dos 22<sup>26</sup>.

Destaca-se na entrevista acima, a falsificação da fala de Zagallo quando da entrevista com Zico (fala x resolve problema). Nesse ponto, fica ainda mais clara a tentativa de apontar Zico como o único responsável pela decisão de afastamento de Romário. Sugere que tudo o que aconteceu ao jogador ocorreu por vontade de Zico.

A consequência imediata do afastamento de Romário foi possível de se verificar através das ameaças proferidas a Zico. Cenas na televisão mostraram, por ocasião da chegada de Romário ao Rio, garotos vestidos com a camisa do Flamengo, rasgando um pôster de Zico quando esse usava a camisa do Flamengo. Depois de rasgado o pôster, os meninos fizeram menção de comer os pedaços, numa clara alusão de agressividade a Zico. Mesmo que essa manifestação tenha sido considerada de uma minoria, as imagens enfocaram e, conseqüentemente, valorizaram muito a questão. Estimularam assim, de certa forma, uma apreciação que reforçava a situação de Zico como “vilão”.

Por sorte, não se tem notícia de agressões a Zico e a sua família. Porém, não era descartada a possibilidade de que alguma manifestação mais forte de revolta, por parte de torcedores fanáticos, viesse acontecer.

Na tevê Globo, segue a cobertura ao corte de Romário e às polêmicas envolvendo o assunto. A emissora apresenta uma matéria que conta como o corte do jogador foi anunciado pela comissão técnica, e complementa com a coletiva dada por Romário à imprensa. Nesse ponto, o apresentador da emissora comenta que Romário, magoado e decepcionado, insinua que alguém não o queria na seleção. O jogador aparece falando o seguinte: “a tristeza de uns é a alegria de outros”. Organizando um desfecho para a história do corte, a mesma emissora

---

<sup>26</sup> Gravação da Rede Record de Televisão, inserção no jornal da Record (meio dia), cobertura da Copa em 30/06/98.

sugere uma conduta para o que aconteceu dentro da comissão técnica. O médico Lídio Toledo faz o papel de quem apostava na recuperação do atleta e indicava segurança ao técnico quanto à recuperação. Zico faz o papel da voz que convence Zagallo de que Romário teria de ser cortado. Nesse momento, uma imagem em plano médio é apresentada, em que Zico está entre Lídio e Zagallo. Então surge a pergunta: QUEM O CORTOU? Logo depois o narrador que ancorava os telejornais da França, Willian Boner, destacava uma matéria feita por Pedro Bial, que visava apurar o aumento da autoridade de Zico e como o coordenador agiu dentro da comissão técnica. A matéria começa, então, pelo vexame da Copa Ouro e pela saída encontrada pela CBF, nomeando Zico como coordenador de Zagallo e, conseqüentemente, usando da credibilidade que o ex-jogador possuía. Pedro Bial salientou:

Pedro Bial (repórter) - Zagallo engoliu! Seria a nomeação do “Galinho<sup>27</sup>” apenas um golpe de marketing? Seria Zico a voz do presidente da CBF no vestiário? Seria muito barulho por nada? O que seria, seria, a personalidade forte de Zico foi se impondo aos poucos.

A matéria prosseguiu e foi conduzida por entrevistas que Pedro Bial fez com Zico. Numa delas, sugeriu que Emerson foi convocado por indicação de Zico, que ao contrário de Zagallo, incluía Denílson entre os atacantes da seleção, achando, por isso, mais importante a convocação de um reserva para César Sampaio. À frente, Pedro Bial relacionou a determinação e o arrojo de Zico como atacante no passado, com a frieza, a discrição à quase invisibilidade do coordenador na atualidade. Ressaltou que o coordenador estava se revelando: “...um dirigente com determinação de Gaúcho e táticas mineiras”, ao qual o próprio Zico respondeu, dizendo: “...eu sou carioca”.

Galvão Bueno, narrador oficial da emissora, em inserção no jornal da noite, fala das mudanças na seleção brasileira depois do corte

---

<sup>27</sup> “Galinho de Quintino”, apelido carinhoso de Zico, nos tempos em que jogava profissionalmente futebol.

de Romário e salienta que “...muda também o equilíbrio no comando da comissão técnica, ficando evidente, a cada dia, a ascensão, a autoridade de Zico...”<sup>28</sup>

No jornal **Correio do Povo**, o título destacava: “Romário chora na despedida”. E as mesmas articulações feitas por outros jornais e emissoras são exploradas em relação às disputas anunciadas no interior da comissão técnica. Zagallo foi apresentado como aquele que proporcionou a Romário todas as chances. Lídio e Zico disputaram também, na articulação da diagramação, quem melhor conduzia o olhar do leitor para a foto de Romário chorando (ver anexo G). Uma relação entre o que foi pronunciado no dia 28 de maio e no dia 02 de junho (dia do corte), pelos três personagens do conflito, se destacava em cima das fotos. E, mais uma vez, Zico foi apresentado, pelas palavras de Romário, como o grande vilão, como alguém que queria prejudicá-lo. E a legenda da foto de Zico sacramenta: “Zico saiu fortalecido do polêmico episódio.”<sup>29</sup>

Em síntese, pode-se dizer que algumas emissoras condenaram a atitude dos torcedores, outras, não. As imagens agressivas de revolta e descontentamento com Zico foram bastante exploradas. Muitas vezes, sem se posicionar sob o aspecto da agressão, reportagens sobre possíveis ameaças à família do jogador também foram ventiladas.

Foi claramente constatada a intenção de tematizar um desequilíbrio no interior da comissão técnica da seleção. Lídio Toledo e Zico foram os protagonistas dessa disputa que culminou com o corte do atleta. Por mais que alguns meios indicassem a situação de que Zico fora prejudicado com a sua exposição no caso, ele, segundo os próprios meios, parecia por outro lado ter assumido uma condição de destaque dentro da comissão. Zagallo foi novamente atingido, pois a maioria das sugestões indicavam haver uma nova voz de comando na seleção, e que essa voz era de Zico.

#### **2.2.1.2 Beбето Expiatório**

---

<sup>28</sup> Gravação da Rede Globo de Televisão, do programa Globo Esporte (inserção ao meio dia) e jornal da noite, cobertura da Copa em 04/06/98

<sup>29</sup> Ver **Correio do Povo**, p. 24, em 03/06/98.

“Contra os noruegueses, o coro voltou, acompanhado das críticas da imprensa, principalmente de São Paulo, que sempre batalhou por Müller no lugar do botafoguense. Se o ataque não rendeu, a culpa é de Bebeto, que não estaria substituindo Romário à altura. Como há falta de movimentação na frente, recriminam o veterano de 34 anos. Falam mal até se ele reclama de uma falta sofrida... Enfim, o Bebeto de 1998 está preocupado em não acabar sendo o Dunga de 1990”<sup>30</sup>.

O jogador Bebeto, antes mesmo de ter sua convocação confirmada para a seleção brasileira, já era alvo de críticas, sua posição foi muito questionada. Ele, segundo algumas preferências jornalísticas, estaria ocupando a vaga que deveria ser de Müller.

O jornal **Zero Hora**, tematizando essa disputa, trouxe em matéria, a seguinte pontuação:

O título destacava que: “Zagalo ainda deve algumas explicações”

O texto articulou-se em quatro itens que, pela ordenação, seriam questões que o técnico brasileiro deveria explicar melhor no referente à convocação de alguns jogadores.

No terceiro item, surgiu a pergunta: “Por que Bebeto?”

E no item quarto, o texto perguntava: “Por que não Müller?”

As duas questões baseavam-se no contexto que não se satisfazia com a convocação de Bebeto. No item ligado a este jogador, o texto fazia menção, em resposta à pergunta, do não entendimento de por que Zagallo preferia o jogador. E mais, segundo o texto, Bebeto não passava de **“uma imagem”** desde a Copa de 94, pois não apresentava mais um bom futebol. Fracassou em todos os times que jogou, até chegar ao Botafogo (último clube do jogador antes da Copa), e concluiu sugerindo que: “Zagalo talvez goste do seu eterno ar de bom menino.”

---

<sup>30</sup> Ver **Revista Placar/Especial Copa 98**, nº 3, p. 12-13, em 24/06/98.

No quarto item, em menção a Müller, o texto novamente tenta responder à pergunta; que não entendia como as últimas atuações de Müller não conseguiam fazer com que Zagallo o convocasse. Para o texto, o técnico respondia essa questão dizendo sempre que não convocaria Müller para ocupar uma posição na meia cancha da seleção, visto que o jogador era um ponta – de – lança. O texto, então, voltou-se contra esse posicionamento do técnico e concluiu: “...ninguém quer Müller no meio. Ele poderia ser um reserva do ataque, ocupando a vaga do pouco útil Bebeto.”

Nesse ponto, já era possível perceber que Bebeto começava a incitar um descontentamento no meio jornalístico de maneira geral, mesmo que inicialmente ele tenha sido atacado com mais regularidade pela imprensa paulista. Sua presença na seleção não convencia, ele desagradava. E ao desagradar, sua imagem foi pejorativamente veiculada e todas as suas ações começaram a ser depreciadas (como a de alguém que estivesse estorvando). Exemplo disso pode ser visto na coluna de David Coimbra, no jornal **Zero Hora**, no dia da estréia do Brasil na Copa. O texto começou falando da maneira como os jogadores brasileiros entrariam em campo para a partida de abertura (de mãos dadas, como era costume) e na seqüência se referiu ao jogador como um ‘velho’, dispondo a sua figura da seguinte maneira:

“Se bem que, olhando com atenção, poxa, lá está o Bebeto, saltitante como um cabrito montês. O que é que o Bebeto está fazendo lá, Cristo? O Bebeto tinha de estar assistindo à Copa da cadeira de balanço da casa dele, enrolado no edredom, tomando gemada, de lencinho na mão, chorando ante à cerimônia de abertura que ele achou tão, mas tão linda. Só o Zagallo para levar o Bebeto mesmo<sup>31</sup>.”

Na estréia do Brasil na Copa do Mundo, Bebeto foi novamente criticado. Além de ter sido escolhido para expiação crítica por uma determinada parcela do jornalismo, ele também passou a ser angariado por outras correntes que, a partir do momento em que o jogador passou a ocupar a vaga deixada pelo jogador Romário, na

<sup>31</sup> Ver **Zero Hora/Encarte Jornal da Copa**, p.4, em 10/06/98.

posição de titular, protagonizou o desejo de muitos em ver naquela posição outros jogadores. Nesse sentido, ele foi apresentado como ocupante da vaga que segundo posições jornalísticas próprias, credenciavam ou Edmundo ou Denílson para a titularidade ao lado de Ronaldinho no ataque brasileiro. Bebeto, nesses casos, foi avaliado como uma figura que impedia a “inventividade” de Denílson se manifestar em campo; ou não deixava que a “fúria” de Edmundo estourasse, atravessasse os adversários.

No jornal *Correio do Povo*, em matéria que descrevia a atuação do jogador nos treinamentos na França, seu descontentamento em relação às críticas proferidas saiu em título, destacando que: “Bebeto faz gols e critica analistas esportivos”.

A indignação do jogador apareceu no texto em tom de desabafo, que foi mostrada no jornal por meio de várias transcrições; uma das mais fortes foi a seguinte:

“Cheguei gripado à França e todo mundo ficou me criticando; no jogo contra a Escócia, não errei nenhum passe. Quem está me criticando não entende de futebol”<sup>32</sup>.

Bebeto passou a ser, regularmente, destaque nas críticas nas transmissões dos jogos do Brasil, seu desempenho e suas atuações foram consideradas de várias formas pelas emissoras que cobriram o evento. Durante o jogo de abertura, o narrador do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), chamou a atenção para a entrada de Denílson no time brasileiro, e se dirigiu ao comentarista destacando:

Sílvio Luis (Narrador) – ...é o Denilson, China!

Juarez Soares (Comentarista) - É o Denilson que vai entrar, número 19 do Brasil, evidente que o Zagallo quer ganhar o jogo, acho que ele tem que tirar o Bebeto, aí ele acerta o time...Eu falei isso porque nos outros jogos quando ele coloca o Denilson ele tira o Rivaldo. Eu só espero que o Zagallo não faça isso hoje, né Orlando?

<sup>32</sup> Ver *Correio do Povo*, p.24, em 15/06/98.

Orlando Duarte (Comentarista) - Claro que não, nem deve, nem pode, porque o Denilson tem que surgir como elemento para desbaratar qualquer sistema defensivo, se tocar rapidamente a bola vai entrar na boca do gol.

Sílvio Luis (Narrador) - Se ele fizer isso, nós vamos dar um cacete neste tal de Zagallo, se ele tirar o Rivaldo, vai tomar cacete<sup>33</sup>.

Na transcrição do diálogo, se caracterizou, pela ótica dos comentaristas e do narrador da emissora, uma impossibilidade de Bebeto continuar no jogo. Tendo em vista as posições ou opções que o técnico deveria utilizar.

No segundo tempo, o comentarista da Rede Manchete chama atenção para a substituição do jogador Giovanni, que segundo sua opinião tinha sido sacrificado no jogo, e destaca a necessidade de mais uma substituição, dizendo que:

Milton Neves - ...mais uma substituição vai acontecer já, já, hein? Ou o Edmundo, que já deveria ter entrado jogando no lugar do Bebeto, ou então o Denilson que vai botar fogo no jogo.

Bebeto, nesse ponto, pelo posicionamento do comentarista, já estaria se encaminhando para a substituição. Mesmo assim, minutos mais a frente, ele reiterou o que o técnico já deveria ter feito, mostrando impaciência com o time brasileiro em campo.

Milton Neves - ...como fatalmente o Zagallo mexerá no time dentro de 10, 15 minutos, colocando o Edmundo ou o jogador Denilson, porque não mudar o time já, imprensando mais lá atrás o recuado time da Escócia, porque não precisamos de tantos zagueiros como o Dunga e o Sampaio, e como o Dunga vem de contusão e fatalmente não agüentará os 90, que saia já! Para a entrada do Denilson ou do Edmundo, ou então a saída imediata do Bebeto que tá mal no jogo, para entrar o Edmundo, tem que mexer no time já, assim não dá, não!

---

<sup>33</sup> Gravação do Sistema Brasileiro de Televisão, transmissão do jogo entre Brasil e Escócia, em 10/06/98

O jogo continuava empatado, o comentarista fazia, então, uma projeção da situação da equipe brasileira na competição, e comentou dizendo:

Milton Neves - ...eu gostaria de ver o time mais para frente com a entrada do Edmundo, que deveria ser titular no lugar do Bebeto...

Logo depois desse comentário, Denílson entrou no time brasileiro, e narrador e comentarista da Rede Manchete travaram o seguinte diálogo:

Paulo Stein (Narrador) - É boa a substituição, hein Milton?

Milton Neves - Ah, mas é ótima! O Denilson tem que ser titular desse time, como o Edmundo também, o Bebeto, devemos muito a ele, o que ele fez em 94, mas o Bebeto acabou, o Bebeto jogou muito pouco, entendeu? O Denilson vai colocar fogo no jogo, podemos até perder no contra-ataque, mas joga muito o Denilson, tá certo o Zagallo, mas eu tiraria até um volante para tornar o time mais ofensivo.

A seleção brasileira desempatou o jogo, Milton Neves se mostrou entusiasmado com a entrada de Denílson e arriscou um prognóstico para Bebeto, dizendo que:

Milton Neves - ...mas o Denilson, com cinco minutos de jogo, já mostra realmente que tem que ser titular, ousou imaginar que o Bebeto não volta também.

No debate que a Rede Manchete promoveu logo depois do jogo, o analista de arbitragem dá seu parecer sobre o desempenho de Bebeto, dizendo que:

Armando Marques (analista de arbitragem) - ...o Bebeto é um jogador, pode ser muito técnico mas não tem pilha, ele não incendeia, ele não disputa, ele não é audacioso, ele não tem audácia, o Edmundo tem audácia, como tem esse menino, o Denilson<sup>34</sup>...

---

<sup>34</sup> Gravação da Rede Manchete de Televisão, do jogo de abertura da Copa e do debate realizado depois do jogo, em 10/06/98.

O desempenho do jogador Bebeto também foi alvo de avaliação na transmissão da Rede Record de Televisão. A seu respeito foi dito que:

Mário Sérgio (comentarista) - Olha aí Luis! Eu acho que o Brasil está no momento exato de trocar o Bebeto, se nós tínhamos uma peça nua no primeiro tempo, e foi trocada, e muito bem trocada, que foi o Giovanni, agora é o momento certo, justo de tirar o Bebeto, o Bebeto tá atrapalhando as ações ofensivas do time do Brasil, nesse momento!<sup>35</sup>

O Brasil se encontrava, agora, disputando a segunda partida dentro do seu grupo (Brasil x Marrocos). Nessa partida em especial, Dunga e Bebeto discutiram em campo, o comentarista da Rede Manchete, Milton Neves, se mostrou preocupado com as possíveis reações do jogador Bebeto, que foi repreendido por Dunga. Ele opinou na ocasião, depois que Bebeto fizera o gol no segundo tempo, dizendo ao narrador que:

Milton Neves (comentarista) - ...quando você não gostava do rosto do Bebeto, eu ia chamá-lo, mas houve aí o lançamento, aliás nem lançamento, recuperou bem a bola Ronaldinho, pra dar a ele, Bebeto, o gol, porque a minha preocupação é em relação ao Bebeto, olha como ele agradece, esse gol é muito importante pra ele, porque pressionado com a presença do Denilson no banco, e todo mundo pedindo o Denilson, e ele levava essa bronca mundial pela televisão, e todo mundo viu, do jogador Dunga. Mas experiente, está reagindo bem, eu imaginava que ele ia sucumbir, até porque um dia chorou, por isso que é chamado por muita gente, o Bebeto nhém, nhém, nhém, esse gol pode recuperar o Bebeto para a Copa<sup>36</sup>.

A análise mais incisiva sobre o desempenho do jogador Bebeto foi realizada no debate promovido pelo Sistema Brasileiro de Televisão, depois do jogo da seleção brasileira frente à seleção chilena. Na ocasião, o jornalista que comandava o debate se dirigiu a um dos comentaristas e perguntou:

Osmar de Oliveira (Jornalista) – Silvio?...

<sup>35</sup> Gravação da Rede Record de Televisão da transmissão do jogo de abertura, em 10/06/98.

<sup>36</sup> Gravação da Rede Manchete de Televisão da transmissão do jogo entre Brasil e Marrocos, em 16/06/98.

Sílvio Luis (Narrador) - Fala...

Osmar de Oliveira - Denilson ou Bebeto, é a pergunta?

Sílvio Luis - Eu prefiro, outra vez...

Osmar de Oliveira - Ué!...

Sílvio Luis - Denilson!...

Osmar de Oliveira - Denilson, disparado?...

Sílvio Luis - Aaaa...

Osmar de Oliveira - Mas a minha...

Sílvio Luis - Bebeto, Bebeto parece, parece aqueles João Bobo que você bate e cai, aí ele cai, aí ele levanta, aí bate nele, ele cai, aí ele faz assim ( o comentarista fez careta de bobo ), olha pro Lídio e faz assim ( o comentarista fez careta de bobo ), pô Bebeto, tem dó<sup>37</sup>.

Por outro lado, foram feitos alguns comentários favoráveis a Bebeto. Isso pode se verificar, ainda na transmissão da Rede Manchete, no debate depois da partida frente ao Chile, quando o técnico Paulo Autuori foi questionado a respeito da atuação do Bebeto pelo analista de arbitragem que compunha a mesa. Seu posicionamento foi o seguinte:

Armando Marques (analista de arbitragem) - ...Seu Paulo, o senhor conhece bem o Bebeto, faça uma análise do Bebeto nessa Copa e especialmente no jogo de hoje.

Paulo Autuori (comentarista) - Eu acho que o Bebeto no primeiro tempo esteve bem, se movimentou bastante, procurando o jogo, brigou pela posse de bola, entendeu. Dificultou a saída de bola do adversário. Muito tem se falado do Bebeto em termos negativos, eu não concordo, não concordo mesmo, acho que ele pode produzir mais como todos podem, podem e devem produzir mais, mas na primeira parte acho que foi um jogador que se movimentou caiu, tentando procurar o espaço, tocando a bola de primeira sem prender, o que é importante, e essa é uma das boas características do Bebeto, ele faz bem , acho importante para a equipe<sup>38</sup>.

<sup>37</sup> Gravação do Sistema Brasileiro de Televisão do debate realizado depois do jogo Brasil x Chile, pelas oitavas de final, em 27/06/98.

<sup>38</sup> Gravação da Rede Manchete de Televisão, do debate realizado depois do jogo Brasil e Chile, pelas oitavas de final, em 27/06/98.

No jogo frente aos dinamarqueses, o jogador Bebeto foi novamente substituído por Denílson. Essa alteração foi vista como errada por um dos analistas da Rede Globo, que reagiu desta forma à substituição feita pelo técnico brasileiro:

Galvão Bueno (narrador) - Essa alteração, Romário, se o Denílson joga na ponta, o Ronaldinho tá lá dentro, alguém tem que subir, porque se tem melhor, e você dizia, Romário, era o Bebeto junto do Ronaldinho.

Romário (comentarista) - Na minha opinião, esse foi o maior jogo do Bebeto, é uma coisa engraçada que acontece, Galvão, sempre quando o Bebeto tá subindo de produção no jogo, ele sai, eu realmente não entendo<sup>39</sup>.

A esse respeito, Bebeto também foi analisado em outra emissora (Rede Manchete), que destacou:

Branco (comentarista) - ...falando de Bebeto, que muita gente pede para o Bebeto, ah! o Bebeto tem que sair para entrar o Denílson, mas aí que vale a experiência, vale a tarimba de um jogador decisivo como ele, mais uma vez o Bebeto mostrou a sua cara, vamos dizer assim, mostrou o quanto é importante pra seleção<sup>40</sup>.

### 2.2.1.3 Giovanni: o morfético<sup>41</sup>

---

<sup>39</sup> Gravação da Rede Globo de Televisão, transmissão do jogo Brasil e Dinamarca, pelas quartas de final, em 03/07/98.

<sup>40</sup> Gravação da Rede Manchete de Televisão da transmissão do jogo entre Brasil e Dinamarca, pelas quartas de final, em 03/07/98.

<sup>41</sup> Título do **Jornal Zero Hora**, encarte Jornal da Copa, p.6, em 11/06/98.

Outro jogador também foi alvo de severas críticas. Giovanni, que saiu jogando como titular na partida de estréia e foi substituído no intervalo do jogo, teve seu desempenho avaliado da seguinte maneira na Rede Globo de Televisão:

Willian Boner (narrador) - ...Marrocos tá chegando aí, a gente vai com Giovanni?

Galvão Bueno (narrador) - O Giovanni não fez uma boa partida não, o Giovanni foi o pior jogador da seleção brasileira no primeiro tempo, Leonardo entrou muito bem, a cada dia o Leonardo é mais titular da seleção brasileira, deu mais ritmo, deu mais velocidade, aliás as alterações foram muito boas, Zagallo foi muito feliz<sup>42</sup>...

A revista *Placar* vinculou a atuação de Giovanni transcrevendo uma posição de Zico a esse respeito:

“ELE JOGOU UM FUTEBOL BUROCRÁTICO. MESMO QUANDO TINHA ESPAÇO TOCAVA PARA O LADO<sup>43</sup>”

No jornal *Zero Hora*, Giovanni foi considerado por sua atuação frente à Escócia, da seguinte maneira:

“Minha impressão foi de que o interior da cabeça de Giovanni é um terreno lodoso e escuro onde não há vida, apenas gases mortais, odores fétidos. É claro que estou dizendo que Giovanni tem problemas de raciocínio. Mas isso não é nada, jogadores com faculdades mentais limitadas cavalgam às manadas pelos gramados do mundo. O problema é que Giovanni é tacaño demais, é tímido demais. Um bom rapaz, verdade, mas, coitadinho, leva no peito uma alma contida de seminarista novato. Giovanni é o próprio matuto sertanejo que fita o horizonte com o olhar vazio e não fala, não se move, nem pensa. Só existe.<sup>44</sup>”

No jornal *Correio do Povo*, o título destacava: “Zagallo já pensa em mudar a equipe”

<sup>42</sup> Gravação Rede Globo de Televisão, inserção jornal da noite, depois do jogo contra a Escócia, em 10/06/98.

<sup>43</sup> Ver Revista *Placar Especial Copa 98*, nº 1, p.18, em 11/06/98. Matéria de Sérgio Xavier Filho e Sérgio Garcia.

<sup>44</sup> Ver jornal *Zero Hora*, encarte especial da Copa, p. 6, matéria de David Coimbra, em 11/06/98.

O texto fazia menção ao descontentamento de Zico e Zagallo com a atuação do jogador Giovanni. Zico, no texto, fazia a mesma observação indicada pela revista *placar* (a de classificar a atuação do jogador de burocrática). Zagallo, segundo a matéria, não teria poupado o jogador, considerando a sua atuação “apática”<sup>45</sup>.

Alguns jornalistas e comentaristas consideraram que Giovanni foi presa de um sistema tático imposto pelo técnico. Para eles, o jogador deveria atuar como jogava em seu clube (Barcelona) e não limitado às tarefas que o treinador havia pedido que executasse.

No Sistema Brasileiro de Televisão o apurado a este respeito foi o seguinte:

Sílvio Luis (narrador) - ...é, realmente, o nosso querido Giovanni num tá lá nas suas melhores tardes.

Juarez Soares (comentarista) - Quando a gente fala aqui do Giovanni, é porque o Giovanni tá sendo presa de um esquema tático que ele não sabe jogar, a torcida do Santos que viu ele jogar, Belém do Pará, o Barcelona, onde ele jogou, ele é um jogador criativo, às vezes até ele é brilhante, ele é um jogador de ataque, o futebol dele sendo marcador do jeito que tá hoje é um desperdício.

No segundo tempo da partida, o jogador Leonardo entrou no lugar de Giovanni no time do Brasil. O comentarista do Sistema Brasileiro de Televisão complementa a sua hipótese em relação à situação de Giovanni, dizendo que:

Juarez Soares - ...Então, só para encerrar o negócio do Giovanni, Giovanni é a mesma coisa que o Zinho na Copa de 94, foi escravo de um esquema tático, se prejudicou, nessa Copa é a vez do Giovanni, realmente não jogou bem, mas acho que preocupado em atender às especificações táticas do Zagallo, o Giovanni acabou não fazendo nem uma coisa nem outra<sup>46</sup>.

O comentarista da Rede Manchete de Televisão também concordou com a hipótese de que Giovanni estaria sendo sacrificado por um esquema tático, dizendo que:

---

<sup>45</sup> Ver jornal *Correio do Povo*, p. 20, em 11/06/98.

<sup>46</sup> Gravação do Sistema Brasileiro de Televisão, da transmissão do jogo entre Brasil e Escócia, em 10/06/98.

Milton Neves (comentarista) - Olha, a aplicação tática do Giovanni, ela é aplaudida quando o time goleia, quando o time joga bem, quando o time ganha título, como não tá jogando tão bem e sofreu o empate, ele foi, eu entendo, corretamente sacrificado aí, porque ele tem que atacar, defender e armar. Acabou saindo, porque não agradou nas três funções<sup>47</sup>...

#### **2.2.1.4 Taffarel: o contestado**

A equipe brasileira disputou a vaga para a grande final, ou seja, mais um passo para se tentar a conquista do tão almejado e aclamado pentacampeonato. O jogo foi muito difícil e disputado, como geralmente ocorre numa semifinal. Nessa competição em especial, a prorrogação foi ainda mais penosa porque a partida poderia terminar com o “Golden Gol”, quem fizesse o primeiro gol na prorrogação seria proclamado o vencedor e o jogo terminaria ali. Isso não aconteceu, foi preciso disputar a semifinal frente aos holandeses nos pênaltis. A vitória foi extraordinária graças às boas cobranças realizadas pelos jogadores, à magnífica atuação do goleiro Taffarel e à sorte. Sabe-se que a figura do goleiro é muito delicada, porque esse jogador, em específico, está sempre entre a fama e o fracasso. Ele obrigatoriamente defende porque é sua obrigação e toma gols porque é ruim. Ocasionalmente faz atuações espetaculares e aparece como herói. Foi exatamente o que aconteceu com Taffarel. Desde muito tempo sua posição na seleção foi muito contestada, alguns achavam que ele era jogador de preferência e de confiança do técnico Zagallo, outros o colocavam no asilo dos jogadores que não tinham mais idade para seleção, outros o criticavam por acharem que não jogava nada nos clubes que atuava, portanto péssimo para a seleção, alguns poucos talvez o consideravam como o goleiro ideal. Assim, a figura de Taffarel foi se construindo desde que atuou pela última vez na final de 94. Agregou-se a tudo isso a sua participação na Copa América de 95, principalmente na partida contra o Uruguai, no gol de falta.

---

<sup>47</sup> Gravação da Rede Manchete de Televisão, da transmissão do jogo Brasil e Escócia, em 10/06/98.

Taffarel, na ocasião, foi duramente criticado por aquela atuação, inclusive o presidente da CBF, Ricardo Teixeira, foi um dos que criticou o goleiro. Taffarel decidiu, então, abandonar a seleção. Mais tarde e avaliando com calma o acontecido, voltou atrás na sua decisão e resolveu jogar novamente. Alguns aplaudiram sua iniciativa, outros pareceram não gostar muito. A questão posta, em relação a Taffarel, pode ser avaliada de várias formas ou desencadear vários pensamentos.

Será que as críticas feitas ao jogador foram elaboradas a partir de questões regionalistas em relação à seleção nacional? Será que sua posição na seleção foi contestada por preferências e não por um crivo mais apurado em relação à tarefa que desempenhava? Ou ainda, quem pode com segurança afirmar que tal ou tal são os ideais para determinada função e determinada ocasião? O que fica presente é que muitas discussões perdem-se no vazio sem explicações mais qualificadas, e que nesse meio ficam posições que na maioria das vezes não podem ser interpretadas adequadamente, a não ser que se considere o impulso emotivo ou a preferência pessoal. Neste sentido foi possível destacar pontos críticos em relação ao desempenho do goleiro Taffarel, que foi apresentado em legenda de foto no **Jornal do Brasil** da seguinte maneira: “Taffarel, amado por uns e odiado por outros, iguala, em sua terceira Copa, a marca de Gilmar e Leão de quatorze partidas em mundiais.”

A matéria descrevia que:

“...se não é uma unanimidade, Taffarel conseguiu pelo menos dividir as opiniões. Chega aos quatorze jogos defendendo o gol da seleção brasileira em partidas da Copa do Mundo. Detestado por alguns, sempre à procura de uma falha ou super valorizando o erro que em outros goleiros seria considerado comum, e defendido por um grupo não tão barulhento como o dos críticos, mas com alguns nomes de peso. Entre eles, o técnico Zagallo. “É um goleiro experiente, que tem toda a minha confiança”, diz o treinador<sup>48</sup>”.

O jogador, portanto, seguiu para a Copa sem cativar uma parte dos jornalistas. Isso pode ser percebido em algumas transmissões,

---

<sup>48</sup> Ver **Jornal do Brasil**, p.4, em 23/06/98.

recorrendo a apreciações feitas durante a partida preparatória para a Copa em Bilbao. Taffarel cometeu um erro no lance do gol espanhol. Para o analista de arbitragem da Rede Globo de Televisão, que avaliou o desempenho de Taffarel, o goleiro errou ao rebater a bola que originou o gol espanhol, pois, segundo sua opinião, o juiz havia indicado com a sinalização pertinente ao lance, tiro indireto no momento da falta, ou seja, uma cobrança em dois lances. Assim, segundo o analista, o goleiro brasileiro deveria ter deixado a bola seguir o seu curso normal, depois da cobrança autorizada pelo juiz, e até mesmo permitir que a bola entrasse no gol, pois o tiro como foi destacado pelo analista, era indireto. E caso a bola entrasse sem tocar em ninguém (direto), o gol seria invalidado.

A seguir, relata-se o acontecido:

Aos 19 minutos, numa cobrança de falta realizada pela esquerda do ataque espanhol, o time de Bilbao fez o primeiro gol da partida. O goleiro Taffarel espalma a bola rebatendo para dentro da área do Brasil, ela cai nos pés do atacante espanhol que se encontrava livre, ele aproveita a oportunidade e conclui com sucesso. O narrador da Globo, Galvão Bueno, pergunta ao comentarista de arbitragem:

Galvão Bueno (narrador) - Arnaldo César Coelho, alguma irregularidade no gol, Arnaldo?

Arnaldo César Coelho (analista de arbitragem) - É impressionante como o Taffarel não conhece regra, o juiz deu tiro indireto. Veja com o braço levantado! ( chama a atenção para o replay) Era só deixar a bola entrar, que não valia o gol, era tiro de meta, e o Taffarel vai e não presta a atenção, e defende parcialmente e o gol foi legal porque o Taffarel não conhece regra.

Mauro Naves (repórter de campo) - Mas houve o desvio no chute!

Galvão Bueno - Arnaldo, havendo o desvio no chute valeria?

Arnaldo César Coelho – Exato. Se houve o desvio tudo bem, mas pela imagem, pela repetição, pelo replay, não se viu desvio, se viu um chute direto, o jogador chutou direto ao gol. Eu não vi desvio nenhum, a não ser que vindo em câmera lenta possa ter havido o desvio.

Galvão Bueno - Confesso que também não senti, não vi nenhum desvio não. Olha o Zagallo irritado, daqui a

pouco nós vamos repetir para você, vamos ter o intervalo, o show do intervalo para mostrar isso.

De acordo com o procedimento anterior, o narrador reforça a questão do conhecimento das regras, concordando com o comentarista de arbitragem a respeito da falha do goleiro Taffarel, evidenciando mais uma vez o desconhecimento dos jogadores brasileiros no referente a regras de futebol, dizendo:

Galvão Bueno - ....porque essa coisa que o Arnaldo disse que o Taffarel não conhece regra, não conhece mesmo, porque jogador nenhum conhece, é uma desinformação que é uma coisa, principalmente no jogador brasileiro, se bobear você pergunta para algum deles, quais são os três adversários na Copa, eles não vão acertar os três nomes.

No intervalo da partida, o goleiro Taffarel, procurado pelo repórter de campo, relatou que viu a bola bater em Roberto Carlos (jogador disposto na barreira), e que por isso ele foi na bola. Essa confirmação foi apurada pelo repórter, porque no intervalo o narrador havia prometido rever o lance para precisar ou não a falha do goleiro brasileiro, salientada pelo comentarista de arbitragem da emissora. O repórter disse ainda que falou com o preparador de goleiros da seleção, e que ele confirmou que o Taffarel comentou com ele que a bola bateu em Roberto Carlos no momento da cobrança da falta. O narrador, por sua vez, disse que as imagens estavam sendo preparadas para a realização de uma nova análise.

O repórter de campo chamou a atenção, por ocasião do lance, de que a bola havia batido em alguém. Situação que levou o narrador a perguntar ao eufórico comentarista se dessa forma o lance seria validado, obtendo do mesmo uma confirmação.

O jogo recomeçou e o Brasil sofreu uma falta no ataque. O narrador aproveitou a parada do jogo, e então chamou pelo comentarista de arbitragem para novamente analisarem o lance do gol dos espanhóis.

Galvão Bueno - Arnaldo César Coelho, você aí pra nós.

Arnaldo César Coelho - A regra é bem clara, vê ( chama atenção para a imagem que é congelada inicialmente na posição do braço do arbitro e depois o lance é repetido em slow) tiro indireto, ele bate (chama atenção para a cobrança do jogador espanhol), o Roberto Carlos vai pular vamo vê...o Roberto Carlos pula, a bola não toca no Roberto Carlos! Mas o goleiro Taffarel acha que ela tocou e por isso ele foi na bola. E por isso ele soltou a bola no pé do jogador espanhol. E falhou! Mas essa bola não tocou no Roberto Carlos!<sup>49</sup>

Com essa indicação, ficou clara a posição do comentarista em relação à atitude do goleiro. Ele, o comentarista, depois de rever várias vezes o que aconteceu, mantinha a sua posição inicial: o goleiro brasileiro havia falhado no lance do gol espanhol. No entanto, quando o replay foi acionado e a imagem realçada no momento do salto de Roberto Carlos, quando este compunha a barreira, a bola bateu no jogador. Mesmo assim, o analista continuou mantendo sua posição em relação ao erro do goleiro. Talvez sua opinião baseou-se no comentário de descrições anteriores<sup>50</sup>, as quais indicavam que Taffarel e Dunga estariam na seleção por uma posição sentimental do técnico em relação aos dois, ou seja, eles apenas estariam na seleção pelo desejo de Zagallo e não pelas suas qualidades como jogadores.

Seguindo o mesmo fato polêmico discutido na Rede Globo, na Rede Bandeirantes de Televisão, quando o narrador pediu uma análise dos pontos positivos e negativos da partida, que estava chegando ao seu final, um dos comentaristas conclui a sua apreciação do jogo dizendo:

Roberto Rivelino (comentarista) - ...E só outro lado hein, Taffarel hein, muito mal, a única que foi entrou.

Luciano do Vale (narrador) - Taí o jogo passado a limpo pelos dois, Rivelino e Gerson, práticos, objetivos, pá, pá, nota, positivo, negativo, é isto aí, aqui na Band é assim, e quem fala é campeão do mundo, só isso<sup>51</sup>.

<sup>49</sup> Gravação da Rede Globo de Televisão da partida amistosa entre Brasil e Athletic Bilbao, em 31/05/98.

<sup>50</sup> Ver página 30.

<sup>51</sup> Gravação da Rede Bandeirantes de Televisão do amistoso da seleção brasileira com a equipe de Athletic Bilbao, em 31/05/98.

O que se nota é que, na Bandeirantes, o goleiro Taffarel, também foi avaliado pelo gol que sofreu. O comentarista deixou bem clara a sua posição quando salientou que a única bola que foi ao gol o goleiro falhou, deixou entrar permitindo, portanto, que seu desempenho fosse avaliado na condição de “muito mal”.

Depois do jogo, em outra emissora, a TVE, domingo à noite, no programa Cartão Verde, os apresentadores aproveitaram que na composição da mesa um dos convidados era goleiro, e perguntaram se houve ou não a falha do goleiro Taffarel por ocasião do gol espanhol em Bilbao.

Juca Kfourri (jornalista) - ...Olha aqui, fazendo um suspense também, eu sei que não é uma resposta fácil pra alguém da profissão. Afinal a bola bateu no Roberto Carlos hoje, ou não bateu, na hora que o Brasil tomou o primeiro gol?

Velloso (goleiro) - Ah, eu não vi direito.

Flávio Prado (jornalista) O Roberto falou que bateu..

Velloso - Eu vi uma vez só. A falta foi batida, e o Taffarel rebateu, mas não deu realmente, eu tava conversando, tava com os amigos, não prestei atenção.

Flávio Prado – Não. O Roberto Carlos falou que bateu.

Juca Kfourri - \_Achei que foi pelas costas.

Flávio Prado - É bateu. E o Taffarel, aí que tá, no meu modo de entender, e o Velloso pode até ajudar a gente, ele devia ter ido com mais definição na bola, ele foi, até ele ter ido na bola, que primeiro, poxa, porque se foi que tava dois lances, parece que a bola, parece não, bateu com certeza; segundo detalhe, aí me pareceu que faltou sabe, tirar a bola prá valer mesmo, ele ficou, falseou um pouquinho.

Velloso - Eu não vi o lance, mas quando a bola, muda de trajetória, no caso de resvalar em alguém é complicado, tomei um gol assim no Parque Antártica contra o Santos também, porque, você projeta o seu corpo para um lado, a bola vai para o outro, você fica totalmente desequilibrado, perde a coordenação, aí pode acontecer qualquer coisa.

Flávio Prado - Você se desfaz dela, é mais ou menos isso?

Velloso - Até prá dentro, você pode colocar, porque você está desequilibrado né, você já projetou todo o seu peso para um lado e tenta voltar, realmente é difícil, é difícil uma defesa quando você já partiu para um lado, e a bola, desviada, vem para o outro<sup>52</sup>.

Apurou-se que, em um primeiro momento, foi consenso a falha do goleiro no lance, pelo desconhecimento das regras. A seguir, sem uma análise mais apurada da situação, mesmo existindo indicativos para tal procedimento, parte-se para uma avaliação de Taffarel com a conclusão de que agiu “muito mal”.

Já no debate, domingo à noite, ainda parecia existir algumas dúvidas na criação polêmica do gol. O narrador da emissora, mesmo recebendo a confirmação de que a bola bateu em Roberto Carlos, ao encaminhar a pergunta ao goleiro que compunha a mesa, reportou-se ao fato afirmando que o goleiro “falseou um pouquinho”. O que se percebeu inicialmente é que em nenhum momento o goleiro foi procurado, pelas emissoras vistas, para se apurar o que realmente aconteceu. E se isso foi feito não apareceu nas transmissões que foram utilizadas para descrição. Mesmo assim, o que ficou evidente e claro, foi o imediatismo com que o acontecimento foi tratado. A primeira condição foi a de constatar a falha, para logo em seguida indicar quem a cometeu. Pode parecer um lance isolado e de pouca importância, mas se tratando do goleiro Taffarel, um goleiro muito criticado pela imprensa, que o considerava inapto para a tarefa, o lance mereceu destaque.

No Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), no debate que era realizado todas as noites; depois do jogo em Bilbao, salientou-se que:

Osmar de Oliveira (jornalista) - ...Mas alguém jogou mal hoje, Silvio?

Sílvio Luis (comentarista) - Não, jogou mal, jogou mal, hoje, quando você vai...Jogou mal, o Taffarel! Jogou mal!

---

<sup>52</sup> Gravação do programa Cartão Verde da TVE, na noite depois do jogo em Bilbao, no dia 31/05/98.

Osmar de Oliveira - Ah, Isso que eu queria escutar...

Sílvio Luis - O Taffarel jogou mal...

Osmar de Oliveira - Esse tá dando susto...

Sílvio Luis - Mas eu já falo tanto do Taffarel, que já tá parecendo, sabe, que eu peguei no pé do cara...

Osmar de Oliveira - ...campanha. Levou uma bronca do Dunga hoje...

Sílvio Luis - Mas não é campanha, não é campanha contra o Taffarel, infelizmente ele, a mim, não transmite a mínima confiança...<sup>53</sup>

Na Rede Bandeirantes de Televisão, no debate depois do jogo de estréia.

Luciano do Vale (narrador) - Gostou do Taffarel, Bobô?

Bobô (comentarista) - Não! É uma coisa, tem que se dar um tempo pro Taffarel, porque ele não foi exigido, né, mas o Taffarel mata a gente do coração, mata quando a bola vai recuada prá ele.

Luciano do Vale - É aquele negócio de ele driblar dentro da área o centroavante, você acha que existe isso no futebol, falando sério?

Bobô - Não, eu acho que não, ele pecou nisso hoje, só!

Luciano do Vale - Só?

Bobô - Tecnicamente ele, a gente conhece o Taffarel, não é bom.

Luciano do Vale - Não é bom?

Bobô - Não é bom no chão. Bola no chão ele não é bom, nem com a esquerda, nem com a direita<sup>54</sup>.

O que se percebe, é que as críticas em relação ao goleiro apresentaram na Copa uma nuance muito interessante, quando não se falava de sua condição pouco confiável no gol, dizia-se que ele ali estava por ser homem de confiança do técnico. Porém, nunca se ouviu qualquer

<sup>53</sup> Gravação do Sistema Brasileiro de Televisão, do debate realizado depois do jogo em Bilbao, em 31/05/98.

<sup>54</sup> Gravação da Rede Bandeirantes de Televisão da partida de estréia do Brasil na Copa, em 10/06/98.

crítica sobre o jogador por parte de seus colegas de seleção, pelo contrário, todos afirmavam que Taffarel lhes inspirava confiança, requisito básico para quem ocupa essa posição. Tem-se a impressão que em um episódio como esse, parece vir à tona avaliações pessoais dos jornalistas. A situação, a falha, é prova definitiva para se confirmar as preferências e convicções pessoais.

Por outro lado, depois da partida frente aos holandeses na Copa, o goleiro Taffarel foi designado de várias maneiras. Neste episódio em especial, sua atuação foi imprescindível, ele defendeu duas cobranças de pênalti dos holandeses, fato que determinou a classificação do Brasil para a final da Copa.

As considerações apuradas a respeito de Taffarel, foram as seguintes:

Galvão Bueno (narrador Rede Globo) - ... E eu quero dizer aqui uma coisa, porque eu me sinto muito à vontade pra falar, porque sempre que fui perguntado, e o Falcão sempre fez coro junto comigo, o Romário nem se fala porque jogava nesse time, e o Arnaldo sempre concordou com a gente, então, nós todos estamos muito à vontade pra falar, e o Pelé mesmo que não estivesse com a gente nas transmissões dos jogos preparatórios, tenho certeza que ele concordaria, Taffarel foi talvez um dos jogadores mais criticados na história de um jogador da seleção brasileira, e aqui na Globo, ele sempre teve a sua posição defendida, pelo Falcão, pelo Arnaldo, por mim, em todos os momentos, em todas as matérias, e o Romário, eu tenho certeza, lá, como jogador importante da seleção sempre confiou no Taffarel, então, é muito bom ver alguém surgir nesse momento...

Repórter - Olha Taffarel, diz uma coisa, durante o jogo você teve defesas fundamentais, e hoje dois pênaltis Taffarel, você tá se especializando nisso rapaz!

Taffarel - Não, pior que não, pior que nos treinamentos, eu sou dos goleiros, o Dida, o Germano, sou o que menos pega pênalti, mas Deus abençoou no momento justo, no momento certo, eu dou glórias a ele, porque realmente, hoje, ele nos abençoou<sup>55</sup>.

A revista Placar faz chamada em título: “Vai que é sua, TAFFAREL!” Fazendo menção ao bordão usado pelo narrador da Globo

<sup>55</sup> Gravação da Rede Globo de Televisão da partida semifinal da Copa, em 07/07/98.

quando Taffarel fazia uma grande defesa. Ele foi considerado pelo texto como o grande herói da partida; e transcrições da fala de Zagallo indicam a importância da atuação do goleiro.

Taffarel” - “Essa decisão por pênaltis foi ótima para o

- “Ele já tinha sido muito criticado”<sup>56</sup>

Na **Folha de São Paulo**, os colunistas Juca Kfourri e Matinas Suzuki JR., fizeram menção à atuação de Taffarel da seguinte maneira:

Nos títulos: - “12 heróis e 1 santo”  
- “O iluminado”

O texto de Juca Kfourri salienta a atuação do goleiro durante a partida e conclui destacando que:

“(...)Taffarel, definitivamente, não pertence ao mundo dos mortais. Mesmo tão criticado, ele é capaz de fazer coisas de que até Deus duvida.”

O de Matinas Suzuki JR., dava conta de que Taffarel era um:

(...)iluminado – que dizer mais? – nas cobranças de pênaltis. Parece que ele se especializou nesse ato quase suicida, o verdadeiro salto no escuro. Ele parece realizar uma espécie de pacto em que é ele, e não o chutador, que determina para onde irá a bola...

Mesmo que Taffarel tenha realizado uma grande façanha, ele ainda completou dizendo: “...Sem ser o mais completo dos goleiros, Taffarel é, no entanto, completo na ciência de praticar a mais difícil das defesas<sup>57</sup>.”

No jornal *Correio do Povo*, o destaque para as defesas de Taffarel nas cobranças de pênaltis veio em manchete de capa, indicando que: “Taffarel põe o Brasil na final”

<sup>56</sup> Ver **Revista Placar, Especial Copa 98**, p. 2,3 e 4, nº 6, em 08/07/98.

<sup>57</sup> Ver **Folha de São Paulo**, caderno de esportes/Copa 98, p.2, em 08/07/98.

A legenda de foto também destaca o feito do goleiro.

“O gol de Ronaldinho não foi suficiente para garantir a vaga nas finais e Taffarel salvou a pátria ao defender dois pênaltis”

O jornal preparou matéria especial com foto de Taffarel (ver anexo H) ocupando toda parte superior da página, trazendo o seguinte subtítulo:

“Após defender o primeiro pênalti, o goleiro Taffarel, imbuído do bravo espírito farroupilha, não se intimidou e saltou para o canto direito, evitando o gol de Ronald de Boer e classificando o Brasil”

O título desta matéria destaca: “Seleção venceu com sotaque gaúcho”

O texto refere-se ao desempenho dos jogadores Dunga e Taffarel em 94, e estabelece uma ligação com a partida frente aos holandeses “(...) a raça, a determinação e a garra dos gaúchos mais uma vez foram decisivas<sup>58</sup>”. Destacando também a importância de Emerson na cobrança dos pênaltis.

No jornal **Zero Hora**, no encarte especial da Copa/Jornal da Copa, o destaque foi Taffarel do começo ao fim. A capa trazia uma foto em que o goleiro comemorava a vitória com os dois braços levantados, envolvia-o uma aura branca, com destaque da torcida ao fundo. A manchete enfatizava: “DIA DE HERÓI”, acrescida de subtítulo ainda mais sugestivo: “As defesas de Taffarel fizeram dele o novo ídolo do futebol brasileiro”

A maioria do encarte foi relacionado com o desempenho de Taffarel, sua carreira como jogador e as várias manchetes que foram destaques nos jornais pelo mundo.

El País (Espanha) – “Taffarel: foi a mão de Deus”

Telégrafo (Equador) – “São Taffarel apareceu de novo”

<sup>58</sup> Ver **Jornal Correio do Povo**, em 08/07/1998.

Die Welt (Alemanha) – Cláudio Taffarel supera a solidão do gol”

Última Hora (Paraguai) – “São Taffarel levou o Brasil à vitória”

Sentimento ao qual o jornal também faz coro destacando em título que: “Graças a ele”<sup>59</sup>

Taffarel saiu deste episódio, ostentando a imagem de um santo ou de um anjo. A Rede Globo, em matéria especial a respeito da carreira de Taffarel e do seu desempenho frente aos holandeses, encerra a mesma, congelando a imagem do goleiro no momento da comemoração da classificação brasileira, colocando asas de anjinho em Taffarel.

#### 2.2.1.5 Dunga e seu desempenho

O jogador Dunga, de todos os integrantes da seleção brasileira, provavelmente tenha sido o jogador que mais ataques tenha sofrido por parte da imprensa brasileira. Sua imagem ainda possui as marcas que lhe foram atribuídas pela campanha brasileira na Copa de 90. Dunga, apesar de seu desempenho, sempre é lembrado e relacionado àqueles tempos. Essa alcunha lhe foi imposta pela crítica jornalística, que o perseguiu e o responsabilizou pelo desempenho do Brasil na Copa de 90. A seleção era dirigida por Lazzaroni que, segundo a imprensa, jogava na “retranca e não tinha criação”<sup>60</sup>. Dunga e o seu estilo de jogo foram associados à idéia, ou ao perfil, que segundo a imprensa fora imposto por Lazzaroni. Por isso, a Copa de 90 ainda é lembrada pela “Era Dunga”. Não bastasse a exposição pública a que foi submetido o jogador, seu estilo de jogar é sempre vinculado para caracterizar o defensivismo e o futebol burocrático. Isso pode ser exemplificado com textos resgatados da campanha de 94.

<sup>59</sup> Ver **Zero Hora/Encarte** – Jornal da Copa, em 09/07/98.

<sup>60</sup> Ver **Folha de São Paulo**, encarte especial/Histórias das Copas, p. 18, em 31/05/98.

“...A convocação de Branco ou Dunga não deve causar estranheza. Desde 1970, os técnicos quase sempre fazem opções difíceis de entender. Em 70, o Técnico Zagallo causou polêmica com a convocação do centroavante Dadá Maravilha. Dizia-se, à época, tratar-se de uma imposição do governo militar. Zagallo até hoje nega qualquer tipo de influência<sup>61</sup>...”

“...Quem, com pureza d’alma, pode crucificar o Brasil de 78, que voltou invicto da Argentina? Seleção decadente deve perder pelo menos uma!!! Nas Copas de 82 e 86, o mundo inteiro reconheceu: tínhamos o melhor time e o melhor treinador, Telê. Sobra, então, 1990, na Itália. O técnico Sebastião Lazzaroni foi apresentado como um PC Farias e a “era Dunga”, simples expressão que identifica o futebol sem firulas, virou crime de lesa futebol.”

“...perdemos, porém, para uma jogada genial de Maradona. Até àquele “acidente de percurso”, o Brasil jogou muito melhor e o execrável Dungaassário do defensivismo meteu uma bola na trave<sup>62</sup>.”

Essa maneira de apreciar o jogador Dunga, também foi enfocada na Copa da França. Isso pode ser visto nas seguintes abordagens jornalísticas:

No **Jornal do Brasil**, na coluna de Armando Nogueira, intitulada: “Um Cheiro de Mentira”

O jogador foi analisado da seguinte forma:

“...Dunga sempre soube desarmar, mas nunca soube armar. Uma coisa é destruir outra é construir. Por seus pés passaram mais de dois terços das bolas de ataque e de contra – ataque, bolas convencionais, passes banais, inconseqüentes e horizontais<sup>63</sup>...”

Assim, Dunga parece não escapar de apreciações que procuram relacionar o seu desempenho a conceitos criados no passado (futebol burocrático, defensivismo, estilo duro de jogar, carregador de

<sup>61</sup> Ver **Folha de São Paulo**, caderno de esportes, p.5, em 11/05/94. Subtítulo: Convocações são polêmicas.

<sup>62</sup> Ver **Folha de São Paulo**, caderno 4, p.2, em 12/05/94. Matéria de Moacir Sapiassu especial para a Folha.

<sup>63</sup> Ver **Jornal do Brasil**, coluna Na Grande Área, p.11, em 25/06/98. De Armando Nogueira.

piano). Isso foi possível perceber durante as transmissões dos jogos do Brasil.

A atuação do jogador foi avaliada da seguinte maneira no Sistema Brasileiro de Televisão, no jogo frente à Escócia:

Sílvio Luis (narrador) - ...acho que não estamos nem acreditando que fizemos um a zero, esse que é o negócio.

Juarez Soares (comentarista) - É, o time tem tudo, pra ficar tranqüilo. O Dunga até que tá distribuindo bem a bola, agora é preciso que o Giovanni acorde pro jogo, né.

Depois que Dunga discutiu com Bebeto no jogo frente ao Marrocos, seu comportamento foi bastante destacado no Sistema Brasileiro de Televisão.

Juarez Soares (comentarista) - O Dunga tá doidinho, o Dunga tá doido, tá tendo crises homéricas, grita demais, por quê? Porque ele sabe que o Brasil perdeu o meio campo, o time de Marrocos tá pressionando muito, e o Brasil, ao invés de se acalmar com a bola, tá entrando numa gritaria aí, desnecessária, é só tocar a bola, que é o forte do futebol brasileiro, prá gente poder colocar os nervos no lugar, perdemos o controle total do meio campo<sup>64</sup>.

A disposição de Dunga em campo no jogo contra Marrocos, é pauta de análise novamente no SBT.

Juarez Soares (comentarista) - ...Então ele vai dizer, Dunga, estava tão bom como eu posicionei você, Dunga, nos primeiros 20 minutos, fica quietinho meu filho, entre a meia lua, entre a risca da grande área e a intermediária, não sai daí não, deixa que o Doriva corre, o resto do pessoal corre, posiciona, ajusta a defesa, que tira um pouco o espaço desse time, e continua com o 3 a 0, se é que os dois da frente do Brasil ainda não vão fazer mais um, mas precisa ficar esperto no jogo, o Dunga não agüenta correr atrás, olha aí.

Sílvio Luis (narrador) - É a idade também que vai chegando...

Juarez Soares - Então, ele sabe se posicionar, tem experiência suficiente, não precisa sair correndo atrás do Marrocos<sup>65</sup>.

<sup>64</sup> Gravação do Sistema Brasileiro de Televisão, do jogo de abertura da Copa, em 10/06/98.

<sup>65</sup> Gravação do Sistema Brasileiro de Televisão, do jogo entre Brasil e Marrocos, em 16/06/98.

No jogo frente à Noruega, o comentarista do SBT volta a analisar Dunga na organização tática, dizendo que:

Juarez Soares (comentarista) - O Brasil tem um lado positivo que é o bom posicionamento do Leonardo, e o Rivaldo fazendo bem o peão, só que o Rivaldo tá cometendo um erro, de vez em quando ele bota a bola pro Dunga, o Dunga dá um chutão prá frente, isso não interessa prá seleção brasileira, quando o Rivaldo domina e mete a bola prá dentro da área, ou pro Ronaldinho ou pro Bebeto, é quando dá resultado e a defesa da Noruega se apavora, quem tem que meter essa bola é o Rivaldo, não adianta lançar de 30 metros de profundidade que a defesa da Noruega tá fazendo a marcação, é só isso<sup>66</sup>.

Na partida contra a Noruega, no debate depois do jogo, na Rede Bandeirantes, Dunga foi questionado em seu comportamento depois do episódio da discussão com Bebeto, da seguinte maneira:

Luciano do Vale (narrador) - Mas tem um detalhe aí, Gerson e amigos, que além dessa exibição você vê que tem coisas dentro da seleção que não estão no lugar certo. Por exemplo, o Dunga, ele veio à forra. Isso que ele colocou ali foi uma forra, chamou o Zagallo de professor pela primeira vez, de público né....

Armando Nogueira (comentarista) - Tem outros líderes...

Luciano do Vale - Tem outros líderes o time, porque a imprensa toda, porque o Leonardo agora é líder, porque é isso, é aquilo, então, ele foi com essa cabeça prá dentro do campo, esse é um lado que eu queria colocar, o Zagallo parece que não viu o jogo da seleção, ou então como diz o Armando, ele tá chamando o povo brasileiro de bobo e nós de bobo.

Um dos comentaristas, ainda no debate da Bandeirantes, fala a respeito do desempenho de Dunga.

Armando Nogueira - ...uma das coisas que distingüi o futebol brasileiro dos outros, é uma coisa chamada alternância de ritmo, ora é lento, ora é uma disparada, ora é meia bomba. Essa equipe é um cantochão<sup>67</sup>, ela sai no mesmo ritmo, porque a batuta tá na mão do Dunga, que recebeu mais de

<sup>66</sup> Gravação do Sistema Brasileiro de Televisão, do jogo entre Brasil e Noruega, em 23/06/98.

<sup>67</sup> Canto litúrgico arrastado.

trinta bolas no círculo central prá dar seguimento à jogada; aí eu me lembrei do Di Stefano conversando com um amigo meu essa semana, falando do futebol de hoje. Ele disse o seguinte: Sabe o que me espanta no futebol de hoje, é que a bola, quando sai da defesa, para ela chegar na área do adversário, quando ela chega já é de noite...

Mesmo com todas essas apreciações negativas do jogador, ele também recebeu algumas avaliações positivas. Isso pode ser visto no jogo em preparação para a estréia da Copa, em transmissão da Rede Bandeirantes de Televisão, um dos comentaristas salientou:

Roberto Rivelino (comentarista) - E o Dunga tem que voltar rapidinho. Por incrível que pareça, o Dunga faz uma falta incrível para acertar esse setor de meio de campo...

Na estréia da Copa, dentro do debate realizado depois do jogo pela Rede Bandeirantes, a atuação do volante Dunga foi discutida, pelo seu envolvimento no lançamento para o gol de desempate.

Gerson (comentarista) - ...Eu discuto sempre o Dunga tecnicamente...

Roberto Rivelino (comentarista) - Mas foi perfeito hoje...

Gerson - Tecnicamente, hoje eu não posso discutir o Dunga. Ele foi simplesmente brilhante, a gente tem que dizer o que é...

Luciano do Vale (narrador) - Ele meteu uma bola de trinta metros, seu Gerson...Agora vou dizer uma coisa para vocês, o Gerson fala com essa naturalidade, até o Zito olhou aqui como quem diz, mas que máscara, mas não é, eles falaram mesmo com o Dunga, os dois aí conversaram, e o Dunga, o Dunga se abriu para os dois, tem que explicar isso para o telespectador, a humildade do Dunga...

Gerson - Claro, e nós falamos isso, e eu perguntei a ele, porque você, eu discuto tecnicamente você, taticamente não, mas tecnicamente eu discuto você, porque que você não, não faz um lançamento ali, porque que você não chega um pouco mais ali, porque você não faz uma tabela. E hoje ele fez tudo, então eu tenho que assinar embaixo, cara, se eu estou discutindo uma coisa, que ele não faz, na hora que ele faz, eu tenho que apoiar...<sup>68</sup>

<sup>68</sup> Gravação na Rede Bandeirantes de Televisão, do jogo entre Brasil e Marrocos, em 16/06/98.

Na Rede Manchete de Televisão, o comentarista, durante o jogo frente aos chilenos, enfocou as qualidades de Dunga dizendo que:

Milton Neves (comentarista) - Olha Paulo. Dizem que o Dunga tem pé duro, só sabe liderar. Quem é que deu a bola pro Cafú dar o gol da vitória ao Brasil contra a Escócia? Quem é que lançou a bola, cruzou a bola com muita habilidade e precisão pro Sampaio hoje? É uma pena que o Dunga esteja no fim de carreira...

O coordenador da seleção brasileira via em Dunga um jogador com qualidades importantes para a seleção, ele dizia que:

... “O Dunga é um dos poucos que sabem ver o futebol dentro do campo. Ele conduz o jogo com inteligência, sabe o momento certo de trocar passes curtos ou meter uma bola longa. Por isso ele é tão importante.”<sup>69</sup>

As considerações que se fizeram ao longo da carreira do jogador Dunga, foram vinculadas a concepções de jogo ditadas pela imprensa, como citado no início. Sua imagem se construiu em cima de conceitos ou sentidos que deram conta de:

- Sugerir que uma limitação existia no desempenho do jogador associada a concepções já formadas.
- Não acrescentar mais informações que possibilitassem outra compreensão da forma de jogar de Dunga.

Mesmo que suas qualidades fossem enfocadas, o jogador nunca foi analisado em um contexto mais abrangente que possibilitasse uma reversão da idéia já posta. Dunga parece não ter um reconhecimento devido em relação a sua maneira de jogar. Isso colabora, impedindo que um alcance mais amplo se dê em direção à idéia ou a uma concepção de esporte que permita a compreensão da dinâmica de jogo. Pode-se correr o risco de cada vez mais limitar uma apreciação própria de jogo, destacando suas partes em detrimento do todo. Ou seja, o jogo perde sua

<sup>69</sup> Ver **Jornal do Brasil**, p.3, em 21/06/98.

essência e o seu aspecto de coletividade. Se for levado em conta cada vez que Dunga é depreciado, toda uma parte do jogo (defesa), onde atua o jogador, é deixada de lado ou menosprezada.

### 2.2.1.6 Emerson, o desconhecido

A descrição deste episódio prestou-se para demonstrar a forma como a convocação de jogadores é avaliada pela mídia. A chamada de Emerson para o lugar de Romário foi tematizada em algumas matérias como se o jogador fosse “um ilustre desconhecido”. O “desconhecido” não deixou de apresentar um tom de crítica imanente a quem o convocou. E, ao mesmo tempo, não deixou de ser um questionamento à validade da utilização do jogador na seleção.

Toda vez que o jogador Emerson era avaliado ou entrava em uma partida, voltava à tona ou eram novamente questionadas as suas qualidades e o seu aproveitamento. Isso pode ser visto através de alguns exemplos, como na partida frente à seleção de Andorra, último jogo treino da seleção. Mesmo sem ter ainda se apresentado, Emerson foi analisado, na transmissão do SBT, da seguinte maneira:

Sílvio Luis (narrador) - ...e a convocação feita pelo Zagallo, em substituição ao Romário, foi um bom negócio?

Orlando Duarte (comentarista) – Não! Na minha ótica, não. Se você quisesse um jogador para o jogo aéreo, seria o Jardel do Porto. Para um jogador com prestígio na França seria o Raí. Para um jogador que joga com o Rivaldo e o Giovanni, seria o Anderson, o Soni Anderson. Para um jogador do futebol Alemão, atacante, Elder. Então, a escolha do Emerson é muito mais uma preocupação defensiva do Zagallo para proteger a defesa, do que propriamente um interesse dele de dar força ao ataque brasileiro. Quando sai o Romário, Romário é, todo mundo sabe um grande atacante, não tem condições, tem que ser cortado, mas neste instante a convocação não foi a que eu faria<sup>70</sup>.

O narrador completa, dizendo que:

<sup>70</sup> Gravação do Sistema Brasileiro de Televisão do amistoso contra a seleção de Andorra, em 03/06/98.

Sílvio Luis - Acho que essa convocação do Emerson, em função do estado atlético do Dunga que chega a preocupar, daí ele chamou um cara atrás.

A convocação de Emerson e o corte de Romário foram novamente enfocados, na Rede Manchete; no debate depois do jogo Brasil e Escócia.

Narrador - Eu não entendi essa convocação do Emerson, você entendeu Paulo Autuori?

Paulo Autuori (comentarista) - Isso é difícil nós falarmos fora né, a hipótese do Emerson e até pro Brasil, conforme o grau de dificuldade, precisar de um jogador com características mais, mais defensivas e de maior combate utilizá-lo, mas acho que não tem nada haver, quando se fala saiu o Romário entrou Emerson, é uma opção de convocar um jogador de outra posição, e isso aí é...

Depois do jogo contra os chilenos, no debate do Sistema Brasileiro de Televisão; Romário, Emerson e Zagallo são discutidos.

Osmar de Oliveira (jornalista) - Aí cabe uma outra pergunta, então, como é que o Zagallo desconvoca o Romário e convoca alguém de meio de campo, aí já é outra loucura também...

Orlando Duarte (comentarista) – Ah, isso é uma loucura, que o cara quer marcar...

Quando Emerson entrou no jogo contra a Dinamarca, o comentarista da Rede Manchete enfatizou que:

Milton Neves (comentarista) - ...gostei do Emerson, e mais ainda de ver em campo de novo a camisa 11, uma pena que o Romário não esteja dentro da camisa, mas o Emerson está muito bem na partida, são os 15 minutos de definição...

Por outro lado, o jornal **Zero Hora**, favoravelmente ao jogador, destacou em título: “Um reserva para quatro funções”

O texto, referente ao título, ressaltava que o meia (posição do jogador em campo) permitiria ao técnico Zagallo possibilidades de utilização do jogador, tanto no ataque quanto na defesa. Ele poderia ser utilizado no lugar de Doriva que, segundo o jornal, passava por uma fase “mediocre”. Poderia também substituir Giovanni, que parecia se acometer de “sonolência aguda”. Poderia também substituir Giovanni liberando Denílson, caso este entrasse, jogando mais livre, pois assim o Brasil teria três homens de marcação no meio. E a última possibilidade sugerida foi a de entrar na função de Giovanni, deslocando-o para o lugar de Bebeto no ataque.

Característico nesse episódio é o pouco caso com que foi apresentada, por parte dos jornalistas esportivos, a convocação do jogador. A avaliação de sua utilidade para a seleção brasileira ou da decisão do técnico em convocá-lo, precede à exposição dos detalhes técnico – táticos e outras razões do treinador em chamá-lo. Tal procedimento seria necessário se quiséssemos fazer uma análise mais precisa da possível contribuição técnico – tática do atleta ao selecionado nacional. Após o entendimento da proposta do técnico, análises críticas a esse respeito poderiam ser realizadas com maior segurança. Obviamente que o comentarista ou jornalista esportivo é livre para esboçar sua visão a respeito de todos os assuntos; especificamente da convocação. Porém, esse comentário vem representar nada mais do que a utilidade do jogador na concepção de jogo idealizada pelo jornalista. Entre os motivos pelos quais o leitor gostaria de ser informado da maneira como o técnico pensa a equipe e suas estruturas táticas, destaca-se:

- A possibilidade de entender o que se passa e de formar seu próprio pensamento crítico sobre o assunto;
- A possibilidade de poder diferenciar entre a concepção do técnico e se for o caso a crítica jornalística;

- A possibilidade de aumentar a cultura geral sobre o assunto ouvindo concepções diversas de jornalistas e outros analistas sobre o tema, mesmo que sua concepção seja uma idealização.

O jornalista esportivo e seu pensamento sobre convocações podem ser, na melhor das hipóteses, apenas manifestações críticas ao procedimento do treinador em relação à detecção de inconsistências nas concepções e propostas apresentadas para o alcance dos seus objetivos; pois não é de responsabilidade dos jornalistas a composição da seleção. Essa responsabilidade cabe inicialmente ao técnico. Por isso, a adequação de jogadores deve ser inicialmente questionada em relação à proposta do técnico. A crítica de que o técnico não convocou os melhores jogadores para a seleção reverte a condição que tem o técnico de escolher aqueles, que segundo seus critérios e concepções, poderiam compor o grupo. Assim, a condição de escolha do técnico fica vinculada às condições e preferências dos jornalistas. Nesse contexto criado, existe, para o jornalista, uma facilidade em soltar ou dispor os seus pensamentos quando realiza uma análise ou comentário, ou quando exige uma convocação.

Observa-se freqüentemente, nesse caso, que as posições dos jornalistas em relação a convocações de jogadores, refletem muito a sua identificação regional. Isso significa dizer, o que não é novidade, que jogadores do Rio Grande do Sul, São Paulo e outras regiões são, via de regra, mais ou menos criticados ou aclamados na dependência do local onde a notícia foi produzida. O regionalismo, muitas vezes, é o responsável pela construção das matérias e está latente nas colunas e textos críticos. Esse é um dos motivos pelo qual convocações têm sido sempre um tema muito polêmico na mídia.

### **2.2.2      Avaliação da arbitragem**

“...a reputação da arbitragem sempre foi o calcanhar de Aquiles do futebol. Diz um antigo provérbio dos estádios que o árbitro é um ladrão que rouba a gente na presença da multidão e ainda vai embora pra casa protegido pela polícia. Uma irreverência da qual a arbitragem sempre escapou graças ao exercício da dúvida. Foi, não foi. Errou, não errou. Tudo acabava debitado à paixão do torcedor. Até que um dia surgiu a câmera da televisão, com lentes poderosas, pondo o dedo na ferida. O super slow, esse, então, está simplesmente acabando com a responsabilidade do árbitro. O super slow mata a cobra e mostra o pau...ai está o super slow que não nos deixa mentir. Os dois lances aparecem, quadro a quadro, mostrando o tamanho do disparate da arbitragem. Junior Baiano disputou a bola com a límpida intenção de afastá-la da zona de perigo, sem cometer um único gesto litigioso<sup>71</sup>.”

O jogo entre Brasil e Noruega foi bastante disputado e a sua definição aconteceu nos minutos finais. O Brasil saiu na frente, marcando o primeiro gol em movimentação iniciada pelo setor esquerdo, com Denílson realizando um belo cruzamento depois de se levantar de uma disputa com os zagueiros. A Noruega empatou minutos depois com uma investida do atacante Flo sobre Junior Baiano, cortando o jogo para dentro, vencendo o zagueiro e o goleiro brasileiro. Mas o que mais causou espanto foi a marcação do pênalti contra o Brasil, definindo o placar a favor dos noruegueses (2x1). Todas as emissoras, sem exceção, e conseqüentemente os jornais, acusaram o árbitro de ter punido injustamente a ação do defensor brasileiro, Junior Baiano. Várias apreciações foram feitas sobre o lance e em todas o jogador brasileiro foi inocentado da suposta falta dentro da área, e o árbitro devidamente “crucificado”. Conseqüentemente, foram realizadas várias apreciações sobre o seu caráter, sua eficiência e outras coisas mais. Mas, infelizmente ou felizmente, existia no caminho uma equipe de tevê amadora da Suécia, que de um ângulo diferente dos até o momento visto, mostrava claramente um “puxão” do defensor brasileiro que provocou a queda do atacante norueguês. Portanto, toda aquela ladainha em torno do episódio foi desfeita. Ficou no ar uma sensação muito estranha de pressa.

---

<sup>71</sup> Ver **Jornal do Brasil**, p.11, em 25/06/98. Coluna: Na Grande Área, de Armando Nogueira. Título: Um Cheiro de Mentira.

A maior ênfase ocorreu nas transmissões de tevê. Na Rede Globo, no segundo tempo do jogo, a atuação do árbitro, no lance mencionado, foi caracterizada com a surpresa do narrador que comentou:

Galvão Bueno (Narrador) - Ele deu pênalti? Apontou prá li, no lance do Junior Baiano, diz que ele puxou, aos 42 minutos, Gonçalves diz que não foi, diz que foi no peito, quero ver de novo, que houve aí?

Arnaldo César Coelho (Analista de arbitragem) - Não houve nada!

Galvão Bueno - Esse juiz...

Arnaldo César Coelho - O juiz inventou o pênalti...

Galvão Bueno - Esse juiz é um gaiato, Arnaldo César Coelho, isso é um absurdo, um cidadão desses, prejudicar um país inteiro, como ele tá prejudicando Marrocos, é um absurdo. Apita uma Copa do Mundo, esse cidadão chamado Esfandiar Baharmast, Arnaldo.

Arnaldo César Coelho - O jogador da Noruega caiu dentro da área, levantou o braço pedindo pênalti. Não houve empurrão, não houve toque, não houve nada, ele apitou no grito, ele novamente por covardia, deu esse pênalti.

Galvão Bueno - No grito e atrasado Falcão.

Paulo Roberto Falcão (Comentarista) - É, ele tomou uma pressão de dois jogadores da Noruega, que ele mandou os caras afastar, deram uma pressão nele, primeira bola a levantar na área, aí ele fez esse erro.

Pelé (Comentarista) - ...Mas, realmente, é um absurdo, absurdo, o que os árbitros estão fazendo, é uma coisa absurda, nós já falamos sobre aquele árbitro que deu 5 cartões vermelhos, agora eles tão doido, tão doido, não sabem o que tão fazendo, os árbitros aqui...

No debate, depois do jogo em inserção no jornal da noite, o analista de arbitragem da Rede Globo continuou afirmando que o lance do pênalti contra o Brasil não existiu, dizendo que:

Arnaldo César Coelho - Eu continuo mantendo a minha opinião, não foi pênalti, não vi em nenhum momento ele puxar a camisa, que justificasse a queda do jogador, Eu vi foi o seguinte, o jogador se jogar pra cavar um pênalti, porque o juiz era inseguro, nervoso, e sem personalidade, e que deu o pênalti coagido, pressionado, porque sabia que a Noruega precisava ganhar, e os jogadores estavam pressionando, só isso.

Agora a jornalista que conduzia o principal jornal da noite da emissora, provavelmente o de maior audiência no horário, perguntou em tom de inconformidade ao narrador e apelou para um parecer do técnico tetracampeão que compunha o programa de debate na ocasião:

Lilian Wite Fibe (Jornalista) - ...Galvão, é o seguinte, o Parreira foi o técnico do tetra, será que ele concordaria com a gente, a impressão que a gente tem aqui no Brasil, é a seguinte, o Brasil com o time dele, pode se submeter a um juizinho de um bar de esquina, que mal e mal sabe apitar uma pelada, quer dizer, o Brasil não tinha obrigação de ter um futebol prá ganhar de qualquer jeito, independente do juiz?

Galvão Bueno - Aí Parreira, prá você...

Carlos Alberto Parreira (Técnico) - Me parece que a FIFA quer prestigiar os juizes do chamado terceiro mundo do futebol, eu vi um juiz dos Emirados Árabes, do futebol americano, do futebol chinês, do futebol coreano, não sei, eles realmente não têm nível prá isso, ainda<sup>72</sup>.

Na Rede Manchete de televisão, a avaliação feita foi de que o atacante norueguês havia simulado o pênalti. O narrador disse o seguinte:

Paulo Stein (Narrador) - O Flo se atirou ali agora, e ele vai dar uma advertência, não é Armando, siga você narrando, narra isso aí, o que é que é?...Ele deu pênalti!?

Armando Marques (Analista de arbitragem) - ...Deu pênalti!

Paulo Stein - ...Mas esse tempo depois, Armando?

Armando Marques - ...Ele deu pênalti, ele já ia apitar, não apitou atrasado, ele estava era longe da jogada, e ele considerou essa, do Junior Baiano

Paulo Stein - ...Mas não teve nada, rapaz!

Armando Marques - ...Rigorosamente nada, se ele deu pênalti, se equivocou, ele poderia era dar uma simulação do jogador da Noruega, mas ele deu pênalti, errada e equivocadamente, mas deu.

---

<sup>72</sup> Gravação da Rede Globo de Televisão, do jogo entre Brasil e Noruega e do debate depois do jogo, em 23/06/98.

Paulo Stein - Sê viu aí a imagem de todos os ângulos, o Armando falando, o Junior Baiano com o braço pro alto, ele disse que o Junior Baiano puxou o cara pro chão...Esfandiar Baharmast, árbitro americano...ele deve ter fugido do Irã antes dos 2 a 1.

Armando Marques - ...Não, Paulo. Ele fugiu do Irã antes da chegada do Komeini...

Paulo Stein - Vamo vê, Taffarel foi na bola, é gol. Goooool da Noruega Rekdal, na marca de 43 do segundo tempo.<sup>73</sup>.

Ainda na transmissão da Rede Manchete de Televisão, no debate depois do jogo, o analista de arbitragem avaliou novamente a atitude do árbitro em relação ao pênalti cobrado, e comentou, acionado pelo narrador que dirigia os trabalhos, o seguinte:

Otávio Mesquita (jornalista) - Oh Armando, o seguinte, esse juiz americano com aquele nome esquisito, vai chegar em casa hoje, vai tomar um banho, ai ele vai...

Armando Marques - Será que ele toma banho?

Otávio Mesquita - ...Deve ser, deve tomar banho (risos), porque xingaram muito ele, agora te pergunto aqui, você com certeza já deve ter errado, acho que todo o juiz...

Armando Marques - Tenho um baú de erro!

Otávio Mesquita - ...Todo juiz erra...

Armando Marques - Eu tenho um baú de erros!

Otávio Mesquita - ...Ai eu pergunto, o juiz apitando, apitando, um jogo da Copa do Mundo, ele erra, ele vê no vídeo tape, aliás o Brasil e o mundo inteiro viu que foi um pênalti inexistente, o que que pensa, o que que passa pela cabeça do juiz nessa hora?

Armando Marques - Fica com vontade de dar porrada na sua própria cara!

Otávio Mesquita - ...Aaaa, verdade (risos), você já teve essa vontade?

Armando Marques - Muitas vezes...

Na Rede Bandeirantes de televisão, o pênalti marcado, também não foi aceito. E as seguintes considerações foram conduzidas:

<sup>73</sup> Gravação da Rede Manchete de Televisão, jogo entre Brasil e Noruega, em 23/06/98.

Luciano do Vale (Narrador) - Que que ele deu? Deu falta do jogador da Noruega...

Roberto Rivelino (Comentarista) - Não, deu pênalti, Luciano...

Luciano do Vale - Mas é que ele fez o gesto e depois apontou prá marca do pênalti, mas não houve nada não, ó o lance aí ( chama atenção ao replay ), ó o lance aí...

Roberto Rivelino - Nada, nada, nada, Luciano!

Luciano do Vale - Nada, nada, nada! Por isso que eu estranhei, eu achei que ele tinha dado a falta do jogador, não houve nada, não houve nada, o senhor Esfandiar Baharmast arrumou um pênalti prá Noruega, pode classificar a Noruega...

Roberto Rivelino - Aí que tá, aquele problema que nós estávamos comentando, bota um juiz sem condição nenhuma prá apitar, meu Deus, prá que botar um juiz não qualificado, olha o que acontece, prejudica sensivelmente, apesar que o Brasil também, Luciano, seu Zagallo, poderia ter feito modificação, a gente cobrou, poderia ter mudado, arrumado o posicionamento, enfim tudo né, não foi pênalti, mas o juiz, taí, deu agora vamos ver o que vai acontecer<sup>74</sup>.

Na Rede Record de televisão, quando o pênalti foi marcado contra o Brasil, discutiu-se da seguinte forma:

Luis Alfredo (Narrador) - Que que ele deu? Ele deu pênalti, ele deu pênalti, aos 42 minutos, foi peito...

Sócrates (Comentarista) - Foi nada, não...

Luis Alfredo - Oh! Peito, o Junior puxou a mão, o braço, pra não tocar na bola, absurda, na minha opinião, na sua também, Doutor?

Sócrates - Foi nada.

Luis Alfredo - Carlos Alberto?

Carlos Alberto Torres - Ah. Eu não achei! Principalmente porque, pelos gestos do juiz, ele tava dizendo que o Junior forçou o braço nas costas do adversário, no ombro, e não foi nada disso, nós vimos aí perfeitamente. Agora, esse juiz é muito fraco, juiz dos Estados Unidos, futebol americano, não poderia ser de outra maneira<sup>75</sup>.

<sup>74</sup> Gravação da Rede Bandeirantes de Televisão, jogo entre Brasil e Noruega, em 23/06/98.

<sup>75</sup> Gravação da Rede Record de Televisão, jogo entre Brasil e Noruega, em 23/06/98.

O que se sucedeu depois do ataque ao juiz, foi uma grande retomada, tentando contornar o equívoco de julgamento divulgado pejorativamente e amplamente em relação à sua atuação.

No jornal *Correio do Povo*, a indicação do erro jornalístico veio em subtítulo, indicando que: “TV prova que juiz acertou no pênalti”

O texto tratava da atuação de uma tevê Sueca, que comprovou que o juiz havia penalizado corretamente o time brasileiro; e assim como a maioria dos meios de comunicação brasileiros, vários jornais do mundo publicaram fortes críticas ao árbitro americano<sup>76</sup>.

No jornal **Zero Hora**, dois dias depois da derrota para os noruegueses, o título sentenciava: “O mistério da câmera sueca”

O texto usava de ironia, brincando com a fama dos filmes e revistas suecos que fizeram parte do passado de muito adolescente, agora adulto. Mas, brincadeiras à parte, a matéria destacou a *lição jornalística* que aconteceu na verdade, pois todo mundo saiu rapidamente sentenciando o juiz da partida, que, heroicamente, foi salvo de uma tortura prolongada pela bravura do cinegrafista sueco, que implacavelmente registrou o puxão dado por Junior Baiano em Tore André Flo dentro da área do Brasil<sup>77</sup>.

Todas as emissoras também mostraram o vídeo Sueco, tentando reverter ou ao menos amenizar o sentido do ataque desferido anteriormente. A questão é que um ajuizamento sem precedentes, ao vivo e com máxima audiência, foi realizado. Como, nesse caso, a retratação poderia reverter o quadro já posto e definido de maneira apoteótica? E, revisando os adjetivos criados na ocasião, juntamente com as funções e características agregadas e sugeridas, pergunta-se de que forma a figura do árbitro de futebol, como há muito já é estigmatizada, pode compor a estrutura do jogo de futebol de maneira coerente ou harmônica? Mesmo que muitos não queiram admitir ou aceitar, o árbitro serve ao contexto do jogo, dirigindo ou tentando fazer com que os acontecimentos transcorram

---

<sup>76</sup> Ver *Correio do Povo*, p. 28, em 25/06/98.

<sup>77</sup> Ver **Zero Hora**, encarte Jornal da Copa, p. 8, em 26/06/98. Por David Coimbra.

da maneira mais razoável. Porém, mais do que qualquer outra figura que compõe o jogo, o árbitro serve para o extravasamento de situações típicas do jogo, como por exemplo, xingar a mãe do juiz. Isso não se verificou nos relatos acima, mas a construção de sugestões em torno do ocorrido pode até significar algo mais além do que um xingamento à mãe. Houve citações realizadas em programação de forte audiência, como o Jornal da Globo, por exemplo, avalizadas pela jornalista - narradora que conduzia o programa, que provavelmente estimularam a uma revisão do que pode acontecer em decorrência de um juízo feito apressadamente. Ela destacou com bastante veemência que, um “juizinho de um bar de esquina” daqueles não poderia apitar um jogo do Brasil, pois o mesmo não teria capacidade de apitar uma pelada.

### **2.2.3 Comentários selecionados dos jogos da Seleção**

#### **2.2.3.1 Apreciação dos adversários**

Chama muita atenção a avaliação dos adversários da seleção brasileira de futebol, na opinião do jornalismo esportivo. Pode-se observar nitidamente nos comentários esportivos uma certa arrogância: Futebol é o que é praticado pela seleção brasileira, os outros são uns “fracotes” incapazes de fazer frente à equipe do Brasil. Conforme será descrito abaixo; se o Brasil quiser e jogar o futebol que sabe e tem – célebre frase – ganha de qualquer adversário na hora que bem entender. “O Brasil só pode ser adversário do Brasil!”. Destacar-se-á alguns episódios e jogos onde essa visão jornalística do adversário veio à pauta.

Na Copa do Mundo, Escócia, Marrocos e Chile foram citados como adversários que não estavam à altura do time brasileiro. A Escócia foi considerada desde o início, pela imprensa, como uma equipe de forte marcação, mas à medida que o jogo foi transcorrendo os escoceses passaram à condição de fracos oponentes. No jogo da Escócia destacou-

se que o Brasil não jogou à altura, pois afinal, enfrentando um “time fraco”, precisou vencer com duas bolas paradas<sup>78</sup>.

No sistema Brasileiro de Televisão (SBT), quando a Escócia empatou com o Brasil, o adversário brasileiro foi visto da seguinte maneira:

Juarez Soares (comentarista) - Bom, eu dizia há poucos instantes nós dizíamos, que a Escócia só faria o gol se o Brasil desse o gol para a Escócia, e o Brasil deu o gol para a Escócia, não conseguiu deter a cabeçada do 22 Cristian Dailly que preparou, e o César Sampaio fez uma falta absolutamente inocente. O Brasil quando atacado só soube se defender, já foi dito, tinha problema para sair pro ataque, chamou a Escócia pro jogo, agora vê se o Brasil volta ao seu futebol original, que é partir prá cima deles...<sup>79</sup>

Na rede Globo de Televisão, a equipe escocesa foi apreciada por um dos comentaristas da seguinte forma:

Pelé (comentarista) - uma equipe que vem se defendendo como veio a equipe da Escócia, você viu que não deu trabalho, tinha que jogar com o Edmundo, o Ronaldinho e o Denilson, nós temos que jogar pra matar o adversário! Agora se é um adversário que tem o mesmo equilíbrio, tem o mesmo poderio técnico do Brasil, até a gente pode esperar não é, e jogar defensivamente, e jogar com os jogadores de mais de meio de campo, mas com as equipes fracas, eu acho que nós temos que jogar é prá ganhar mesmo.<sup>80</sup>

Na Rede Manchete de Televisão, os adversários brasileiros foram vistos, no início da partida, da seguinte maneira:

Milton Neves (comentarista) - ...não fique bravo amigo do Paraná ou de Santa Catarina, mas é mais ou menos uma seleção Carioca o Brasil, enfrentando a seleção de Santa Catarina no Maracanã, ou a seleção Paulista enfrentando a seleção do Paraná ou da Bahia em São Paulo, favoritos é claro, de vez em quando dá zebra, a emoção da estréia pode complicar um pouquinho a cabeça deste ou daquele jogador mais jovem da seleção brasileira, mas o Brasil é franco favorito, o Brasil deve ganhar o jogo, eu arrisco até um palpite: 2 a 0...começou a duzentos por hora, depois deu uma certa acomodada, mas volta a pressionar, o li-mi-ta-díssimo time da Escócia, por isso que eu disse na abertura da transmissão da TV Manchete, o Brasil

<sup>78</sup> Bolas paradas, no meio futebolístico, são cobranças que se originam de uma falta sofrida ou de escanteios conquistados.

<sup>79</sup> Gravação do Sistema Brasileiro de Televisão, jogo de abertura, em 10/06/98.

<sup>80</sup> Gravação da Rede Globo de Televisão, jogo de abertura, em 10/06/98.

prá perder esse jogo, só se perder para ele mesmo, é muito limitado...é fraca a Escócia, muito fraca a Escócia, o Brasil tende a ganhar fácil, mas não pode acomodar...

Na Revista Placar, a vitória brasileira, na estréia, foi assim anunciada em título: VITÓRIA em DOSE DUPLA.

O texto enfocou que, antes de vencer aos escoceses, os brasileiros precisaram vencer o próprio Brasil. Destacando que nos últimos dias o Brasil havia:

“...treinado mal, semeado discórdia entre os jogadores, insistiu em variações táticas que não aproveitavam a potencialidade dos craques e afundou-se em problemas médicos com diagnósticos tardios<sup>81</sup>...”

Para o jornal Correio do Povo a vitória brasileira foi destacada em título da seguinte maneira: “Seleção vence com gol contra”<sup>82</sup>

O narrador da Rede Globo também fez menção a esse gol dizendo que:

Galvão Bueno (narrador) - Denilson iniciou tudo num salseiro aqui na esquerda, num lance individual, na seqüência Dunga prá Cafú, de Cafú pro gol, gol contra não interessa é gol do Brasil, 2 para o Brasil 1 para a Escócia.

Para o jornal **Zero Hora**, a manchete de capa do encarte da Copa destacava: “VITÓRIA, PELO MENOS”.

Na coluna do jornalista Ruy Carlos Ostermann, o adversário brasileiro e o jogo foram descritos assim: “(...)E o time, enfim, ganhou dos modestos mas aplicados escoceses<sup>83</sup>”.

Contra o Marrocos, repetiu-se o mesmo enfoque. A equipe marroquina foi vencida com certa facilidade. Na rede Manchete de Televisão o que se verificou foi o seguinte:

<sup>81</sup> Ver **Revista Placar/Especial Copa 98**, nº 1, em 11/06/98. Matéria de Sérgio Xavier Filho e Sérgio Garcia.

<sup>82</sup> Ver jornal **Correio do Povo**, p.24, em 11/06/98.

<sup>83</sup> Ver jornal **Zero Hora/Encarte especial – Jornal da Copa**, manchete de capa e coluna de Ruy Carlos Ostermann: Gol de Letra, p. 25, em 11/06/98.

Milton Neves (comentarista) – Olha, Paulo Stein, apesar de um goleiro muito fraco, apesar de Marrocos estar jogando 30% do que mostrou contra a Noruega, o Brasil vence só por 1 a 0 e não convence...<sup>84</sup>

Na rede Bandeirantes:

Gerson (comentarista) - ...Marrocos tá morto, tá bem ele vai botar o Doriva para...exatamente pensando no outro jogo, mas um jogo é um jogo, outro jogo é outro jogo, eu não coloco não, eu boto mais um prá frente, eu boto o Denilson, eu boto o Edmundo, e entro com o time como está aí, tranqüilamente, sem problema nenhum, Marrocos é zero!

O comentarista da Rede Bandeirantes, agora no debate depois do jogo, avalia mais uma vez o time do Marrocos, dizendo que:

Gerson (comentarista) - ...eu já faria totalmente diferente, eu estou sendo apertado por quem? Um condenado lá, um tal de Bassir, não joga nada! Eu estou com 3 a 0, eu vou prá dentro deles, eu vou botar eles mais lá adiante, eu boto Denilson, eu boto Edmundo, eu boto na frente, prá que eu preciso defender, o cara está me atacando com um...<sup>85</sup>

Mas o maior destaque para os comentários nessa partida foi dado à discussão em campo entre Bebeto e Dunga. Acontecimento que acabou se sobrepondo ou tomou os espaços que deveriam ser utilizados por análises táticas, restringindo todas as outras apreciações relativas ao jogo. No Sistema Brasileiro de Televisão o apurado foi o seguinte:

Juarez Soares (comentarista) - Não é isso, nós temos uma mania de que liderar o time é gritar, o Dunga gritou, botou a boca no trombone deixou o time desesperado, o Leonardo falou, o malandro, precisa gritar não, baixa a bola, fala baixo que aqui ninguém é surdo, e ninguém é bobo, o Dunga perdeu o controle emocional, transmitiu o nervosismo pro time sem nenhuma necessidade...para ver se esse jogo pune definitivamente a seleção brasileira, esse momento, teve um momento angustiante essa partida, foi quando o Dunga meteu, xingou o Bebeto, o Bebeto meteu o dedo na cara do Dunga, o Dunga quase torceu o dedo do Bebeto, dali o Brasil mudou, e

<sup>84</sup> Gravação da Rede Manchete de Televisão, jogo entre Marrocos e Brasil, 16/06/98.

<sup>85</sup> Gravação da Rede Bandeirantes de Televisão, na partida entre Marrocos e Brasil, 16/06/98.

tenho a impressão que mudou prá melhor, e o Dunga ficou quietiiiiiiiiinho no segundo tempo, e quando parou de gritar jogou muito mais.

A discussão em torno do acontecido entre Dunga e Bebeto veio à tona novamente, em debate um dia depois do jogo.

Osmar de Oliveira (jornalista) - ...Espera um pouquinho Silvio, quando eu estou suscitando essa discussão, é que eu quero imaginar se o motivo foi suficiente e grave prá fazer isso.

Juarez Soares (comentarista) - Mas não tem motivo grave para um cara dar uma cabeçada no outro.

Osmar de Oliveira – Não, aí não, é claro...

Juarez Soares - Nem na “zona”, se é que você quer saber, vamos ser bem claros aqui, o que o Dunga fez é prá voltar pro Brasil, ele tá pensando que ele tá aonde? Dar uma cabeçada, com a televisão do Brasil, mostrando o Brasil, pro mundo inteiro. Um cara que foi campeão do mundo como o Bebeto, um profissional correto amigo dos amigos...

Osmar de Oliveira - E o Dunga que já levantou a taça de campeão do Mundo...

Juarez Soares - ...tinha que tirar a faixa de capitão dele e falar: Ô rapaz, um abraço prá você, você é um desequilibrado, e quem é desequilibrado não pode nem jogar, quanto mais ser capitão da seleção, é por isso que o chefe da delegação tá aí, já que a comissão técnica fala, tá tudo normal, porque o Zagallo, eu vi ele falando, tá tudo normal, como tá tudo normal? Como tá tudo normal!?<sup>86</sup>

Na Rede Globo, o narrador perguntou ao analista:

Galvão Bueno (narrador) - Romário, você sente algum problema nessa discussão, o Dunga batendo boca com o Bebeto e o Leonardo entrando por ali, ou isso é normal num grupo em que você fez parte e de forma tão importante?

Romário (comentarista) - Isso é bastante normal, principalmente vindo do Dunga. O Dunga independente do resultado, pode estar 0 a 0, ou o Brasil ganhando de 5 a 0, o Dunga é sempre assim, muito sério, não tem brincadeira com ele, independente do resultado...

---

<sup>86</sup> Gravação do Sistema Brasileiro de Televisão, jogo Brasil e Marrocos e debate um dia depois do jogo – jornal da Copa, em 16 e 17/06/98.

Um dia depois do jogo, em inserção no Jornal da Globo, o mais importante da emissora, voltou à tona a discussão entre Dunga e Bebeto no jogo frente a Marrocos. O apresentador do Jornal, em inserção de Paris, falou com o narrador oficial da emissora, dizendo o seguinte sobre o episódio da discussão em campo:

Willian Boner (narrador) - O que muita gente enxergou de positivo nesse episódio no jogo contra Marrocos foi a iniciativa, tanto de Cafú quanto de Leonardo, de evitar que as coisas piorassem, não é isso, Galvão?

Galvão Bueno (narrador) - Eu acho que importante mesmo foi à participação do Leonardo, o Dunga exagerou, o Dunga é um grande líder, o Dunga tem que ser analisado de forma mais abrangente, não é só nessa Copa do Mundo não, foi na virada do futebol brasileiro, depois do fracasso de 90, na conquista do tetracampeonato, na recuperação do prestígio internacional, mas o Dunga ontem exagerou, além disso, ele não é eterno, um dia ele vai ter que parar, quem seria o substituto do Dunga parece que esse substituto começou a surgir ontem com a participação do Leonardo, ele teve personalidade, ele teve voz de comando, e teve tranquilidade num momento muito difícil.

Willian Boner (narrador) - Bom os jogadores estão dizendo que esse episódio se esgotou em campo e no gramado, e a gente tem que torcer prá isso<sup>87</sup>...

Na Rede Manchete, durante o primeiro tempo, o narrador da emissora descreveu a discussão iniciada entre os jogadores brasileiros da seguinte maneira:

Paulo Stein (narrador) - E olha a bronca do Dunga no Bebeto, hein! Leonardo chega ali apaziguando, mas tá nítida a irritação do Dunga, é eu fui obrigado a fazer a falta, porque tá faltando a cobertura, o Bebeto tá se explicando por ali, torcida tá gritando, Denilson, Denilson, daqui a pouco Milton Neves vai falar prá gente, o que ele tá achando. Olha só a expressão dos rostos dos jogadores, a fala dos jogadores, tá, precisa nem gente acrescentar nada.

No debate depois do jogo, voltou a avaliação em cima da discussão de Dunga e Bebeto.

---

<sup>87</sup> Gravação da Rede Globo de Televisão, jogo Brasil e Marrocos, 16/06/98.

Valdir Spinoza (comentarista) - Eu acho que todo mundo conhece o Dunga, ele é Dunga antes de começar o jogo, começa o jogo, ele passa a ser o zangado (risos) né, então todo mundo conhece ele, essa é uma verdade, eu acho que acima de qualquer coisa está a conquista, o objetivo de conquista, e o jogador sabe disso, e sabe que tudo que for feito em função de que alcance o objetivo, tem que ser aceito, o jogador tem que se moldar, quer dizer, é um momento especial dentro do futebol, você tem que se moldar, quer dizer, a própria personalidade de cada um, ela tem que ser colocada, mas tem que moldar aos poucos, você tem que ter jogo de cintura, essa que é a realidade.

Ainda em relação ao episódio Dunga e Bebeto, no debate depois do jogo Brasil e Noruega, a rede Manchete de Televisão voltou a pautar o episódio, pela voz de um telespectador que achava que a mídia havia dado uma importância muito grande para o fato:

Eduardo Laje (maestro) - Ô Spinoza, eu estou aqui com a minha netinha Natali; você não acha que esse episódio do Dunga com o Bebeto foi muito valorizado, foi demais a valorização dada pela imprensa, e isso pode desestabilizar o ambiente de nossa seleção?

Valdir Spinoza (comentarista) - Bem maestro, eu acho que a imprensa procura noticiar, aquilo que realmente ela viu, se ela aumentou ou diminuiu, não sei, mas que realmente o fato foi no momento muito pesado, agora o que pareceu no jogo de hoje é que o Dunga ficou mais calmo, o Dunga quase não mostrou posicionamento, o Dunga quase não falou; eu acho que também não é por aí, o Dunga pode, não deve fazer aquilo que fez, da maneira como foi feito, mas também se o Dunga ficar calado, a coisa vai ficar muito pior...

A Rede Manchete foi mais além no episódio. Contratou uma pessoa para fazer a leitura labial do que foi dito em campo no momento da discussão.

Otávio Mesquita (apresentador) - Olha tem uma, é curtinho, muito interessante, a Manchete foi muito feliz na idéia, a Manchete convidou uma profissional, que trabalha com surdos e mudos, que viu o VT, aliás, a gente vai aproveitar a oportunidade, vamos colocar no ar a briga, a discussão do Dunga com o Bebeto, e o mais interessante disso com exclusividade, você de casa, através dessa profissional que foi contratada, ela consegue fazer o que a gente chama de leitura labial, então você vai acompanhar agora o que foi falado naquele momento, é muito interessante a reportagem, vale a pena você conferir porque realmente você vai saber aquilo que

nenhuma emissora mostrou, mesmo porque não tinha microfone ali perto, mas nós da Rede Manchete conseguimos saber o que era. Você quer fazer algum recado, alguma observação Renato, antes de colocar o VT...

Renato Gaúcho (comentarista) - ...Antes de colocar deixa eu falar uma coisa...Otávio, com todo respeito a essa mulher aí, eu duvido que ela coloque no ar o que os jogadores falaram naquele momento...

Matéria apresentada: ...Com a ajuda de Antônia Lobato Rangel, aluna do Instituto Nacional de Surdos, conseguimos reproduzir a discussão.

Dunga diz para Bebeto: Pra lá não, fica aqui f.d.p! Pô...presta atenção! (cena do jogo legendada após leitura labial) Exigindo que Bebeto ficasse na barreira.

Bebeto nervoso discute com ele, e aponta o dedo para o capitão. Cafú chega para apartar e Leonardo entra na discussão e ouve de Dunga: Não se mete, mandei ele pra cá! (idem)

Leonardo tentando apaziguar, fala para Bebeto: Calma! Calma! Agora acabou! (idem)

Dunga se justifica com Roberto Carlos: Não prestou a atenção pô! Ficou olhando! Ficou olhando! (idem)

Dunga volta então a discutir com Leonardo: Ele ficou olhando, tem que prestar atenção pô! (idem)<sup>88</sup>

Na Rede Bandeirantes, no debate depois do jogo, a discussão entre Dunga e Bebeto não escapou aos comentários. O que se apurou foi o seguinte:

Luciano do Vale (narrador) - Eu acho que o Zagallo não viu a cabeçada do Dunga no Bebeto, e acho também que muita gente no estádio não viu, porque em todos os depoimentos depois do jogo, se falou da discussão mas não se falou da agressão. E o caso do lance do primeiro jogo, que muita gente, ninguém viu, o Dunga metendo a mão na bola, são detalhes que acontecem, eu tenho a impressão que nessa coletiva aí do Zagallo, não houve ninguém, porque uma coisa é você perguntar, Zagallo o que você achou da discussão? Ele falou! Outra coisa é falar: Zagallo você vai tomar alguma atitude com a agressão. Estou certo, o raciocínio tá valendo?

Gerson (comentarista) - O raciocínio tá valendo, agora, eu conversava com os companheiros da Bandeirantes, da rádio Bandeirantes, e todos eles falaram nisso, alguém vai

<sup>88</sup> Gravação da Rede Manchete de Televisão, debate um dia depois do jogo Brasil x Marrocos, em 17/06/98.

perguntar isso pro Zagallo, e ele naturalmente vai vê, e lá dentro, no bate papo com os jogadores, ele vai perguntar se ele não viu.<sup>89</sup>.

Na **Revista Placar**, não poderia faltar a discussão entre Dunga e Bebeto. Dunga, na matéria, foi tratado como o dono do time e Bebeto como a vítima do irado capitão que, se não fosse a intervenção do “deixa-disso oficial da Seleção”, o jogador Leonardo, Bebeto, além de ouvir palavrões, teria ganhado também “uns safanões”<sup>90</sup>.

Em outra matéria, na mesma revista, o título em verde e amarelo, destaca: “CHAMA o síndico!” Dunga foi apresentado na matéria como o síndico da seleção, que segundo a matéria, mesmo sem apresentar um futebol de boa técnica, é unanimidade nacional. O jogador, segundo o texto, não poupa ninguém quando o assunto é chamar a atenção para algo errado. Ainda na mesma matéria aparece uma declaração de Zagallo, em forma de nota, dizendo que: “Dunga é o único líder da equipe, não tem ninguém de personalidade que chegue e grite como ele”

Na mesma montagem, é disposta uma consideração de Carlos Alberto Parreira indicando que o futebol é assunto de domínio do jogador: “Ele é um dos jogadores que mais entende de futebol. Basta provocá-lo para ele falar como um time treina e joga”<sup>91</sup>.

Já para o jornal *Correio do Povo*, como todas as outras fontes consultadas, a discussão da equipe em campo também foi analisada, e em subtítulo salientou que: “Dunga grita, xinga e sai para o abraço”. A discussão, como na Rede Bandeirantes, foi apresentada com sugestões que indicavam possibilidades de uma cabeçada de Dunga em Bebeto.<sup>92</sup>

Como decorrência do episódio entre os jogadores, aconteceu o recolhimento do jogador Dunga, que optou por uma posição de resguardo. Essa atitude foi vista, por alguns, como uma provocação do jogador, que não se manifestou em campo no jogo frente à Noruega.

<sup>89</sup> Gravação Rede Bandeirantes de Televisão, jogo Brasil x Marrocos, em 16/06/98.

<sup>90</sup> Ver **Revista Placar**, Copa 98, p. 17, em 17/06/98. Por Sérgio Xavier Filho e Sérgio Garcia, de Nantes.

<sup>91</sup> Ver **Revista Placar**, Copa de 98, p. 28, 29, em 17/06/98. Por Sérgio Garcia, de Ozoir-la-Ferrière.

<sup>92</sup> Ver **Correio do Povo**, p. 28, em 17/06/98.

Outros, porém, perceberam que a motivação do grupo poderia melhorar se Dunga voltasse a ser como era.

No jornal *Correio do Povo*, a discussão voltou em título: “Dunga e Bebeto não superam a briga”

Porém, o texto indicava que nada perturbava a seleção depois do incidente, e que o episódio havia se encerrado dentro do campo. Tanto Dunga como Bebeto não levaram o assunto adiante. O capitão, segundo a matéria, se dizia arrependido por ter extrapolado na discussão, mas achava ter tomado uma atitude acertada, pois para Dunga, tomar um gol de falta da frente da área, quando o jogo estava 1x0 para o Brasil, poderia mudar toda história do jogo. Ele também já demonstrava uma certa preocupação em relação às críticas que a imprensa promoveria, dizendo, segundo transcrição do jornal, que:

“...Eu errei e assumo. Se agi errado, talvez tenha sido porque sempre fui um jogador muito visado pela imprensa, e se a seleção fracassar na França já imagino quem será o jogador mais criticado. Pela repercussão desse caso, dá pra ver o que vai acontecer se o Brasil for eliminado. Ninguém sabe melhor do que eu o peso da crítica; é só lembrar a Copa de 90, na Itália. Mas a gente aprende com os erros”

Bebeto, por seu lado, foi apresentado em legenda de foto como um chorão: “No treino de ontem, Bebeto não conteve cara de choro ao conversar com Cafú”.

A foto apresentava, da esquerda para direita: Rivaldo de costas; Bebeto no meio com o rosto ladeado, senho franzido, olhos fechados e boca também fechada; Cafú se apresentava sério e também de boca fechada (ver anexo I). Logo abaixo, em subtítulo, vem a indicação da alternativa, que segundo a matéria, foi a escolhida por Bebeto para superar o acontecido: “Craque recorre à fé para esquecer caso”.

E mais uma vez, mesmo que o título da matéria indicasse o contrário, Bebeto também ressalta que o assunto foi resolvido e superado em campo e que já no vestiário eles haviam conversado normalmente. No entanto, a diagramação da página se organizou de forma a centralizar novamente o conflito mal resolvido; e enfaticamente fechou o assunto

com foto centralizada e legenda que deram conta de concluir uma opinião: os dois ainda não haviam se acertado. Podendo se observar uma intencionalidade de deslocar equilibrando texto, fotos, títulos, subtítulos e legendas, para no final focalizar a atenção do leitor ainda e mais uma vez na questão não resolvida entre os dois. Eles, forçosamente, e apesar das declarações em contrário no texto, terminavam a matéria sem ter se acertado.

A legenda de foto indicava que: “Apesar das declarações e pedidos de desculpas, o constrangimento entre os dois ainda permanece”

A foto apresentava, em primeiro plano, Bebeto em posição de corrida saindo do centro para a esquerda da foto. Dunga caminhava saindo do centro para a direita da foto. Assim, os dois compartilhavam ou faziam entender o que a legenda sugeria, pois encontravam-se de costas um para o outro, em situação antagônica no instantâneo apresentado (ver anexo J)<sup>93</sup>.

Esse episódio, envolvendo os dois jogadores, serviu para destacar como questões são tratadas e apuradas pela imprensa de um modo geral. O que se pôde salientar, nas coberturas realizadas, foi o interesse em aumentar a polêmica e o tempo de indisposição entre os jogadores. Mesmo que várias indicações apontassem para a resolução do conflito, as matérias se organizaram de forma a explorar ao máximo possível o acontecimento. Isso, como já citado, limitou a cobertura jornalística esportiva, pendendo a mesma somente para a discussão que aconteceu em campo.

Novamente surgiu como pauta de avaliação e em decorrência do placar apurado, a sugestão de que o Chile foi um adversário fraco (Brasil 4 x 1 Chile). Esse episódio foi apresentado da seguinte maneira pelo comentarista do Sistema Brasileiro de Televisão, que avaliou o desempenho da equipe brasileira no jogo, depois que a partida terminou, dizendo que:

---

<sup>93</sup> Ver **Correio do Povo**, p. 28, em 19/06/98.

Juarez Soares (comentarista) - ...E era preciso que o Brasil ganhasse bem da maneira como ganhou, a reunião que os jogadores fizeram valeu a pena, lavaram a roupa suja, quem sabe se agora o Brasil, pela amostra que deu hoje desses 4 a 1, é uma seleção que vai se reencontrar, deixar de lado a vaidade e partir pro jogo de futebol, pura e simplesmente dentro do campo. Superando os problemas fora do campo, o Brasil dentro do campo é realmente um time quase imbatível, a não ser que seja vítima dos seus próprios erros, bloqueou esplendidamente o Chile, jogou uma partida excelente, neutralizou...só pra encerrar, neutralizou, a Zamorano e Salas, coisa que poucas seleções conseguiram fazer até agora, se reencontrou, ...é muito exigente, o Brasil foi brilhante, não o Brasil não foi brilhante hoje, o Brasil foi aplicado, jogou o futebol sério, buscou o ataque, e conseguiu uma grande vitória, que vai fazer voltar o velho respeito, se é que alguma seleção estava ameaçando perder o respeito pelo futebol brasileiro, parece que o time se reencontrou, e agora vamos embora...

No debate depois do jogo, na mesma emissora, o adversário brasileiro foi avaliado novamente pelo comentarista, que disse o seguinte:

Juarez Soares - ...mas o Chile é reconhecidamente um time muito fraco, não tem um craque que saiba por exemplo dominar, que possa a bola chegar nos dois da frente...<sup>94</sup>

Na Rede Manchete de Televisão quando o time chileno perdia para o Brasil por 2 a 0, apurou-se as seguintes considerações:

Milton Neves (comentarista) - ...está bom demais, não pode acomodar, tem que continuar dominando o jogo e dizendo, quem manda aqui sou eu. Brasil começou tímido, mas um gol tem poder mágico, mudou tudo, e o time do Chile, que é um time regular, com dois ótimos atacantes e um lateral maravilhoso, sem esse lateral, muitos jogadores comuns, são nove jogadores comuns, e o Chile está igual à camisa brasileira, amarelou...está ótimo, é o velho jogo dos anos 60, o Brasil contra o Chile, o time grande contra o time pequeno, o Chile sente demais a ausência do seu lateral esquerdo Hooas, o Aros é muito fraco...

Durante o segundo tempo, o comentarista da Manchete falou de novo a respeito do adversário brasileiro.

---

<sup>94</sup> Transmissão e debate do jogo Brasil x Chile pelo Sistema Brasileiro de Televisão, em 27/06/98.

Milton Neves - ...Olha, impotente o time do Chile, num faz nem cara feia, perde conformado, faz entrar Estay e o Vega, coloca o time um pouco pra frente e vai abrir mais lá atrás, o Brasil pode fazer o quarto, o quinto...<sup>95</sup>

No jornal *Correio do Povo*, veio a grande chamada em título: “Brasil goleia o Chile”

Novo título tratou de restabelecer que: “É o futebol brasileiro voltando a assustar os rivais”

O texto afirmou que o Brasil chegou com muita naturalidade aos 4 a 1, não fazendo mais gols sobre a **esforçada seleção chilena** pelos erros que cometeu nas finalizações de ataque<sup>96</sup>.

Na **Folha de São Paulo**, a vitória brasileira na Copa foi acompanhada de matéria considerando que a vitória brasileira serviu como “(...) uma espécie de afirmação do time escolhido como titular pelo técnico Zagallo”, a questão foi apresentada dessa forma porque Zagallo, no jogo contra a Noruega, colocou o jogador Leonardo na posição de segundo volante e saiu com o jogador Denílson como titular. O time, no entanto, pareceu na ocasião não se encontrar como desejava a crítica jornalística. O texto sugeriu, então, que um dos motivos que ocasionaram essa confusão foi dado pelo “excesso de canhotos”, e a troca de alguns jogadores de suas posições normais. O exemplo que a matéria utilizou foi o posicionamento de Rivaldo mais pelo setor direito, visto que sua posição original é na “meia esquerda”. A questão foi concluída com a utilização da palavra “desentortado”, indicando que frente ao Chile a equipe brasileira se apresentou melhor técnica e taticamente, com todos voltando aos seus respectivos lugares<sup>97</sup>.

O que mais se evidenciou nessas considerações a respeito do jogo frente à equipe chilena foi à sugestão, depois do placar definido, de que o Brasil goleara na partida. Os chilenos foram considerados como uma equipe esforçada. Os brasileiros, segundo algumas apreciações, só poderiam perder por seus próprios erros.

---

<sup>95</sup> Transmissão do jogo Brasil x Chile pela Rede Manchete de Televisão, em 27/06/98.

<sup>96</sup> Ver **Correio do Povo**, Capa e p. 27, em 28/06/98.

<sup>97</sup> Ver **Folha de São Paulo**, caderno 4 – p.4, em 28/06/98. Da reportagem local.

Até mesmo no jogo contra a seleção de Andorra, dias antes da Copa, o adversário não escapou a comentários depreciativos. De antemão era sabido o ranking do adversário. Esse exerceu a função de colaborador e equipe de confiança da seleção brasileira para treinamento de apronte final. O observado foi o seguinte:

Embalado por toda uma apreciação especial, já realizada amplamente da equipe de Andorra, o comentarista do Sistema Brasileiro de Televisão, já no início do jogo, começou fazendo uma comparação para descrever a seleção de Andorra jogando contra a seleção brasileira.

Orlando Duarte (comentarista) - ...Andorra é como se o Sílvio Luís convidasse o Chicago Bulls para jogar contra o Juvenil de basquete do Corinthians, para se fazer uma comparação normal...

Esse mesmo enfoque foi utilizado pelo jornal Correio do Povo, que fazia menção ao adversário brasileiro, apurando via título que a equipe faria um “teste contra um time de bombeiros”, e que a seleção de Andorra era uma equipe inexpressiva por ostentar a 185ª posição no ranking da FIFA.<sup>98</sup>

O selecionado de Andorra deveria servir apenas para as últimas adequações na equipe brasileira para a estréia. A equipe adversária não tinha nesse caso outra função, a não ser a de permitir que se realizassem as movimentações que se pretendia realizar durante os jogos da Copa. Isso implica em dizer que a escolha de um adversário, nessas circunstâncias, é na maioria dos casos uma escolha do tipo que venha permitir tais experimentos. Também um adversário considerado mais fraco tende a diminuir os riscos de enfrentamentos mais duros, o que não seria possível caso se enfrentasse uma equipe mais combativa. O que poderia causar, nessa situação, danos irreparáveis a uma equipe prestes a entrar numa competição importante.

---

<sup>98</sup> Ver **Correio do Povo**, p. 23, em 03/06/98.

### 2.2.3.2 A revanche

O selecionado nacional, depois de vencer Marrocos, preparou-se para enfrentar a equipe norueguesa. O Brasil, na fase de preparação para a Copa, havia perdido para a Noruega. Instalou-se a partir daí um forte clima de revanche, por um lado, e por outro um clima de pouco caso. Ou seja, os que se apegaram ao revanchismo utilizaram a derrota brasileira em Oslo, na fase de preparação, e a crescente rivalidade que supostamente foi surgindo entre noruegueses e brasileiros. Validando assim, uma situação do tipo precisamos ir à forra.

Nesse contexto foi apurado o seguinte:

Na revista Placar, edição especial para a Copa, o que chamou a atenção e se encaixou ao contexto, proposto inicialmente de revanche, foi a apresentação da entrevista feita com o técnico norueguês. O título da matéria veio entre aspas, indicando uma declaração de Olsen (técnico da Noruega): “O Brasil me decepcionou”

Em seguida, a matéria descreveu as diferenças entre Zagallo e Olsen, destacando que ao contrário de Zagallo, Olsen era: “...um estudioso do futebol que deposita sua fé na tática e no uso intensivo de vídeos e estatísticas.”

Essa observação foi feita na apresentação da entrevista, quando também foi destacada a profissão do técnico norueguês: “Professor da Universidade de Oslo. “

Na seqüência, as perguntas se dispuseram de uma maneira a levar o leitor a entender ou a reforçar a opinião de que realmente os técnicos estavam em disputa pessoal, e que a possível rixa entre eles poderia ter implicações maiores.

A primeira pergunta disposta pela matéria foi bastante direta em relação ao episódio de disputa:

“Placar - O que o senhor ensina sobre o Brasil na Universidade de Oslo? “

“Olsen – Nada. Falo de aspectos mais gerais como, por exemplo, tática.”

Na segunda pergunta, estava contido o título da matéria, onde o técnico norueguês fazia menção à estréia brasileira na Copa.

“Placar - Gostou da estréia do time brasileiro?”

“Olsen – O Brasil me decepcionou...”

Assim, seqüencialmente, todas as perguntas foram feitas e dispostas na matéria com a intenção de aguçar uma rivalidade entre brasileiros e noruegueses. E no referente à pontuação dada na apresentação da matéria, destacando as diferenças entre Zagallo e Olsen, é possível sugerir que a construção das perguntas baseou-se nessa rivalidade, pois a terceira pergunta destacava que: “Placar – Para vencer a Copa do Mundo é necessário observar e conhecer os adversários?”

Olsen respondeu que necessário não era, mas ajudava. No entanto, sabe-se que Zagallo ficou conhecido e descrito pela imprensa nacional como um técnico que não se importava muito com os adversários, ou melhor, que não se interessava em conhecê-los. Isso já é bem sabido desde 74, por ocasião do jogo frente aos holandeses. Sobre essa perspectiva citada, acrescentando-se os relatos de Olsen, salientando que, se ele possuísse o time do Brasil certamente seria campeão do mundo; as duas últimas perguntas ligaram-se a terceira e tentaram extrair do técnico norueguês apreciações em relação ao estilo de jogo brasileiro (sua tática) e o desempenho de Zagallo como técnico.

“Placar – O que é preferível: ter o melhor esquema tático ou os melhores jogadores?”

“Olsen – É mais fácil ganhar com bons jogadores do que apenas com esquema tático.”

“Placar – O senhor considera Zagallo e o estilo de jogo do Brasil ultrapassado?”

“Olsen – Não conheço Zagallo, mas provavelmente é competente. Quanto ao estilo de jogo, acho que é o melhor do mundo<sup>99</sup>.”

Já no jornal **Correio do Povo**, a legenda de foto deixava claro, antes da partida, que coordenador e técnico da seleção brasileira discordavam sobre a forma de encarar o jogo, salientando que: “O coordenador da Seleção não concorda com Zagallo, que só fala em vingar derrota em Oslo”.

O texto da matéria também dá conta de que Zico divergia de Zagallo em relação ao comportamento de vingança, indicando que o pensamento do coordenador se reportava para o respeito com os adversários, fossem eles quem fosse, e transcreve o que dissera o coordenador na ocasião:

“É um sentimento mesquinho essa história de vingança. Temos que respeitar o adversário, seja ele a Escócia, o Marrocos ou a Noruega ...”

“E a melhor forma de fazer isso é ganhando dentro de campo, e ganhando bem. Não adianta vencer em entrevistas”<sup>100</sup>.

Essas considerações colaboram para o entendimento de que Zagallo encarava o jogo como uma vingança pessoal e que a disputa já havia extrapolado em proporções, visto as manifestações de inconformidade de Zagallo em relação às declarações do técnico norueguês. Zagallo, segundo outra matéria do jornal **Correio do Povo**, respondera a Olsen dizendo que: “...se Olsen tivesse se preocupado mais com sua equipe, não estaria em posição complicada na tabela, prestes a ficar de fora da segunda fase.”<sup>101</sup>

Zagallo, nesse ponto, respondia à intromissão sugerida pelas considerações de Olsen, que declarou que se possuísse uma equipe como a brasileira, sairia campeão do mundo da competição.

<sup>99</sup> Ver **Revista Placar/Especial Copa 98**, nº 2, p.21, em 17/06/98.

<sup>100</sup> Ver **Correio do Povo**, p. 24, em 21/06/98.

<sup>101</sup> Ver **Correio do Povo**, p. 32, em 19/06/98.

Os da turma do pouco caso, faziam parte àqueles que, a partir do momento que o Brasil passou a liderar o seu grupo devido ao arranjo dos jogos: os empates entre Marrocos 2 x 2 Noruega, e Escócia 1 x 1 Noruega e, principalmente a vitória do Brasil frente a Marrocos (3x0), indicando, a partir de então, que o Brasil sairia em primeiro perdendo ou não para a Noruega, promoveram imediatamente um clima de jogo treino, de tanto faz, de coletivo; caracterizando o episódio como uma mera formalidade a ser cumprida. Isso pode ser visto com antecedência na transmissão realizada pela Rede Manchete de televisão, quando o narrador e comentarista salientaram que:

Paulo Stein (Narrador) - Tentativa na área do Brasil. Olha, é isso que não pode acontecer, né Milton?

Milton Neves (Comentarista) - Sem dúvida, Paulo Stein. Aliás, o Edmundo tá querendo impressionar, porque ele tem, coitado, pouco tempo prá jogar, ele quer impressionar, só que é o seguinte, rapaz, o Brasil poderia, fazer mais um gol, porque faz 15 minutos que o jogo acabou, virou coletivo, mas fizesse o Brasil 4, seria a maior goleada da Copa, isso é importante para impor respeito, repercute muito a goleada.

Logo mais à frente, o narrador, concordando com o que o comentarista já havia salientado sobre o próximo jogo da seleção brasileira, complementou a idéia dizendo o seguinte:

Paulo Stein (Narrador) - É isso aí, Milton, estamos tranquilos, você tá convidado, na próxima terça-feira dia 23, a fazer comigo um treino do Brasil contra a Noruega, tá combinado?

Milton Neves (Comentarista) - Falou, Paulo Stein!

Paulo Stein (Narrador) - Tá bom, você também Armando (comentarista de arbitragem da emissora), tá combinado hein, terça-feira que vem, tem um treino, Brasil e Noruega, tá combinado...<sup>102</sup>

Outro pronunciamento favorável à descaracterização do jogo como um enfrentamento, uma disputa verdadeira, veio da parte de Paulo

<sup>102</sup> Ver parte final da transmissão do jogo Brasil x Marrocos pela Rede Manchete de Televisão.

Roberto Falcão, comentarista da Rede Globo de Televisão, que também escrevia para a Revista Placar Especial/Copa 98. Ele, antes do jogo acontecer, já salientava que a partida deveria ser descaracterizada, e que Zagallo deveria aproveitar para dar oportunidade a outros jogadores para adquirirem ritmo de Copa, só que para isso Zagallo deveria deixar a rixa de lado e jogar a partida com “o regulamento na mão”. Falcão queria dizer, na sua opinião, que como o Brasil já estava classificado, não havia necessidade de desgaste frente aos noruegueses. Por isso sua apreciação em matéria para a revista Placar foi a seguinte:

Não havia motivo para enfrentar uma Noruega desesperada com o time principal. Poderíamos escalar uma equipe mista, tirar a responsabilidade da vitória<sup>103</sup>.

Pode-se dizer que o envolvimento do jogo se deu num bate e volta entre essas duas questões. Várias reportagens foram centralizadas no clima de revanche, onde inclusive o técnico Zagallo se pronunciou respondendo a indicações de que o técnico norueguês o havia provocado.

Essa disputa ficou evidente quando o Jornal do Brasil destacou, em matéria de capa, as seguintes considerações:

“...pela terceira vez, a seleção brasileira entra em campo nessa Copa do Mundo e mais uma vez o técnico Zagallo terá que alterar o time, se não disputa mais a classificação e liderança do grupo, tem pelo menos um bom motivo para buscar a vitória: esfregar os eventuais gols na cara do técnico Egil Olsen, um falastrão capaz de tirar do sério até monge budista. Além disso, o Brasil nunca venceu a Noruega. Nas duas partidas disputadas até hoje, houve um empate em 88 (1x1) e a derrota de 4x2 no ano passado – os dois jogos disputados em Oslo.”

Ao qual Zagallo, em sua coluna, reiterou:

“.....acredito nos meninos. E quero vencer para calar a boca do falastrão do técnico deles, que parece, como se

---

<sup>103</sup> Ver Revista Placar/Especial Copa 98, nº 3, p.13, em 24/06/98.

dizia quando eu era garoto, ter engolido uma corda de vitrola. Fala demais. Quero ver é o que ele vai falar hoje”<sup>104</sup>.

O que ficou claro é que aqueles que se mobilizaram no sentido de deixar o jogo em situação de “jogo treino”, contribuíram para a ampliação do estado de rivalidade. O próprio treinador brasileiro estimulou ou colaborou para a exploração desse contexto. O jornalismo esportivo, nesse caso, deu continuidade à questão polêmica. Isso pôde ser percebido na contextualização da rixa que serviu para aumentar as especulações envolvendo uma disputa pessoal entre os dois técnicos.

### **2.2.3.3 A vitória contra a Holanda: a conquista do penta.**

Na decisão por pênaltis, verificou-se que o entusiasmo com a vitória foi geral e todas as emissoras obrigatoriamente reverenciaram a atuação do goleiro brasileiro Taffarel, que a partir daquele momento passou a ser herói nacional. Um outro ponto importante e que deve ser considerado com muita atenção foram as considerações feitas em relação ao adversário brasileiro, a Holanda, o mais forte adversário e o mais certo candidato ao título. Depois dessa partida, vencendo o possível campeão, parecia que o Brasil já tinha conquistado a Copa. Algumas manchetes, títulos e subtítulos salientavam o otimismo que se acentuava:

**Revista Placar** – ZAGALLO: “PREFIRO A FRANÇA NA FINAL. VAI SER UMA FESTA”<sup>105</sup>

---

<sup>104</sup> Ver **Jornal do Brasil**, caderno de esportes, p.3. Coluna do Zagallo: Quero Vencer.

<sup>105</sup> Ver **Revista Placar/Especial Copa 98**, nº 6, p. 7, em 08/07/98.

**Folha de São Paulo** – “Missão cumprida é só o penta”, afirma Zagallo”<sup>106</sup>

**Jornal do Brasil** – “CLIMA DE JÁ GANHOU” “Comissão e jogadores mostram otimismo antecipado para a final”<sup>107</sup>

**Jornal do Brasil** – “Ninguém tira o penta da gente”<sup>108</sup>

**Folha de São Paulo** – “Zagallo acredita que a França vai tremer na final”<sup>109</sup>

**A Gazeta Esportiva** – “Mundo aposta no Brasil”<sup>110</sup>

Na Bandeirantes, antes da final, no programa de debate “Apito Final”, Luciano do Vale, o narrador do programa, salientou que um time turco havia contratado Taffarel para jogar depois da Copa. Segundo ele, estariam fazendo uma enorme festa porque nunca imaginaram ter contratado um herói (referência ao jogo frente à Holanda). Já o comentarista Gerson continuava eufórico, dando dois gols para o Brasil no jogo frente à França. Essa euforia de Gerson foi muito marcante depois que os brasileiros venceram os holandeses na disputa de pênaltis. Na sua maneira de ver, o Brasil já tinha passado pela equipe mais forte dentro da competição. Em entrevista exibida no mesmo programa, o técnico Zagallo também fazia menção de que o Brasil já tinha superado o adversário mais forte dentro da Copa. O otimismo depois da partida disputada em pênaltis era crescente entre os brasileiros, o qual Armando Nogueira reforçou dizendo que não acreditava que a França poderia vencer o Brasil na final, mesmo considerando que o

<sup>106</sup> Ver **Folha de São Paulo**, caderno 4, p.4, em 08/07/98.

<sup>107</sup> Ver **Jornal do Brasil**, caderno de esportes, capa, em 11/07/98.

<sup>108</sup> Ver **Jornal do Brasil**, caderno de esportes, p. 3, em 12/07/98.

<sup>109</sup> Ver **Folha de São Paulo**, caderno de esportes, p. 4, em 10/07/98.

<sup>110</sup> Ver jornal **A Gazeta Esportiva**, manchete de Capa, em 10/07/98.

futebol era um esporte que poderia apresentar dessas surpresas, onde uma “equipe considerada menos qualificada” tivesse a chance de ganhar de uma equipe como a brasileira. Dito isso, sinalizou com a mão indicando que o Brasil contava com a experiência de cinco finais (gesto feito com a mão aberta para a câmera enfaticamente). Ele ainda conclui que, depois de passar da semifinal, os franceses comemoraram o título que, segundo sua opinião, seria o que eles almejavam, o vice – campeonato, posando ao lado dos brasileiros depois da final. Segundo o jornalista, a maioria dos jornais franceses traziam na composição de suas manchetes a palavra sonho. Isso para o jornalista já era a condição dos franceses de “**contentamento**” com o que conseguiram até aquele momento, ao qual Gerson complementou, salientando a sorte que os franceses tiveram de sediar a Copa, “senão nem das eliminatórias eles passariam”. Ele ainda sacramentou, analisando que o time francês não teria estrutura para suportar um jogo mais ativo, destacando que a zaga não tem condições de suportar um jogo de vai e volta juntamente com o seu meio campo. Para Gerson, o ataque francês “não segurava a bola”, uma condição que demonstrava uma instabilidade no setor.

Luciano do Vale, o narrador, começou então a salientar uma declaração dada pelo médico da equipe francesa que dizia que o técnico francês necessitaria fazer substituições para garantir um desempenho melhor de sua equipe, visto que muitos jogadores apresentavam lesões em decorrência da competição. Nesse programa também foram mostradas algumas entrevistas feitas com os jogadores franceses, eles diziam que jogar contra o Brasil, considerado favorito seria uma tarefa muito dura, mas salientavam que só depois do jogo é que seria apurado o vencedor. Os participantes do programa, depois dessa exposição dos comentários dos jogadores franceses, começam a debater sobre as qualidades desses jogadores, e o que se percebeu foi que a euforia do jogo anterior ainda era presente e de que os franceses não estavam sendo considerados tão perigosos<sup>111</sup>.

---

<sup>111</sup> Gravação da Rede Bandeirantes de Televisão, programa de debates Apito Final, em 11/07/98.

O que chamou a atenção foi o otimismo que tomou conta das notícias de um modo geral. O Brasil, seguramente, a contar pelas previsões realizadas e pela vitória na semifinal, seria o vencedor. Mesmo que algumas considerações fossem feitas em relação ao adversário brasileiro – a França, em nenhum momento se pôde perceber a possibilidade de derrota do Brasil. Se a tônica jornalística se baseou no pentacampeonato anunciado e antecipado, errou! Novamente esqueceu de abordar a questão pelo lado esportivo correto. A euforia prestou-se a uma apreciação “desnorteada” e utópica de jogo. Todos os estilos mais salientes citados e até agora utilizados nas coberturas aumentaram em intensidade. Isso quer dizer que mais uma vez só deu Brasil nas análises jornalísticas. Se for considerado que uma partida precisa ser jogada para depois ter seu fim anunciado, não se pode basear discussões e análises em prognósticos e fazer deles o senso para afirmar uma vitória. O que aconteceu, mesmo que não se queira admitir, foi um clima de já ganhou, que impediu a mínima visualização de derrota brasileira na final.

#### **2.2.3.4 Frustração da derrota e a busca de explicação**

A última etapa de descrição ocorreu a partir das transmissões realizadas durante a partida final da Copa (Brasil 0 x 3 França). Esse foi o grande momento da competição: em campo, colocadas frente a frente, as duas melhores equipes apuradas dentro do evento. Os franceses, pela primeira vez, e em casa, alcançaram a possibilidade de conquistar uma Copa do Mundo de Futebol. Os brasileiros, atuais tetracampeões, com um time de ponta, contavam com um favoritismo maior. Poderiam de imediato se transformar nos únicos pentacampeões do planeta, fato inédito e amplamente divulgado e esperado pela nação brasileira. Porém, dois fatos curiosos e não menos importantes se revelaram antes do início do jogo:

- 1) O Brasil não entrou para o aquecimento em campo, como de costume. Optou por aquecer no vestiário, uns acharam muito estranho esse comportamento, outros imputaram a estratégia a artimanhas de Zagallo para não se expor à torcida francesa, maciçamente presente no estádio.
- 2) Todas as emissoras, sem exceção, acusaram a não escalação de Ronaldo no time titular do Brasil. Alguns narradores chegaram a mostrar no vídeo que o nome do jogador não estava na lista dos titulares. Um clima de dúvida e incerteza se instalou imediatamente.

O que poderia estar acontecendo? Ronaldo jogaria ou não? Foi erro ou não foi por parte de quem confeccionou a lista? Será que Zagallo endoidou de vez e colocou Edmundo no lugar de Ronaldinho, logo na final do mundial? Essa incerteza durou até o momento que uma nova lista foi apresentada e o nome de Ronaldo apareceu no lugar reservado aos titulares. Tudo não passou de um enorme engano de alguém, por descuido. E que descuido. Deixou de relacionar Ronaldinho entre os titulares. Desfeitas todas as dúvidas em torno das questões que foram levantadas a respeito da participação ou não de Ronaldinho na partida, o jogo iniciou. O final é praticamente conhecido por todos, o Brasil perdeu o jogo sem conseguir esboçar uma resistência à altura do que vinha fazendo na competição. Mas por quê? Quem foi o culpado do Brasil perder o jogo para os franceses? Como se explica que um time repleto de astros e com os dois melhores jogadores do mundo perdeu para a França?

Mais dúvidas surgiram a esse respeito, alguém escondia alguma coisa e por que motivo? Zagallo foi protagonista mais uma vez de um outro episódio, quando na coletiva depois do jogo foi perguntado por que colocou Ronaldo na partida se ele não tinha condições de jogar. O

técnico brasileiro perdeu a paciência com o repórter e lhe disse uma porção de coisas, entre elas, ele afirmou que para estar naquela posição era necessário ser homem, e que muitos dos repórteres que ali estavam deviam a sua profissão a ele. O responsável por assessorar a coletiva tentou retirar Zagallo, ele queria ficar, não queria sair, estava bastante nervoso, a entrevista se encerrou com um clima de briga entre Zagallo e o repórter.

Com isso, mais coisas pareciam saltar aos olhos e não ficaram bem esclarecidas. Daí para frente uma enxurrada de informações e especulações se iniciaram. O alvo principal foi Ronaldinho, que supostamente não deveria ter entrado na partida. Mas, por quê? Quem autorizou sua entrada e por que motivo? Quais os interesses que estavam por trás? Ronaldo e todos os que fizeram parte desse e de outros episódios polêmicos durante a Copa são virados do avesso em poucos dias. O que se apurou nessa avalanche de dados e informações foi o seguinte:

Na TVE, emissora da Fundação Padre Anchieta, no programa Cartão Verde, um domingo depois da final, a abertura do programa depois da derrota brasileira começou com imagens da chegada da delegação brasileira e a recepção feita pelo presidente em Brasília. As cenas eram mescladas com a comemoração francesa, tendo como música de fundo cantarolada por Caetano Veloso: "...alguma coisa está fora da ordem, fora da nova ordem mundial."

Assim teve início o programa que já lançou, "via pesquisa", como de costume, o que os telespectadores achavam a respeito do polêmico caso de Ronaldinho; que após passar mal, entrou no jogo sem ter condições. Foram convidados para o programa, o técnico Wanderley Luxemburgo, o jornalista Osmar de Oliveira (do SBT), os jogadores Denílson, Gamarra e Emerson.

Flávio Prado, o jornalista responsável por conduzir o programa, iniciou conversando com José Trajano, outro jornalista componente da mesa e os dois falaram a respeito da derrota do Brasil.

José Trajano comentou sobre os absurdos que vinha escutando a respeito do fato. Um deles, ressaltou o jornalista, seria a possibilidade ventilada a respeito de que os jogadores brasileiros haviam se vendido na partida final, o outro foi por ocasião de uma entrevista do médico Lídio Toledo, em outra emissora, que dizia não lembrar do remédio que deu a Ronaldinho. Um grande absurdo, na opinião do jornalista que sugeriu que Lídio podia ser um mentiroso, lembrando de todas as situações polêmicas que envolveram o médico durante a Copa, ressaltando principalmente o caso Romário. Ele também destacou as sugestões de que a Nike ou o presidente Ricardo Teixeira, da CBF, haveriam escalado Ronaldo para a final da Copa.

Flávio Prado se dirigiu então ao outro componente da mesa, o jornalista Juca Kfourri. Juca iniciou dizendo que estava convencido do óbvio e fazia menção a uma matéria feita por um colega da Folha, que segundo ele retratava muito bem o que acontecera com Ronaldinho. Ele chamou a atenção que com as sofisticações que existem atualmente, e em se tratando de gente que ganha muito dinheiro como nossos atletas ganham, se poderia descrever o que aconteceu com Ronaldinho como uma “síndrome do pânico”, e que antigamente se chamava isso no meio futebolístico de “pipocar”. O jornalista também indicou que mais à frente uma autoridade no assunto iria se pronunciar a esse respeito; tratava-se do jornalista e médico Osmar de Oliveira. O jornalista também chamou a atenção para o assunto que surgiu via Internet, de que o Brasil havia se vendido, ou a “cartolagem” brasileira havia feito isso. Juca enfatizou o fato indicando que as pessoas que usavam a Internet, situadas em um nível sócio – econômico mais elevado, achavam até que os cartolas poderiam ter vendido a partida final da Copa. Ao qual Flávio Prado sugeriu que poderia ser possível. Juca interveio junto com José Trajano, e falaram novamente que esse absurdo só poderia acontecer com a convivência dos 22 jogadores, coisa que não se poderia nem imaginar, “uma fantasia”! Mas que realmente o Brasil havia perdido pelos defeitos já apurados, em relação à preparação e aos métodos ultrapassados, e que o

técnico brasileiro não era capaz mais de comandar um grupo de atletas, mas que mesmo assim ele se surpreendera com a conquista do vice. Juca, então, se dirigiu a Wanderley Luxemburgo e o questionou a respeito de sua provável indicação para técnico da seleção, agora que a “era Zagallo” havia terminado. O jornalista mesclou à pergunta a possível aceitação do cargo, duas questões interessantes. A primeira referiu-se ao convite que Luxemburgo fizera a Marcos Moura Teixeira, sobrinho de Ricardo Teixeira, para compor seu grupo de trabalho na equipe que dirigia. A segunda foi a indisposição com Pelé, no Santos, quando esteve dirigindo o clube. Fazendo assim uma espécie de frente a Pelé, cativando a CBF (sabe-se que Pelé, atualmente, discorda de posições da CBF e FIFA). Luxemburgo falou que não era favorito ao cargo, pois isso tudo que se falou foi fruto de pesquisas e especulações e que de nenhuma maneira estaria desenvolvendo estratégias para agradar à CBF e conquistar o cargo. Ele afirmou também que outros tantos têm as mesmas condições e que o cargo deveria ser preenchido pela competência e não pela articulação estratégica que a pergunta sugeriu.

O jogador Denílson foi acionado para responder o que, segundo Flávio Prado, seria uma pergunta inevitável: o que ele viu e presenciou a respeito de Ronaldinho? Denílson respondeu que quando ele chegou no quarto de Ronaldinho as coisas já tinham normalizado, mas quem presenciou o acontecido descreveu como algo horrível, muito feio. Ele também chamou atenção às críticas que foram feitas em relação às responsabilidades assumidas por Ronaldinho e a sua pouca idade, lembrando que ele também era jovem, e que situações como essas deveriam ser contornadas com o apoio de outras pessoas qualificadas em gerenciamento de craques (empresários). Nesse momento, Wanderley Luxemburgo chamou atenção de que Ronaldinho foi responsável pela ocupação de 42% da mídia mundial durante a Copa, portanto uma relação quase inevitável com questões de marketing diárias. Ele também lembrou os dois empresários de Ronaldinho, dizendo que os conhecia bem e que são duas pessoas competentes nas funções que exercem. Juca Kfoury, por

sua vez, disse que não conhecia os empresários de Ronaldo e que, portanto, acreditaria no que Luxemburgo acabara de dizer. Todavia, chamou especial atenção para o fato de que Ronaldinho alugou uma casa para toda a família na França, e de que ele estava em um hotel próximo a essa casa. E que nessa casa estavam hospedados:

“O pai de Ronaldinho com a nova mulher,”

“A mãe de Ronaldinho com o seu companheiro”

“E que vários amigos de Ronaldinho dormiram nessa casa, uns até mesmo pelo chão.”

E que essas pessoas telefonavam constantemente para Ronaldo levá-las de um lado para o outro. Juca confirmou que segundo declarações de Fábio Koff, o menino Ronaldo passava muito tempo ao telefone celular. Nesse ponto, o jornalista levanta uma hipótese de que, segundo um e-mail que recebeu de um médico sério do Paraná, existe a possibilidade de alguma coisa acontecer ao sistema nervoso da pessoa que se expõe muito tempo ao telefone celular. Wanderley considerou isso também absurdo; sugerir que a Copa foi perdida pelo uso do telefone celular. Agora, novamente o esquecimento de Lídio Toledo em relação à medicação dada a Ronaldinho voltou a ser discutida. Para José Trajano, os médicos deviam explicações, inclusive ao CRM, sobre o uso do medicamento, pois o jogador poderia ter morrido em campo.

Emerson participou do programa falando dos estúdios da TVE, de Porto Alegre, e Flávio Prado fez a ele a mesma pergunta que fez a Denílson. O jogador respondeu que o que ele presenciou se “assemelhava ao que se poderia chamar de convulsão”, e que todos que presenciaram o acontecido não acreditaram no que estavam vendo, Ronaldinho estava totalmente diferente do que ele era. Juca Kfourri, então, perguntou se era verdade que Edmundo gritava que ele estaria morrendo. Emerson disse que foi mais ou menos isso, ele não escutou muito bem.

Neste ponto do programa, o jornalista Osmar de Oliveira entrou em cena, e Flávio Prado começou perguntando o que aconteceu com Ronaldinho. Ele “pipocou”, teve um ataque epilético, teve alguma

coisa comum? Osmar lembrou da pouca transparência das declarações até o momento apuradas e começou fazendo uma observação cuidadosa, pois não pretendia de forma nenhuma ferir a ética profissional, já que ele, além de jornalista, também é médico. Osmar lembrou da entrevista que viu do médico Lídio Toledo, quando este afirmou ter desenrolado a língua do jogador, que tinha uma secreção ao redor da boca. O jornalista médico disse então que, se o doutor falou isso, o que se poderia apurar é que foi “epilepsia”, que não precisaria nem de exame e que o jogador não poderia jogar de maneira alguma, necessitando de no mínimo 24 horas de repouso. Nesse ponto, Osmar de Oliveira começou a tecer considerações em relação ao tempo dito pelo médico Lídio Toledo que o ataque teria durado uns 30 segundos. Osmar começou a fazer as contas, a partir dos relatos que foram feitos pelos jogadores envolvidos no acontecimento, e concluiu que o ataque não durou 30 segundos como afirmou o médico, e sim perto de 2 minutos. Como poderia o médico dizer então, que o ataque foi de 30 segundos? Sugeriu Osmar que “alguma coisa já estaria errada a partir daí”. Como segunda consideração, o jornalista agora falou do parecer do outro médico, que disse que Ronaldinho sofreu uma “conversão”. Ele então se dirigiu aos telespectadores e explicou o que seria uma conversão, usando de palavra simples para o entendimento de todos: conversão nada mais era do que um “chilique”, um “piripaque”. Segundo ele, um fato muito comum que acontecia no carnaval, quando um sujeito chega e rouba a namorada do outro, o cara começa a se “estribuçar” (faz o gesto de quem se contrai, se estremece). Assim, o jornalista considerou que, ou foi uma coisa ou foi outra. Se foi convulsão, como já foi dito, não deveria ter jogado. Se foi “piripaque”, o técnico precisaria conhecer o jogador para saber se ele poderia jogar ou não. Mas, o jornalista considerou que só poderia fazer isso um cara que convive com os atletas, “não um cara que ficava o tempo todo jogando baralho ao invés de conversar com seus jogadores”.

Osmar também considerou que alguém deveria ter pegado o grupo de jogadores e ter explicado o que aconteceu com Ronaldinho, ou até mesmo ter inventado uma “mentira convincente”, para manter o grupo em estado normal para disputar a partida.

A sugestão mais impositiva que o jornalista apresentou foi a de uma suposta indisposição com a namorada ou coisa parecida. Mais adiante, ele começou a esboçar as suas convicções em relação ao acontecido. Ele supunha que Ronaldinho fora vítima de um “*stress*” que desencadeou uma conversão, um chilique, e que esses casos, de acordo com sua experiência, são relacionados, em “95%, com questões amorosas”. Nesse momento, o jornalista fez uma pausa e olhou para todos da mesa, esperou um pouco e indicou que Denílson estaria sorrindo (um close é dado no jogador, ele sorri). Ele lembrou que Ronaldinho estava há mais de dois anos envolvido com celular para um lado, celular para o outro, e que também devia ter contornado os problemas em relação ao comportamento da mãe; e volta novamente com a tese de que só complicações relacionadas ao “**Amor**” poderiam desencadear tal situação. José Trajano interveio, dizendo que ele não esperava que o assunto pendesse para esse lado e que muito menos esperava uma reação dessas do Ronaldinho frente a um problema relacionado com questões desse tipo. Novamente Osmar de Oliveira interveio, salientando que ele já tinha visto muita gente importante se dar um tiro por problemas amorosos, e disse:

Osmar de Oliveira – “...Acho que a reação dele até que foi pequena...”

Assim, Osmar de Oliveira pareceu confirmar a tese que procurava defender desde o início, em que ventilou a hipótese de conversão.

Juca Kfourri perguntou a Osmar de Oliveira se a cor do remédio “Valium” era azul; Osmar pensou um pouco e disse que era azul clarinho, mas que isso não seria possível afirmar porque não se sabia qual remédio fora ministrado ao jogador. Isso ainda não havia sido esclarecido. Juca, então, perguntou a José Trajano sobre a possibilidade do que aconteceu a Ronaldinho virar um grande roteiro para Hollywood. Trajano respondeu prontamente que se a questão fosse levada para esse

lado, seria dar muita importância para uma “namoradinha”, que a televisão francesa deu muita importância. Seria se preocupar com “uma questão menor”. Isso, segundo sua opinião, não poderia ser considerado de forma nenhuma.

José Trajano entrou em cena novamente, salientando que por uma paixão valeria qualquer coisa. Mas uma pessoa que carregava o peso de ser o melhor do mundo, com patrocínios da Nike, da Parmalat e da Brahma, teria que desempenhar um papel meio de “Super Homem”, porque o nível de exigência em cima do jogador sempre foi muito grande.

Mais à frente, surgiu o resultado da “pesquisa” em relação à participação ou não de Ronaldinho na final da Copa. O resultado apurado foi o seguinte: 182 ligações indicaram que Ronaldo deveria ter participado da final, 1235 ligações indicaram que não. Flávio Prado chamou atenção para que a “posição do torcedor brasileiro foi bem clara em relação ao episódio”.

Osmar de Oliveira chamou atenção para um outro assunto, um suposto “**racha**” em relação ao grupo da seleção. O jornalista salientou que o torcedor, ou o telespectador, não podia pensar que a seleção se dividira a partir da derrota frente aos franceses. Osmar afirmou que o grupo “rachou”, se dividiu em dois a partir do jogo de estréia. Ficando um grupo com o Dunga e outro com o Leonardo.

Chegando ao final do programa, Osmar de Oliveira pediu uma explicação ao técnico Zagallo. Como ele, o técnico, apresentaria uma solução tática para quando os seus dois laterais fossem marcados? E sugeriu que possivelmente Zagallo não saberia responder, mas que qualquer técnico o faria. Prontamente Juca Kfourri interveio, dizendo-se surpreso com a posição do amigo e que naquele momento o havia pego em contradição, porque o mesmo, há instantes atrás, havia escolhido “a imagem da vovózinha” saltando de pára-quedas para a imagem da semana, como normalmente se fazia no programa, e agora pedia uma explicação dessas a Zagallo. Aqui, pontualmente, o jornalista liga mais uma vez a figura de Zagallo a do “velho”; o mesmo já havia sido feito por ocasião da

má campanha na Copa Ouro dos EUA, pela **Folha de São Paulo**, quando um dos articulistas destacou em título a idéia que: “Vão mandar o velho Lobo passear”<sup>112</sup>.

O programa que foi acompanhado acima descreve todas as especulações realizadas em cima do caso Ronaldinho. Sua realização, uma semana depois da final, caracterizou-se pela condição de já ter apurado questões relativas aos outros programas que surgiram a partir do polêmico caso. Todavia, se perseguirá as pontuações mais relevantes sugeridas no seu transcurso, relatando as suas aparições em outras emissoras.

a) **Sobre o suposto “racha” na seleção:**

O jogador Cafú participou do programa “Fogo Cruzado”, da Rede Bandeirantes, realizado em cima do tema Ronaldinho e a final na França, e quando questionado pelo apresentador sobre o suposto racha na seleção negou veementemente, salientando que não existia nenhuma formação de grupos, como foi sugerido, em que Dunga lideraria uma, Leonardo outra e Edmundo mais outra. Isso, segundo o jogador, não tinha nenhum fundamento.

b) **Sobre interferências da Nike**

Na Rede Bandeirantes de Televisão, o programa “Fogo Cruzado” sobre o caso Ronaldinho, iniciou com a seguinte pergunta: “Se a Nike não patrocinasse o Ronaldinho e a seleção, ele seria escalado para jogar a final?”

Depois de enfatizar a pergunta, o repórter Paulo Henrique Amorim falou da manifestação de um jornal americano que caracterizou a escalção de Ronaldinho de “**obscena**”, e logo iniciou uma cronologia desde a saída de Ronaldinho do São Cristovão até sua última contratação

---

<sup>112</sup> Gravação da TVE, programa de debates esportivos, Cartão Verde, em 19/07/98.

pela Inter de Milão. Sua trajetória foi mostrada nas cifras que o jogador foi dobrando a cada contratação realizada, e o que ele representa para cada equipe que o contrata em outras modalidades de marketing, como por exemplo, vendas de camisetas e assinaturas para as transmissões dos jogos. O que implicou diretamente com a manchete que o narrador do programa salientou antes da cronologia, do maior jornal esportivo francês, que “o futebol jamais havia produzido uma barra de ouro do tamanho de Ronaldinho”. A narrativa explorou a força da Nike na NBA norte – americana e a tentativa que a empresa faz em superar a concorrente ADIDAS no futebol (patrocinadora da equipe francesa). O repórter, então, salientou uma questão que diz respeito às desconfianças que a Inter de Milão tinha em relação ao que estivessem fazendo com Ronaldo na seleção. Ele mencionou inclusive um bate – boca do presidente da Inter com o médico Lídio Toledo e com Zagallo, desconfiando que estariam tratando a tendinite de Ronaldinho com infiltrações, e também com todas as coisas que se dizia que a seleção teria feito a Ronaldinho. O repórter também insinuou que a dúvida dos médicos italianos baseava-se na possibilidade de que o “**eletro**” que o jogador fez na França não ocorreu de fato. Assim, o repórter conduziu a matéria dentro da conclusão que os médicos italianos tiraram depois da bateria de testes realizados no Brasil. Ronaldinho “sentiu medo”, e concluiu dizendo que “até uma barra de ouro pode sentir medo”.

César Sampaio e Gonçalves falaram a respeito do que presenciaram. Sampaio falou que abriu a boca do jogador para facilitar a sua respiração e que a musculatura do corpo de Ronaldinho parecia atrofiada. Ele ainda disse que Ronaldo estava babando. Gonçalves diz que viu o jogador com o “olho virado”, se debatendo e espumando pela boca. Lídio Toledo chegou para prestar os primeiros atendimentos e declarou ter dado um tranqüilizante ao jogador (a imagem que a matéria mostra é de uma caixa de “Valium”), o outro médico, Doutor Joaquim da Matta, falou sobre o atendimento inicial e que passados dez minutos o jogador foi auscultado e que nenhuma anormalidade foi verificada. Ronaldinho, por sua vez, diz não lembrar de nada e que acordou com

muitas dores no corpo. Ronaldinho foi encaminhado a uma clínica neurológica para fazer alguns exames (mais ou menos uma hora antes do jogo), enquanto isso a lista da escalação brasileira já circulava sem o nome do jogador como titular. O jogador voltou a tempo de entrar no jogo e pediu para ser escalado. Zagallo então, colocou Ronaldinho entre os titulares. A CBF divulgou uma nota oficial, escrita à mão e em inglês, assinada por Fábio Koff, para justificar o erro cometido na confecção da primeira lista. A nota deu conta que apesar de um “problema no tornozelo”, o jogador iria participar do jogo.

Lídio Toledo e Joaquim da Matta fizeram sua participação no programa Fogo Cruzado, dos estúdios do Rio de Janeiro. Lídio começou dizendo que não deu nenhum tipo de medicação para Ronaldinho e que o jogador foi submetido a exames. E que esses exames não são solicitados pelos médicos brasileiros, e sim pelo especialista da clínica em que o jogador foi encaminhado, por iniciativa dos médicos da delegação brasileira. O médico Lídio Toledo disse ainda que, num primeiro momento, vetou a possibilidade de Ronaldinho jogar, mas depois que o jogador veio da clínica com o envelope de exames e que o médico Joaquim da Matta, que o acompanhou, disse que nada foi constatado de anormal e que Ronaldinho pediu ao médico para jogar, pois estava se sentindo bem; ele e outro médico liberaram então o jogador para a escalação do técnico. Joaquim da Matta afirmou que o jogador teve uma “crise convulsiva”, e que o procedimento de levar o atleta à clínica foi um procedimento normal de verificação, para constatar se ocorrera alguma coisa grave com o Ronaldo. Novamente, como fizera com Lídio Toledo, Paulo Henrique Amorim perguntou se ele liberaria o Ronaldinho para jogar se ele não fosse patrocinado pela Nike. A resposta do médico é a mesma do colega. “Nós somos médicos, nossa preocupação é com a saúde dos jogadores, não temos nada a ver com a questão comercial”.

Zico foi contatado por telefone, para participar do programa, e relatou que viu Ronaldinho se encaminhando para o lanche e que o jogador tentava fazer alguns exercícios, como se estivesse aquecendo.

Zico perguntou a ele se estava aquecendo-se para o jogo e Ronaldinho respondeu que estava meio tonto e sentindo dores pelo corpo, como se tivesse levado uma surra. Zico deduziu que ele não sabia o que tinha acontecido no quarto. Ele achou muito estranho o comportamento do jogador<sup>113</sup>.

O coordenador técnico da seleção foi o mais incisivo sobre o caso Ronaldinho. Ele, segundo matéria do jornal **Zero Hora**, afirmava que a escalação de Ronaldinho para a partida final “foi um erro”. O título referente à matéria indicava que: Zico: “Ronaldinho estava grogue”

O texto confirma que Zico disse: “Ele não tinha a menor condição de jogar”.

Zico, segundo a matéria, salientou que o pedido que o jogador fizera no vestiário para jogar a partida final não “deveria ser levado em conta”. Segundo Zico, e considerando o estado de Ronaldinho, a matéria indicou que a afirmação dos médicos era contrária a de Zico. Pois este afirmava que o jogador, mesmo depois de ter dormido para se recuperar, ainda estava com sono<sup>114</sup>.

Um dia depois, Zico foi novamente destacado no jornal **Zero Hora**, que indicava em legenda de foto uma transcrição da fala de Zico: “Eu fui o primeiro a barrar sua entrada<sup>115</sup>”

O coordenador foi mais uma vez alvo da atenção jornalística. O jornal *Correio do Povo* também destacou, em título, que: Zico: ‘Ronaldinho não poderia jogar’

O texto apresenta a afirmação de Zico que: “Ele não tinha a menor condição de jogar aquela partida”

Além de Zico, o jogador Roberto Carlos protagonizou uma série de contradições a respeito do que aconteceu com Ronaldinho. Roberto Carlos foi companheiro de quarto de Ronaldinho na França e, segundo a imprensa, disse que:

---

<sup>113</sup> Gravação da Rede Bandeirantes, do programa Fogo Cruzado, em 14/06/98.

<sup>114</sup> Ver jornal **Zero Hora**, caderno de esportes, p. 51, em 18/06/98.

<sup>115</sup> Ver jornal **Zero Hora**, p.3, em 19/07/98.

1) Em texto do jornal *Correio do Povo*, Roberto Carlos, teria em entrevista a um correspondente de uma emissora dinamarquesa no Brasil, dito que a multinacional que patrocina a CBF e que o presidente Ricardo Teixeira teriam “insistido na escalação” de Ronaldinho<sup>116</sup>.

2) Em título do mesmo jornal. Roberto Carlos: ‘Sei o que aconteceu’. O texto dizia que o jogador afirmava saber o que aconteceu com Ronaldinho, mas que não podia divulgar<sup>117</sup>.

3) Em subtítulo indicando que: “Agora, Roberto Carlos diz que Ronaldo teve um ataque epiléptico antes da decisão”. Segundo o texto, o jogador que “a cada dois dias dá uma versão nova”, esperou o pronunciamento dos médicos da seleção para emitir o seu.

O episódio envolvendo o jogador Ronaldinho caracterizou mais uma vez a exploração polêmica de acontecimentos na imprensa esportiva. O que também se pode verificar e que várias coisas que foram ditas a respeito do jogador (boatos), pelo menos até o momento, não obtiveram a devida comprovação. Ronaldinho, ao que parece, nas transcrições realizadas nesse estudo, foi considerado um homem sem limites para suportar a dor ou qualquer outra coisa. Interessante também, observar a alcunha recebida pelo jogador no programa FOGO CRUZADO, da Rede Bandeirantes de Televisão – Barra de Ouro, talvez aqui desejaram os produtores do programa, indicar que jogadores que valem muito ou recebem muito dinheiro para jogar, não têm o direito de

---

<sup>116</sup> Ver jornal *Correio do Povo*, p.24, em 14/07/98.

<sup>117</sup> Ver jornal *Correio do Povo*, p.28, em 16/07/98.

cometer falhas. Mais uma vez isso pode ser uma interpretação do autor desse trabalho.

Porém, marcantes foram as observações feitas pelo jornalista Osmar de Oliveira em relação ao que poderia ter acontecido com Ronaldinho naquele dia de decisão. A questão da conversão citada no CARTÃO VERDE/TVE foi uma maneira muito dura e não comprovada, usada para indicar que problemas amorosos poderiam ter atrapalhado o desempenho do jogador<sup>118</sup>.

### **2.2.3.5 Considerações sobre a PARTE I**

Os episódios ou fatos descritos e as várias observações feitas durante as transcrições e análise dos programas de televisão, tanto as transmissões dos jogos quanto os programas específicos de análise e comentário desses, permitem o levantamento de alguns aspectos críticos observados na vinculação do tema em questão.

Levando-se em conta a impossibilidade de reconstrução do fenômeno: Jornalismo Esportivo na Copa do Mundo se fará a apresentação dos aspectos críticos citados acima de forma pontual. Entendemos que os seguintes aspectos são característicos nos casos estudados:

1) *O destaque da notícia e comentário com ênfase sensacionalista.*

Tem-se a impressão, devido à forma como a crítica a jogadores é apresentada, que a exploração polêmica dos fatos e a vinculação de boatos é sistematicamente buscada. Os episódios descritos no estudo são exemplos que ilustram bem esse fato. A explicação de porque ocorre não é objeto desse estudo, porém pode ser encontrada na literatura especializada. Em seu estudo, Hattig (1994), apresenta que um dos fatores determinantes desse desenvolvimento é a luta e a busca da elevação das taxas de audiência. O referido autor fundamenta essa posição através da descrição e análise dos acontecimentos que envolvem a preparação e estruturação de corrida de motocicletas em Hohenheim.

---

<sup>118</sup> Ver também a esse respeito no jornal **Zero Hora**, p.60, em 17/07/98. Matéria de Alexandre Rodrigues, intitulada: As múltiplas teorias da conspiração.

## 2) *Falação e fabulação esportiva*<sup>119</sup>

Observa-se, nos programas e comentários esportivos sobre os jogos da seleção na tevê, horas e horas de discussões sobre temas táticos, com muito pouco conteúdo explicativo ou informativo. As diferentes perguntas e opiniões são apresentadas, na maioria dos casos, de forma desestruturada na medida que surgem na cabeça do apresentador do programa e dos demais comentaristas. Em grande parte dos casos não existe um encaminhamento compreensível quanto às conclusões da análise dos temas. Para o público torna-se difícil a compreensão do conteúdo explicativo das análises feitas, pois não permite a visualização do que está sendo falado. O conteúdo dos comentários é destinado principalmente àqueles que possuem conhecimento de futebol e dominam os termos técnicos e expressões utilizadas. As análises podem até levantar aspectos que, na opinião dos “experts”, sejam de relevância na participação dos jogadores, no sistema tático adotado, na forma de jogar do adversário, etc. Mas uma síntese ou análise da relevância dos aspectos comentados, com uma seleção daqueles mais aceitos ou descartáveis, via de regra não ocorre. É difícil de se entender quais as conclusões ou conclusão, divergentes ou não, que podem ser tiradas das questões e propostas e analisadas no programa. Da mesma forma, não se pode concluir sobre os aspectos que serviram de base a essas, pois as explicações não são geralmente suficientemente desenvolvidas. A tônica dos debates esportivos concentra-se, então, na apresentação de opiniões variadas e desorganizadas de comentaristas convidados sobre diferentes aspectos do jogo, inclusive técnico – tático. A relevância da perspectiva de análise não fica bem estabelecida. As opiniões não são, em muitas situações relativizadas, com isso, pressupõe-se que são consideradas fato consensual. Nos casos em que ocorrem conclusões, se discute muito o que pode ser concluído em poucas frases.

## 3) *Emotividade*

---

<sup>119</sup> Para Umberto Eco, falação esportiva, é o (...) discurso sobre o discurso na medida em que vê o esporte alheio como discurso (...) (ECO, 1985, p. 223 ).  
Nessa dissertação, emprega-se o termo ‘falação esportiva’ para caracterizar o discurso com pouco conteúdo informativo.

É perceptível, principalmente durante as narrações dos jogos, a emotividade existente nos profissionais. Ela é consequência da torcida pelo sucesso da seleção nacional. Inevitavelmente essa emotividade pode exercer influências nos comentários e análises, que poderão se apresentar eufóricos e otimistas por um lado, ou frustrados e pessimistas por outro. Sob essas condições psicológicas podem apresentar-se as críticas. Esse é um problema a ser aprofundado e investigado. Não se faz aqui defesa ou reivindicação de neutralidade ou distância por parte do jornalista em relação ao episódio comentado ou narrado. Porém, fica caracterizado um problema enfrentado pelos profissionais de jornalismo; eles têm a função de informar e cobrir os acontecimentos o mais precisamente possível para o público, estando num meio no qual a emoção é inerente ao processo gerador de informação. Na busca de passar a realidade para o espectador ou leitor, enfrentam eles a dificuldade de desvincularem-se da emoção, visto como requisito fundamental a precisão no relato das situações. Sendo a emoção, como já dito, componente inerente e indissociável ao meio onde o jornalista se encontra, caracteriza-se a existência de uma limitação. O necessário distanciamento do meio gerador da informação, pré – requisito para o não envolvimento e uma melhor análise dos fatos, traria dificuldades ou impossibilitaria a transcrição e compreensão da própria situação.

#### 4) *A disponibilidade de tempo*

Fica também visível a limitação de tempo disponível para comentários e considerações que são feitos durante os jogos. Isso dificulta uma análise mais apurada dos fatos ocorridos e das interpretações dadas a esses. É perfeitamente aceitável devido a essa contingência a existência de erros que passam a ser considerados normais, pois são essas as possibilidades situacionais relacionadas com a geração da informação. Por isso, a intenção principal do trabalho não deve ser vista apenas como uma tentativa de apontar erros jornalísticos. Acredita-se que os repórteres estejam empenhados em fazer o melhor ao seu alcance, porém, é nítido que as condições de trabalho, como mencionado, limitam suas atividades. O comentário durante o jogo pode ser uma reação, uma explicação a situações muitas vezes inesperadas. Pode-se concluir, devido às limitações de tempo e necessidade de resposta (comentários imediatos) a situações diversas e não previsíveis, que as análises não abrangem, via de regra, suficientemente a

complexidade do fenômeno que está sendo comentado. Isso traz como consequência a transmissão de análises fragmentadas para o ouvinte, ou seja, análises reduzidas a duas ou três frases. Esse é um problema de difícil superação para os profissionais que atuam na área. Sendo assim, o reconhecimento da necessidade de restrição da abrangência do enunciado ou da análise, diminui o risco da transmissão de análises ou informações incompletas. Nesse capítulo foram demonstradas, em relação à avaliação dos jogadores, do técnico e do sistema tático; frases abrangentes, soltas ou isoladas que precisam ser relativizadas. Se a fundamentação ou explicação a um enunciado jornalístico não pode ser dada adequadamente devido a fatores limitantes, tem-se o problema de que uma explicação incompleta é transmitida e permanecerá como definitiva, se não for relativizada, de alguma forma, na cabeça do telespectador. Assim, os fatos comentados, através de análises incompletas, passam a ter caráter de verdade absoluta devido à dificuldade de perceber a realidade dos acontecimentos do jogo, em função das limitações técnicas de transporte da realidade (geração de notícias e imagens) para os telespectadores. Por exemplo, o telespectador, em função disso, tem dificuldade de construir a sua própria impressão do jogo. Assim, o comentarista e o narrador, no caso, são decisivos na formação da idéia da realidade (perceber através deles) e na consequente opinião sobre o assunto. Exemplos podem ser vistos nos casos analisados, especialmente na falha anunciada do goleiro Taffarel em Bilbao e no “erro” do árbitro no jogo Brasil e Noruega.

##### *5) Tradição e dogma*

Freqüentemente observou-se nos comentários que os jogadores e acontecimentos do passado são as referências para as análises de jogadores e acontecimentos do presente. Principalmente na análise de questões táticas, é mencionada freqüentemente nos textos jornalísticos a necessidade de se considerar a “tradição do futebol brasileiro”. Parece existir aqui elementos dogmáticos na análise, pois os jogadores atuais e a forma de organização tática da equipe, etc. são comparados e devem seguir os modelos da tradição. São exemplos disso enunciados como: “nenhum jogador pode ser comparado a Pelé”; “jamais existirá outro tão bom quanto Pelé”; “Pelé é incomparável”; “a seleção de 70 é inigualável, pois jogava por mágica”; “Garrincha era um jogador que não precisava de treino”, “para se jogar bem se deve fazer como

antigamente”..., etc. A comparação é compreensível, pois teve-se no passado atletas excelentes e seleções bem sucedidas. Porém, a exigência de se tomar como modelo referências da tradição do futebol brasileiro, jogadores ou situações táticas para a orientação da realidade esportiva atual (equipe, jogadores, forma de jogar), pode não ser adequada até pelo simples fato das possíveis diferenças existentes. Sob a perspectiva da teoria da tática, a consideração das diferenças é imprescindível para o planejamento tático. A análise da linguagem utilizada refuta, de antemão, a idéia dos modelos do passado serem tomados como referências para o presente, pois se jamais existirá (no presente) outro jogador tão bom quanto ou seleção tão boa quanto, como dito acima, então o modelo não pode ser aplicado, porque o mesmo exige como pré-requisitos os mesmos pré-requisitos existentes no passado. Não defendendo ou avaliando capacidades, somente interpretando de outra forma a apreciação destacada na página 67 desse estudo (Armando Nogueira e o futebol de hoje), pode-se dizer que: não existindo reis e criativos, deve-se contar com súditos e burocratas. Da mesma forma, súditos ou burocratas não podem desempenhar com a mesma eficiência o modelo previsto para as majestades. Essas colocações visam apenas caracterizar sob qual ótica ocorreram uma variedade de críticas ao treinador e seu modelo tático. Tais considerações não implicam em dizer que os antigos feitos não tenham ou não devam ser considerados como parte integrante do futebol brasileiro. No entanto, deve-se levar em conta que se as apreciações basearem-se unicamente neste contexto, impossibilitam um avanço no entendimento do que acontece na realidade.

#### 6) *O Regionalismo*<sup>120</sup>

É facilmente perceptível nas críticas, principalmente em situações como: convocação da seleção, substituições de jogadores, etc.; - que a apreciação jornalística é influenciadora da questão regionalista, comentários e matérias são estruturados de acordo com a preferência do jornalista ou de acordo com o contexto de inserção do veículo de comunicação. A influência desse fator na análise e na avaliação do

---

<sup>120</sup> HALL. 1998: p. 52-53. Cerca muito bem a relação entre tradição e nacionalismo e descreve alguns aspectos de como por meio da narrativa é possível contar uma determinada cultura nacional. Dos cinco aspectos por ele citado, separei três que considero de grande importância para o entendimento do termo Regionalismo e sua vinculação com a tradição. 1º) A narrativa da nação: aonde a mídia participa na perpetuação de símbolos e rituais. 2º) A continuidade e tradição: a identidade nacional sempre pronta a despertar. 3º) A tradição inventada: apoiada na repetição que perpetua valores e normas a um passado histórico adequado.

desempenho dos jogadores e suas capacidades não podem ser claramente e diretamente estabelecidas. Porém, alguns dos casos estudados – convocação de Emerson após o corte de Romário (página 69), apreciação feita ao goleiro Taffarel (página 52) – permite identificar diferenças regionais existentes na avaliação, bem como preferências. Há vários exemplos semelhantes que poderiam ser citados, recentemente esse procedimento pôde ser observado no tratamento dispensado pela imprensa paulista ao técnico Luis Felipe Scolari quando este passou a dirigir a equipe do Palmeiras. Isso serve para reforçar o anteriormente descrito. Esse subitem deve ser tema, devido a sua relevância e significação, de posteriores análises ou estudos mais aprofundados.

### *7) Intervenção*

Ela está além da notícia e do comentário. Entende-se por intervenção a atuação sistemática no sentido de querer prevalecer o seu ponto de vista ou fazer campanha para que certas mudanças ocorram. O interventor tenta fazer valer a sua autoridade interpondo (opondo, contrapondo) as suas intenções em relação a dos demais. O grande problema, nesse caso, é que parece que as funções do jornalista acabaram confundindo-se com as funções do técnico. Apontar o erro e potencializar é a estratégia através da qual o caminho, no sentido da intervenção desejada, fica claro. Dessa forma a consequência é óbvia: seguindo a intervenção o sentido desejado, passa o técnico a ser o personagem que deve achar argumentações para o convencimento das atitudes que toma ou que tomará; e o jornalista, no caso, assume a condição de orientar e ditar as condutas que se dizem as mais corretas.

Em relação ao exposto, os próprios jornalistas mencionam certas questões desse contexto como pontos nevrálgicos nos acompanhamentos e nas coberturas de eventos esportivos. Destacam-se alguns:

- Ruy Carlos Osterman chama a atenção de que o jornalista envolvido em uma narração esportiva precisa ter isenção.

- Juca Kfoury destaca que é muito difícil distinguir quem é jornalista na imprensa esportiva, principalmente entre o pessoal de TV: “Um é promotor de evento, outro é garoto-propaganda, outro é vendedor de placa ou empresário de atleta<sup>121</sup>.”
- Sílvio Luiz acha que o profissional deve se afastar de suas funções para entrar nesse tipo de negócio. Comentando sobre a tentação que o dinheiro do futebol pode ter sobre o jornalista que exerce outra função fora de sua atividade (empresário de algum jogador, por exemplo), e a partir daí confundir as coisas.
- Elia Júnior já acha que não existe nenhum problema em o jornalista trabalhar com marketing esportivo, visto que: “O jornalismo tem um lado muito próximo da publicidade. Diversos jornalistas vendem anúncios para emissoras e para publicações.”<sup>122</sup>

Exemplificando o exposto, as críticas feitas ao desempenho do jogador Bebeto durante a Copa caracterizam a tentativa jornalística de intervenção de caráter técnico – tático na equipe. É típico, nesse caso, a pressão para escalação de jogadores, substituições e a mudança na conduta tática adotada. A pressão e a tentativa de intervenção podem ser observadas nesse episódio, na estruturação da matéria ou debate esportivo, bem como em desenhos caricaturados (como o de Zagallo depois da Copa Ouro/FSP). A crítica, até na forma de ataque pessoal, é uma das maneiras utilizadas como comparação de que a convicção ou opinião do crítico sob determinado aspecto técnico – tático (por exemplo) está correta. O fundamento do ponto de vista do crítico é encontrado então no erro ou na característica vista como negativa na pessoa; chorão, zangado, indisciplinado, velho, caquético entre outros, são exemplos contidos nesse trabalho característico na sua forma de apresentação pela maneira indireta através da qual a intervenção fica sugerida ou implícita. Obviamente que esta idéia de intervenção é construída com o imaginário do leitor ou do espectador, pois, em vários casos, não é diretamente enunciada. Nesse capítulo, pode-se perceber algumas tentativas que poderiam ser caracterizadas na iniciativa de formar a opinião pública sob um certo tema

<sup>121</sup> Ver Revista IMPRENSA/outubro de 1998, p. 39.

<sup>122</sup> Op. cit., p. 41.

em relação ao técnico, a integrantes da comissão técnica ou a determinados jogadores. O procedimento descrito acima pode ser melhor entendido ou exemplificado no caso do corte de Romário, o que obrigatoriamente encaminha uma reflexão sobre o tratamento dado à informação esportiva em épocas de Copa.

8) *Reconstituição e fundamentação na fragmentação.*

Foi muito difícil reconstruir a crítica feita aos treinadores e jogadores e principalmente analisar a sua fundamentação, pois ela não se encontra suficientemente desenvolvida. Constatou-se que as críticas são esparsas e divergentes, o que é normal. Só pelo simples fato de que são divergentes (as críticas), deveriam elas servir para a reflexão de cronistas e comentaristas, para que os mesmos refletissem e relativizassem melhor o conteúdo da crítica por eles elaborada, formulada. O que se vê são opiniões que, devido à dificuldade de uma convergência, não podem ter conotação de consenso. A falta de fundamentação da crítica pode ser revista através de termos e designações usados no passado em relação aos treinadores brasileiros. Essas ficam bem caracterizadas nos seguintes exemplos:

**Zagallo**, técnico campeão de 1970, consagrado pela conquista da Copa do Mundo no México, foi chamado em 74 de “defensivista”. Na mesma oportunidade, ele se pronunciou por ocasião do jogo da seleção brasileira frente a seleção holandesa, sensação européia naquela copa, dizendo que, o time holandês jogava um “tico –tico no fubá”. A frase foi gravada e bem guardada pelos jornalistas esportivos brasileiros. E por aquela frase, ele ficou conhecido como um técnico avesso a treinamentos, arrogante, auto – suficiente futebolisticamente e que não se importa com o adversário.

Assim, também **Coutinho** ficou conhecido como “o teórico<sup>123</sup>”, como aquele técnico que estudava, desenhava e escrevia muito e usava termos rebuscados como: “ponto futuro” e “overlapping”. Ele também ficou conhecido como o criador do título de “campeã moral” para a seleção de 78.

<sup>123</sup> Teórico era visto na mídia e no meio futebolístico como uma característica negativa.. Por isso o emprego do termo teórico tinha uma conotação irônica e depreciativa.

**Telê Santana**, “o professor” de hoje, amargou por muito tempo a alcunha do “técnico que não usava pontas”. Inclusive um programa humorístico, da época em que ele treinava a seleção, pedia pelo telefone público: bota ponta Telê, bota ponta!

**Sebastião Lazzaroni** também não escapou. O criador do “Lazaronês”, termo criado para explicar a linguagem utilizada pelo técnico, foi considerado o grande traidor da *pátria em chuteiras*<sup>124</sup>, foi ele o “homem que europeizou o futebol brasileiro” mudando toda uma concepção em relação ao que até aquele momento se entendia por futebol no Brasil. A acusação de europeização e descaracterização do que era entendido por futebol brasileiro foi atribuída ao fato do treinador ter enfatizado o aspecto defensivo e por tentar introduzir a função de líbero na seleção brasileira.

**Parreira**, o técnico do tetra, não foi perdoado, ele ainda hoje é conhecido como: “teimoso”, “burro”, “burocrático”, “defensivista” e “retranqueiro”. Também foram transferidas a Zagallo, que foi seu coordenador técnico em 94, essas “qualidades” deixadas por seu antecessor. Adiciona-se ainda à imagem de Zagallo a fama de arrogante do passado (Copa de 74), mais a sua devota paixão pelo número treze, seu número da sorte, e cria-se um campo vasto para a crítica.

Outro ponto a ser comentado é que a crítica também aparece, em muitos casos, através de uma linguagem pouco clara, onde fica a impressão do “dito pelo não dito”, ou através de ironia e caricaturas. Por isso, fica dificultada a reconstituição das críticas e a análise de seus fundamentos. Ela se dá através de considerações fragmentadas. Um exemplo do dito acima é a explicação do porque não se deveria colocar um canhoto ou canhotos a jogar pelo lado direito de ataque na seleção brasileira. A resposta melhor formulada para essa questão ainda não foi encontrada nas buscas feitas. O suficiente ou bom desenvolvimento das razões ou fundamento das críticas feitas pelos jornalistas em relação a jogadores e à comissão técnica, seria importante para o melhor entendimento do que está sendo criticado. Por outro lado, talvez existam

---

<sup>124</sup> RODRIGUES, 1994. Título do livro.

razões jornalísticas que justifiquem tal procedimento. A pergunta a se fazer seria: Que razões seriam essas?

Poderia-se hipotetizar que a análise pormenorizada de elementos técnico – táticos ou de outros elementos fundamentadores seriam cansativas e desestimulantes para o público. A argumentação poderia seguir na direção de que esse detalhamento extrapolaria as funções do jornalista. Isso talvez teria sentido para questões acadêmicas e não para o jornalismo, pois os objetivos são outros. Se por um lado essa forma de relacionamento com o público pode ser vista sob uma perspectiva jornalística como inviável, pois existe a possibilidade de se perder a audiência, por outro lado não se pode encaminhar ou conduzir certos assuntos com tanta simplicidade; principalmente tratando-se da avaliação crítica de jogadores e treinador. A análise dessa questão não é da abrangência desse trabalho, porém, dado o interesse desse estudo e à perspectiva de análise proposta, a fundamentação detalhada da crítica seria um aspecto de imprescindível consideração. Em outras palavras, para o entendimento da informação, considerando principalmente o objetivo deste estudo, é necessário o detalhamento na apresentação do seu conteúdo e a compreensão do sentido deste. A notícia e comentários podem ser bem compreendidos se seus fundamentos explicativos estiverem suficientemente expostos.

#### *9) O resultado como referência às críticas*

Constata-se que as fundamentações das críticas anteriormente citadas são insuficientes. Seus elementos fundamentadores são precários. O ponto de referência às críticas dos jornalistas esportivos, aos jogadores e principalmente ao treinador, é o resultado esportivo – a vitória. As apreciações críticas, positivas ou negativas, sobre o desempenho tático da equipe, dos jogadores e do treinador se esse escalou bem o time, se substituiu corretamente, usou a estratégia de jogo adequada, etc. – partem, via de regra, da consideração do resultado. Ou seja, se o time está ganhando, a apreciação é positiva – a substituição foi correta, o sistema tático foi bem aplicado, etc. – caso contrário, a apreciação é negativa.

É interessante enfatizar que essas apreciações podem mudar de uma posição para outra, positiva para negativa e vice – versa, em questão de minutos, dentro de uma mesma partida, conforme a variação do placar. Isso é possível se constatar não

necessariamente relacionado à apreciação do desempenho técnico dos jogadores, mas sim em relação à forma de jogar e à estruturação tática, mesmo quando essa não tenha se alterado. Após o resultado definido é fácil de se perceber os pontos falhos, os erros, se existiram, se tornam visíveis. Nesse contexto, após o jogo, tornam-se fáceis conjecturas do tipo: se o treinador tivesse agido de forma a, b ou c, o resultado seria diferente; ou porque o treinador não tomou a decisão a, b ou c, ele passa a ser culpado pela derrota ou criticado. Esse tipo de análise desconsidera pelo menos três fatos significativos:

- a) O resultado negativo, pois até mesmo jogar mal, pode ser decorrente de uma boa atuação do adversário;
- b) pode-se jogar bem, “taticamente correto” e mesmo assim perder;
- c) certos erros somente são visíveis após a situação concluída, por exemplo: depois de realizadas as substituições, após alteração na forma de jogar; etc.

A crítica as ações táticas que se baseia no resultado, ou que nele fundamenta sua premissa, parte da idéia implícita de que resultados de procedimentos táticos possam ser prognosticáveis, pois ela considera o resultado negativo do jogo como erro do treinador. Visto dessa forma, só não seriam erro do treinador decisões ou medidas que conduzissem à vitória. O treinador só poderia então não falhar, se fosse capaz de prognosticar com segurança o resultado de seus atos e com isso garantir a vitória, o que não é possível. Mesmo que algumas medidas e ações de caráter tático devam ser tomadas e previstas por um bom treinador, na maioria delas ele não tem controle ou segurança de suas conseqüências. Assim sendo, a reivindicação de que o treinador deveria ter feito a, b ou c, parte do pressuposto implícito de que o treinador deva ser capaz de prognosticar ou garantir o resultado de todas as suas ações. Via de regra, apoiam-se as afirmações acima na análise de ações e situações já concluídas. Ignora-se aqui que essa situação de análise não caracteriza a perspectiva do treinador, que tem que fazer a análise da situação antes desta ser concluída. Se o erro do técnico

fosse relativizado pelo conhecimento do crítico, considerando sempre a possibilidade de erro, talvez se tivesse a alternância das considerações e se pudesse avaliar o treinador por suas posições e ações diante de uma perspectiva de tomada de decisão anteriores a ação. Sabe-se que, em muitas situações, as decisões táticas de treinadores e jogadores são de caráter intuitivo. A dificuldade de prognóstico do resultado é o que mantém a essência e atratividade do jogo.

### *10) O erro e o mérito*

Na tentativa de desenvolver a lógica e a perspectiva de análise, sabe-se que uma das referências é o resultado. Se o resultado é negativo, geralmente ocorre a ênfase nos erros. Pega-se, por exemplo, uma situação de gol contra a seleção brasileira, a partir daí vem toda uma análise ou comentário baseados em cima de que fulano errou. É difícil decidir em alguns casos se foi erro da equipe ou jogador, ou mérito do adversário. Porém, o que é potencializado é o erro. Mas essa situação fica difícil de ser esclarecida, normalmente a perspectiva de análise é ver a situação sob o prisma do erro, principalmente se o gol é contra o Brasil, se é a favor do Brasil daí é mérito, fato bastante claro. É uma situação muito difícil de diferenciar, impossível talvez, até porque no jogo o erro é o que o mantém é o que o caracteriza, é a tônica; sem o erro não existe a possibilidade de gol, sem gol não existe atratividade no jogo e sendo assim, este se torna menos interessante. Então, pode-se dizer que sem erro não há mérito, ou os méritos diminuem bastante. No erro reside a alma do jogo, senão o jogador driblaria e não passaria pelo adversário, chutaria a gol e o goleiro pegaria. Assim, a racionalidade do jogo é dada em cima da possibilidade de erro. O que talvez conduza para o seguinte raciocínio: erro nada mais é do que uma consequência normal do jogo. Tomar o drible é uma consequência normal e não um erro, às vezes. Por que o erro se torna erro? Porque quem o está vendo caracteriza-o como erro, a não ser em situações em que o jogador, por exemplo, erra o pé na bola, mas mesmo assim e sob uma certa perspectiva, sem estas “furadas” o jogo perderia sua razão de existir, pois é disso que o jogo vive. Então, essa situação fica muito difícil de ser caracterizada. Foi erro do Zagallo ou foi mérito do adversário? O jogo faz-se com a probabilidade de erro. A análise da capacidade ou do mérito do treinador, que toma como referência “erros” ocorridos, não deixa de ter também suas limitações.

### 11) *Ética ou direito*

Nos comentários e críticas expostas ao longo do capítulo pode-se constatar a existência de questões que parecem ferir os princípios do jornalismo. Constata-se nos comentários sobre jogadores, técnico e árbitro que as críticas não se restringem a questões técnicas esportivas.

Analisando o conteúdo dos comentários e análises críticas apresentadas se pode constatar que cuidados e preocupações de fundo ético não foram tomados na devida medida. Em todos os casos analisados verifica-se, indubitavelmente, falhas ou descaso com a postura ética propagada. Resumidamente estas podem ser vistas nos exemplos:

- Romário e Edmundo tiveram seus nomes e imagens vinculados a Bad-Boys. O termo foi empregado de forma ambígua e muitas vezes irônica.
  
- Jogadores, a exemplo de Mauro Silva, foram relacionados a um comportamento dito burocrático, conceito este lançado sem um entendimento preciso (o mesmo se aplica ao conceito de inventividade). Burocrático é um adjetivo negativo no contexto da notícia e comentário. A avaliação do jogador é, conseqüentemente, negativa também. Tem-se uma imagem de desprezo à capacidade do jogador que é vista como pré – requisito para o seu desempenho profissional.
  
- O técnico Zagallo foi indicado como um velho que deveria ser substituído depois da Copa Ouro de 98, e seus comportamentos relacionados a uma imagem caquética, superada e espalhafatosa.
  
- No episódio do corte do jogador Romário, duas pessoas em especial, foram muito atacadas: o médico Lídio Toledo e o coordenador Zico foram dispostos de maneira a travarem uma luta na definição do caso. Zico foi mostrado como um vilão e indicado como principal responsável pelo corte do jogador.

- Bebeto, Giovanni, Taffarel, Dunga e Emerson foram analisados de forma superficial. A imprensa apresentou ou construiu uma imagem dos jogadores que priorizava a análise de fatores que não tratavam somente dos seus desempenhos em campo. No caso deles, quando isso acontecia (uma apreciação técnico – tática) a maior ênfase era destinada ao tipo de imagem que se queria atribuir a eles. Chorão, zangado, gritão, apático, morfético e desconhecido servem de exemplos para demonstrar a forma como eles foram caracterizados.

- Na discussão que envolveu Bebeto e Dunga, a tônica foi a polêmica, havendo interpretações e tomada de posição em defesa de um ou outro antes mesmo de se detectar pontos significativos e se analisar o caso mais precisamente.

- O juiz do jogo Brasil e Noruega foi insultado das mais diferentes formas. Mesmo que se quisesse mudar as interpretações feitas no passado, sua figura ou seu nome são lembrados como a de um inimigo.

- Os adversários brasileiros, na maioria dos casos, foram tratados como coadjuvantes de um espetáculo onde o ‘grande astro’ era a equipe brasileira. Portanto, um desprezo e uma desqualificação do contexto do jogo, assim como uma certa arrogância e desprezo frente às equipes tidas como mais fracas, são perceptíveis.

- Especulações e boatos foram apresentados em relação à vida privada de Ronaldinho e apontados como causas do “mau” desempenho técnico do jogador na Copa. A privacidade do atleta simplesmente passou a ser ponto de ironias e destaque em programas e comentários jornalísticos. Deixou-se transparecer que nela poderia residir a causa das convulsões ocorridas antes do jogo com Ronaldinho. Obviamente, tudo isso foi dito

com o uso da linguagem onde as conotações das palavras são utilizadas na forma de possibilitar as diversas interpretações possíveis.

Nesse contexto cabe salientar que, no exercício da profissão, nas diferentes áreas de atuação é, via de regra, fundamentado por valores e princípios, os quais são vistos como referência à conduta de seus profissionais nas suas respectivas áreas de atuação. Esses são produtos de construções dos próprios profissionais e suas entidades de classe, que se propõem a segui-los, pois os mesmos foram concebidos para regular e dar uma identidade à prática do jornalismo. Eles poderão ser revistos e modificados para adaptarem-se às mudanças específicas que ocorrem em cada área e na sociedade. Quanto aos princípios estabelecidos e selecionados pelos jornalistas como sendo aquelas regras que disciplinarão e orientarão a prática jornalística, observa-se que a qualidade do conteúdo da informação é um aspecto de grande relevância para o jornalismo. Ela é fundamental no processo de comunicação, pois influencia o processo de entendimento do fato em questão e as respostas decorrentes deste. A qualidade da informação é um dos elementos diferenciadores, pelo menos no meio acadêmico, entre o bom e mau jornalismo. Decisivo também para a sua qualidade é o julgamento ou a avaliação do quanto à informação é correta e imparcial. Por isso, e zelando para o alcance desses objetivos, os próprios princípios do jornalismo determinam certos cuidados na elaboração da notícia:

“(…)que as notícias têm que ser corretas e equilibradas e os relatos devem ser completos e justos; que a informação deve basear-se na real ocorrência dos fatos; que o compromisso fundamental do profissional é com a verdade; que os jornalistas devem dar espaço para os diversos ângulos de uma discussão, respeitar a privacidade do cidadão, observar o bem estar público e evitar a divulgação de fatos contrários aos valores humanos; que as correções de erros devem ser feitas sem demora<sup>125</sup>.”

Em acordo com o exposto acima, existem alguns aspectos que devem ser levados em conta quando se exige procedimentos mais objetivos da informação. Eles foram bem delineados por GOMES (1997), que os apresentou da seguinte maneira:

---

<sup>125</sup> SILVA, 1998, p.47. Síntese proposta pela autora, identificando no código de ética e em códigos particulares de jornais, características que mostraram de forma ampla e geral os valores e princípios que estabelecem as normas básicas de conduta dos jornalistas.

- A **verdade** não pode ser **parcial**, sob pena de encobrir aspectos importantes da realidade e prejudicar as pessoas na formação de um juízo próprio e não direcionado.

- Uma distorção dos fatos, ampliando questões emocionais que o envolvam, se presta à propagação do **sensacionalismo** e escapa da esfera de interesse maior da informação, que é o de adequar os relatos equilibrando-os e ajustando-os dentro de uma correção aproximada do que se pretende mais justo.

- Ao não relacionar ou mencionar certas informações, estariam os meios de comunicação social praticando o **silêncio**, na tentativa de preservar questões ideológicas previamente estabelecidas e por eles sustentadas.

- Quando se intenciona objetivar o que só possui aspectos subjetivos e relativos, através da **mistura de fatos e juízos** de valor, abre-se a possibilidade de gerenciar o pensamento das pessoas sem que elas se dêem conta, alterando a realidade e perpetuando uma determinada ideologia.

- Quando a imaginação é utilizada para o preenchimento de vazios produzidos voluntariamente, no texto ou no enunciado, provoca-se com esse **vazio sugestivo** uma ou mais possibilidades de erro na interpretação, sem que nem ao menos o erro se apresente dentro da construção jornalística.

- Os “boatos” servem como caixa de ressonância que se caracteriza por **rumores sem base** de conteúdo e de comprovação impossível.

- Estimular preconceitos positivos ou negativos, através da **manipulação do passado**, condicionando-o ao tempo atual, provoca as pessoas a responder de acordo com concepções já postas.

- Transformar em autênticas reportagens questões imaginadas ou adotar uma imparcialidade mascarada por uma parcialidade conduzida por interesses próprios, reforça o **engano** como componente de uma realidade construída falsamente.

- Quando se realiza uma falsa apresentação da opinião pública, utilizando-se para isso de **amostragens insuficientes**, colabora-se para o entendimento de que o mostrado representa o consenso.

- Proceder de forma a **generalizar fatos parciais** incrementa a formação de um juízo que vai do favorável ao adverso conforme a intenção do meio. O que permite uma avaliação das pessoas pelo simples motivo de pertencerem a um mesmo contexto.

- A restrição dos jornalistas à **montagem estrutural do processo informativo** fica reduzida às fontes, à livre circulação das notícias e à receptividade do público. O que indica uma condicionante do comportamento ético dos mesmos<sup>126</sup>.

Visto também com grande relevância, e muito enfatizado nos livros e manuais, é o tratamento com as pessoas envolvidas na notícia. Em relação a esse aspecto encontra-se, no código de ética do jornalismo as seguintes afirmações:

## II - Da Conduta Profissional do Jornalista

Art. 9º - É dever do jornalista:

g) Respeitar o direito de privacidade do cidadão

## III – Da Responsabilidade Profissional do Jornalista, artigo de n.º 13, o jornalista deve:

b) Tratar com respeito a todas as pessoas mencionadas nas informações que divulgar

E no artigo de número 14º:

<sup>126</sup> GOMES, 1997, p. 84-85.

“O jornalista deve permitir o direito de resposta às pessoas envolvidas ou mencionadas em sua matéria, quando for demonstrada a existência de equívocos ou incorreções”.

Como se pode verificar no exposto acima existe uma série de cuidados a serem tomados com a veiculação da notícia. Essa preocupação está muito bem documentada nos manuais de ética jornalística, como também é conteúdo e objeto de formação nos cursos de jornalismo.

Para exemplificar, se utiliza a indicação já realizada por LISBOA (1994) sobre o que dispunha o manual da **Folha de São Paulo**, em sua edição de 1987, destacando que:

O jornalista da Folha tem obrigações com a sociedade em que vive. Ele está investido de um mandato que o leitor lhe confere através do jornal. Seu compromisso é com os leitores. Deve ter noção exata da transitoriedade do poder de que desfruta: ele dura enquanto durar o mandato que o veículo em que trabalha recebe do público<sup>127</sup>.

A curta revisão acima é clara quanto à conduta jornalística e reforça o já exposto em relação aos procedimentos na vinculação de matérias. Não é de interesse desse estudo discutir a questão ética do jornalismo, visto a complexidade do tema e também porque essa discussão pode ser feita com muito mais propriedade e eficiência pelos profissionais do meio jornalístico. Porém, visto à distância e sem uma análise mais profunda, parece que as críticas descritas, em alguns momentos, vêm a ferir os princípios jornalísticos. Destacou-se esse tema pelo fato dele possuir uma ligação com as análises e as abordagens aqui efetuadas. De qualquer forma, permanece a hipótese de que as críticas aos jogadores, treinador e árbitro, em alguns instantes, não tenham observado o estabelecido pelos princípios do jornalismo. Se os preceitos são descumpridos de forma sistemática, o que não se pode afirmar aqui, é cabível o questionamento da sua relevância. Também fica em aberto a pergunta de como fica o “*status*” dos comentários críticos jornalísticos nas análises efetuadas em relação aos atletas e ao treinador da seleção brasileira se os jornalistas não consideram as suas próprias regras de conduta? Caso isso venha a se confirmar parece que a crítica é bem

---

<sup>127</sup> LISBOA, 1994, p.131.

mais exigente e rigorosa na observação dos outros do que na auto – avaliação do próprio trabalho.

## **PARTE II**

### **3 TÁTICA**

Nesta parte do estudo, buscou-se, no conteúdo teórico da tática, o suporte para as principais críticas dirigidas ao treinador. Elas podem ser resumidas da seguinte maneira:

- À defensividade, exigindo-se do treinador a utilização de sistemas mais ofensivos;
- À convocação de jogadores com características defensivas (bons marcadores);
- Em anteposição à existência de esquemas táticos, apregoou-se deixar tudo na criatividade e talento do jogador brasileiro.

Antes de analisar estes pontos, deseja-se salientar que não é intenção, com o conteúdo teórico desta parte do estudo, a defesa de alguma forma de organização tática como sendo a correta, ideal, pior ou melhor. É interesse relativizar o conteúdo crítico desses enunciados e demonstrar as limitações dessas concepções de jogo em relação à teoria de tática.

#### **3.1 TEORIA DA TÁTICA**

##### **3.1.1 Conceitos**

Objetiva-se, com o auxílio da literatura sobre tática, estabelecer a dimensão do que é conhecido ou não sobre o tema. Isso permite a avaliação das bases teóricas dos conceitos táticos e dos seus limites. É intenção analisar sob quais conteúdos teóricos sustentam-se os pressupostos táticos apresentados.

Essa exposição se restringirá à apresentação do que existe nos livros – texto sobre o tema e não haverá um aprofundamento maior na discussão do assunto. Para começar, citar-se-á alguns conceitos já desenvolvidos nos livros sobre tática:

- A tática é a totalidade das ações individuais e coletivas dos atletas de uma equipe, a qual está organizada numa forma racional dentro dos limites do regulamento e da desportividade, e cujo objetivo é conseguir a vitória, levando-se em conta, por um lado as qualidades e particularidades dos atletas, e por outro, as condições dos adversários<sup>128</sup>.
- Como a atividade em jogo representa, na sua própria essência, a solução de inúmeros problemas que surgem com as situações, o processo tático, enquanto processo intelectual de uma solução, é um componente indissociável desta atividade. A análise da ação tática nos jogos desportivos, portanto, é em definitivo a análise da atividade em jogo, em si própria<sup>129</sup>.
- Para su definición nos ayudamos con las definiciones de la ciencia bélica. En los conocimientos militares, por táctica entendemos aquellas formas y medios de actividad de las tropas que son utilizados em interés del objetivo. La ciencia bélica añade, como complemento a esta definicion, que las formas y medios de los combates serán utilizados por las tropas de manera que sean adecuados lo más proporcionalmente al caso y momento dado y que aseguren lo mejor posible el éxito estratégico<sup>130</sup>.
- Entende-se por tática o comportamento racional, baseado na capacidade de “performance” própria e adversa e nas condições exteriores em um confronto individual ou por equipes<sup>131</sup>.
- Tática indica o emprego de um sistema de planos de ação e alternativas de decisão, as quais possibilitam regular ações de tal maneira que a otimização de um sucesso esportivo seja possibilitado<sup>132</sup>.

<sup>128</sup> THEODORESCU apud TUBINO, 1980, p.162.

<sup>129</sup> MAHLO, 1979, p.33.

<sup>130</sup> CSANÁDI, 1963, p. 341.

<sup>131</sup> ZECH apud WEINECK (1989, 08).

<sup>132</sup> HAGERDORN apud MARTIN (1991, 229).

Pode-se observar nos conceitos acima, que para TUBINO (1980), tática é considerada como as ações de uma equipe em que, entre outras coisas, as condições da equipe adversária são vistas como referências a serem consideradas para que estas ações possam ser bem sucedidas. Nessa visão, tática resulta de uma ação unilateral para a qual deve-se considerar o adversário como obstáculo necessário de ser transposto para o alcance do fim desejado. O que não é considerado é que tática não pode ser vista só como algo que resulta de algo, ou seja, a totalidade das ações dos atletas. O resultado esportivo contém e é reflexo de elementos táticos, porém o ato ou processo tático não se deixa caracterizar suficientemente só pelo produto das ações, pois ele também envolve reflexões anteriores ao fazer, como por exemplo, as questões envolvendo a dimensão teórica e as reflexões prévias ao evento esportivo. Percebe-se que o conceito restringe a tática à perspectiva de ações dos atletas, não deixando explícita a participação do treinador. O adversário, conforme mencionado anteriormente, deve ser considerado para a realização da elaboração tática da equipe. Isso está correto, porém ele tem uma participação ainda maior. No futebol, é da relação dinâmica, não passiva, de confronto entre duas equipes, bem como das situações específicas e de contexto onde isso ocorre, que se tem o surgimento da tática de jogo. Visto dessa forma, o adversário não é só alguém cujas condições devem ser observadas, mas sim alguém que com suas condições constantemente intervém alterando e determinando o processo tático do jogo. Para o autor, a tática resume-se às ações que ocorrem dentro do jogo (dentro das quatro linhas) e são respaldadas pelas regras. No conceito, a tática é apresentada como organizada de forma racional. A construção de uma racionalidade à ação é muito importante e sistematicamente buscada. Partindo-se do entendimento de que o autor refere-se à palavra “organização” e “racionalidade” como sendo resultado de ação prévia estudada e meticulosamente estabelecida, pode-se detectar algumas dificuldades nessa particularidade do conceito. Essa se refere à possibilidade de se estabelecer, de forma suficiente, racional e prévia, as ações e decisões táticas a serem seguidas ou tomadas. Uma série de ações táticas ocorrem de forma não planejada, ou seja, tem caráter situacional. Não é possível estabelecer para elas uma situação racional anterior, elas ocorrem intuitivamente, momentaneamente, pela percepção do jogo e pelas intuições do momento. Muitas decisões táticas individuais são tomadas sem que seja possível se saber, na hora da decisão, se essa é realmente a melhor alternativa. Essa constatação só

pode ser feita posteriormente. O conceito de tática ignora esse aspecto, pois vê o ato tático só na forma de decisões previamente estabelecidas ou combinadas. As situações que envolvem decisões táticas momentâneas, via de regra, compõem a maior parte do jogo. O estabelecido no vestiário (a preleção) serve de orientação básica para as ações a serem desenvolvidas no campo, mas não podem ser vistas como elementos constitutivos de todas as ações táticas que vão ocorrer durante o jogo. Uma pergunta que caberia, relacionada ao treinamento, seria: Qual o comportamento a adotar em relação às ações táticas que extrapolam o âmbito do que pode ser combinado e previamente estabelecido?

Algumas características encontradas na análise do conceito acima são comuns às outras concepções. Para MAHLO (1979), a tática é vista como uma busca de soluções intelectuais para resolução de problemas. O autor estabelece uma maior abrangência ao conceito, porém mantém a idéia, como no caso anterior, de relacionar, de restringir o conceito a situações específicas da atividade de jogo. A vantagem apresentada pelo conceito é a inclusão de vários outros fatores na caracterização tática, o que vem a completar mais o seu entendimento. A desvantagem é advinda da vantagem, ampliou-se a noção da constituição de tática, sem se dar indicativos mais precisos dos critérios para a seleção do que é mais importante a ser considerado.

Para CSANÁDI (1963), o conceito de tática esportiva é apresentado como sinônimo do de tática militar. A pergunta inicial a ser feita é sobre a validade da comparação. Por permanecer abrangente e não dar maiores indicativos sobre a especificidade de situações, o conceito pode se manter com a sua analogia. Seu poder explicativo porém, é muito restrito.

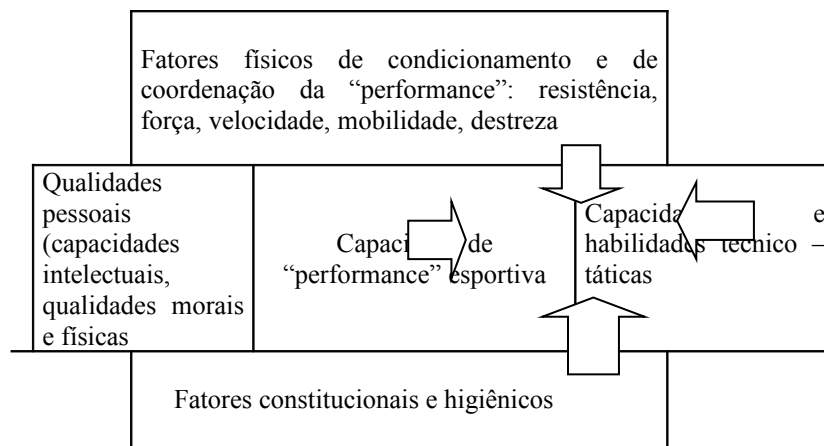
HAGERDORN apud MARTIN (1991) abre ainda mais a compreensão de tática, não a limitando explicitamente à dimensão do campo de jogo. ZECK apud WEINECK (1989) inclui ao conceito condições exteriores.

### **3.1.2 Fatores influenciadores**

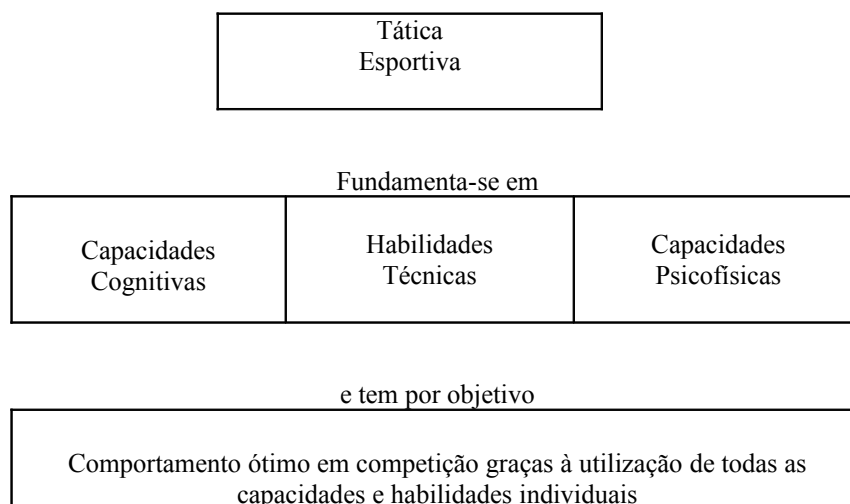
Para um planejamento tático deve-se considerar uma série de fatores que determinará qual a melhor concepção tática a ser utilizada. A análise ou a reivindicação de abordagem de conceitos táticos que desconsidera esses aspectos é utópica e tende ao

fracasso. Dentre os aspectos a serem considerados, pode-se citar que as possibilidades táticas são determinadas pela capacidade de performance. Vários fatores devem ser considerados no planejamento tático; WEINECK (1989) chama a atenção para o que deve ser levado em conta em um “treinamento da tática esportiva”, demonstrando através da ligação entre dois quadros, a abrangência que se estabelece a partir da ligação do conceito de tática com o de capacidade de ‘performance’ esportiva. São eles:

a) Fatores da capacidade de ‘performance’ esportiva<sup>133</sup>.



b) Os componentes do complexo tático de ação<sup>134</sup>.



<sup>133</sup> WEINECK, 1989, p. 08

<sup>134</sup> Op. cit., p. 211.

Os quadros de performance esportiva e tática esportiva, estabelecidos por WEINECK (1989), caracterizam bem os fatores a serem considerados na implementação de uma tática. As situações específicas é que vão determinar o grau de importância de cada uma dessas variáveis. Por exemplo: uma limitação em determinada variável de 'performance' pode ser compensada pela excelência noutra. Porém, no alto nível, os jogadores apresentam muito bom desempenho em todas as capacidades e variáveis de 'performance'. Para ilustrar, limitações técnicas podem, às vezes, ser compensadas pelo nível de condição física. Outras possibilidades são existentes, e a mesma consideração deve ser feita em relação aos jogadores adversários.

HAGERDORN apud RÖTHIG (1977, p. 312) lista para o basquetebol cinco fatores que influenciam a ação tática, são eles: a equipe adversária com sua comissão técnica, a própria equipe com a sua comissão técnica, as situações treinadas, o juiz e o público. Nesse sentido, a preparação tática exige e é caracterizada pela avaliação da própria capacidade de 'performance' como também do adversário, e essas por sua vez devem ser inseridas numa avaliação de contexto que poderá influenciar no resultado (questões materiais, questões climáticas, etc.).

Análises táticas, que desconsideram ou que verificam superficialmente a influência desses fatores nas suas considerações, partem de uma análise insuficiente de contexto e possibilidades, e são por isso, geralmente incompletas.

### **3.1.3 Considerações sobre os conceitos e fatores que influenciam na tática.**

Inicialmente, constata-se a dificuldade de se encontrar um conceito capaz de refletir suficientemente a realidade do acontecimento tático com suas variáveis componentes. Isso decorre, também, da tentativa de se transpor ações práticas que contém um grande número de variáveis, as quais interagem entre si de forma dinâmica, para conceitos teóricos. Conseqüentemente, fica difícil caracterizar e englobar tudo que envolve o ato tático. Para se evitar restringir demasiadamente a compreensão de tática, amplia-se o conceito. Pode-se perceber que os conceitos apresentados têm a abrangência como característica.

HAGERDORN apud MARTIN (1991) indica a necessidade de se ter sistemas de planos ou alternativas de decisões, as quais vão determinar as ações que deverão ser executadas. Nota-se dois elementos bem marcantes no conceito que denominarei de amplitude e complexidade. Entende-se por amplitude (abrangência), o número de variáveis ou elementos componentes inclusos no conceito. A amplitude permite a visualização das possibilidades que existem ou que poderão ser caracterizadas sob os termos: “planos de ação” ou “alternativas de decisão”. Como pode ser facilmente imaginável, as possibilidades existentes de lançar ou criar “planos de ação” para se alcançar o sucesso esportivo são inúmeras. Esses “planos de ação” ou “alternativas de decisão” podem ser desenvolvidos por cada pessoa que apresentará diferentes alternativas ou planos próprios de decisão, como o caso dos jornalistas. Conseqüentemente, são inúmeras possibilidades existentes de solução tática. Isso é garantido, não só, mas também porque o conceito é bastante amplo.

A complexidade pode advir da amplitude, mas não é determinada só pela mesma; a questão da complexidade é estabelecida pelas inúmeras possibilidades de interação entre as variáveis do agir tático. No caso, elas ficam abertas na conceituação, pois são inúmeras e não podem ser listadas. É possível se listar algumas das possibilidades existentes de relação e integração mas é difícil reconhecer a forma como essas possibilidades se inter-relacionam. Portanto, não se pode ter a pretensão de listar todas, já que existem muitas maneiras de integração que não podem ser previstas. Por isso, se diz que o conceito é amplo e complexo.

O problema que advém da amplitude e da complexidade do conceito de tática é obter orientação para o estabelecimento de procedimentos de ação. Então, isso passa a ser uma dificuldade encontrada hoje na tática. O que é possível caracterizar com isso é que, devido à amplitude e à complexidade do conceito, várias ações podem ser tomadas; algumas premiando mais um aspecto em relação aos demais. Nesse contexto, fica difícil caracterizar-se ou determinar-se em primeiro plano o que é melhor ou mais importante, sem uma análise mais apurada do contexto em questão. Pode-se dizer com segurança, em relação ao planejamento e as ações táticas, que alguns elementos ficarão de fora e, independentemente de quão perfeita seja a abordagem ou a operacionalização, sempre alguma coisa deixará de ser considerada. O que se busca na operacionalização tática é que as questões principais estejam dentro das considerações. Essas são

dependentes da situação: somente a avaliação da situação específica permite o estabelecimento de considerações sobre os procedimentos (se esses ignoraram ou não questões importantes). Essa apreciação permite, em alguns casos, que se chegue ao consenso de que certos procedimentos são contra-indicados. É muito difícil afirmar que uma determinada concepção, a não ser em casos absurdos ou muito óbvios, não possa produzir o resultado esportivo desejado.

Cabe ainda ressaltar que tática não envolve só elementos específicos de jogadas, ela envolve também o treinamento de comportamentos. O treinamento de comportamentos é muito mais amplo que o treinamento para situações específicas de jogo, ou seja, teria que se treinar além dos comportamentos de resposta àqueles de identificação das diferentes situações de jogo. Por mais que o técnico tenha cercado todas as possibilidades de abordar o problema, ainda vão existir situações para as quais se está pouco preparado ou que poderá pegar o jogador de surpresa, graças a isso o resultado, às vezes não pode ser previsto.

Em síntese, as análises dos conceitos mostram que o entendimento de tática deixa aberta a questão relacionada com a alternativa, a compreensão ou a solução ideal de tática. O conceito não dá e não menciona esse tipo de indicação, pois isto talvez não possa ser fornecido sem uma análise mais detalhada de caso. De forma abrangente, poderia se dizer que tática ou a solução tática ideal a ser empregada é a que é capaz de produzir o resultado desejado. Esse pensamento tem também algumas restrições. Pode-se concluir que muitas interpretações ou concepções do agir tático são possíveis. Isso é reforçado pela consideração dos fatores que intervêm no planejamento tático.

O número de variáveis intervenientes e de combinações possíveis aumentam ainda mais, em relação àquelas já vistas, quando se analisa os comportamentos táticos do jogo, conforme será apresentado a seguir.

### **3.1.4 O jogo e seus elementos**

O jogo é composto por dois elementos: ataque e defesa.

#### **3.1.4.1 Defesa**

##### **Princípios defensivos**

El juego defensivo comienza después que un equipo há perdido el balón y termina con su recuperación. Es importante que todo el equipo se sienta concernido em la protección de su propio arco<sup>135</sup>.

O princípio defensivo citado acima caracteriza muito bem os aspectos importantes e determinantes para o reconhecimento do que é uma defesa (perda da posse de bola e defesa do arco), o que conseqüentemente indica as funções que deverão ser desenvolvidas pela defesa. Se a defesa inicia com a perda da posse de bola, existem nela funções bem estabelecidas, que são: a tentativa de recuperar a bola para com isso voltar ao antigo estado (ataque) e a busca em garantir que o adversário não consiga progredir e avançar em direção ao gol (fazer o gol).

É determinante no conceito de defesa a concepção da ação conjunta, a interação e cooperação de todos os integrantes da equipe no ato de defender. Por isso, a defesa deve ser vista em sua ação coletiva como uma unidade, e como um todo pode ser bem ou má sucedida no cumprimento de sua tarefa. A ação coletiva de defesa, a participação dos jogadores no ato de defender é estabelecida e regulada pelo conceito de sistema de defesa. Obviamente que a defesa também tem como componente a ação individual. Porém, esta é entendida através do conceito de marcação, que segue abaixo. Certamente se tem um problema de delimitação na separação entre marcação e defesa, porém, para o âmbito de abrangência deste trabalho não se abordará essa questão. Adotar-se-á aqui o conteúdo existente nos livros técnicos consultados sobre o tema.

#### **3.1.4.2 Marcação**

<sup>135</sup> PUBLICAÇÃO DA FIFA, 1992, p. 45.

A marcação é vista como ação individual de defender. O conceito de marcação pressupõe que cada indivíduo seja capaz de marcar pelo menos um oponente direto, se marcar dois, melhor. O sucesso da defesa vai depender da qualidade da marcação, que em última análise é caracterizada pelo sucesso do marcador frente ao seu oponente, ou seja, pela capacidade do marcador de vencer o confronto com o atacante. No caso de se possuir jogadores com excelentes condições de marcação, tem-se a possibilidade de que cada um destes possa marcar um ou até dois oponentes, conforme a situação. Isso é muito difícil de ocorrer na prática, onde em situações de um contra um, geralmente quem leva vantagem é o atacante, pois o mesmo tem a vantagem da iniciativa. No caso do atacante não obter sucesso frente ao seu marcador, tem-se a resolução de um grande problema defensivo, situações de um contra um, decididas de forma favorável à defesa. Com isso, tem-se anulada uma estratégia buscada no ataque. Criar situações de um contra um, as quais via de regra lhe são favoráveis. Conclui-se que bons marcadores seria o pré-requisito indispensável para se possibilitar, se fosse o caso, situações de um contra um. Mesmo assim, provavelmente seria essa uma estratégia muito arriscada, pela qual a maioria dos treinadores não optaria. Situações de marcação um contra um, como já dito, não são desejáveis na defesa, ao contrário, sempre se procura deixar dois marcadores ou mais marcadores para um atacante (situação de superioridade numérica na defesa). Isso é possível através do uso de uma estratégia chamada cobertura. Para que se possibilite a criação de superioridade de marcação, é necessário que se recue mais jogadores do ataque. Tal recuo está bem caracterizado historicamente no subítên 3.1.5 FOUCAULT e o histórico do futebol (pg. 149 e segs). A cobertura defensiva torna-se desnecessária se os marcadores derem conta com sucesso de situações de um contra um. Portanto, obtém-se claramente neste caso a possibilidade de se dispor de mais um jogador no ataque. Paradoxalmente, a viabilidade de um jogo ofensivo no sentido tático dependeria diretamente da capacidade de se ter excelentes marcadores, que pudessem ser deixados na situação de um contra um. Sendo assim, o futebol, como querem os jornalistas, seria mais ofensivo com o cumprimento do pré-requisito: *de otimização do jogo de um contra um sem a necessidade de cobertura*. O que acontece, quando a cobertura se faz necessária, é a conseqüente abertura de espaços para que o ataque jogue em superioridade numérica em outras partes do campo. Ou seja, toda vez que um jogador se deslocar de um ponto para outro

na tarefa de cobrir a ação defensiva do companheiro, aparece a necessidade imediata da flutuação do bloco defensivo – todos os outros componentes da defesa se deslocam com a intenção de manter a coesão do sistema defensivo utilizado. O que acontece é que algum lugar do campo deverá ficar exposto, desguarnecido, e isso é um grande problema para a defesa, que poderá ser pega de surpresa e em inferioridade numérica neste setor. As ações dos jogadores de defesa são reguladas pelo conceito de sistema de defesa. Veja no item 3.1.4.5, o entendimento de sistema.

### **3.1.4.3 Ataque**

#### **Princípios ofensivos**

El juego ofensivo comienza con la recuperación del balón y termina con un tanto marcado, un tiro errado o la pérdida del balón. El juego ofensivo se compone de dos aspectos diferentes: por una parte, la acción individual y, por la otra, las diversas combinaciones. Sólo un equipo en posesión del balón puede provocar un ataque y marcar goles. De este hecho, el juego ofensivo concierne al equipo en su totalidad<sup>136</sup>.

O ataque pode ser definido a partir dos princípios citados acima. Sua formação se inicia quando a equipe adquire a posse de bola e termina com a marcação do gol, um arremate para fora, ou com a perda da posse de bola. Sendo assim, o ataque é definido pela evolução em direção à meta adversária, intencionando o gol, e isso poderá ocorrer de forma individualizada ou coletiva. Dessa maneira, o ataque também se define por ações organizadas (sistemas) que acontecem por meio de jogadas preestabelecidas ou situacionais, ou por condutas individualizadas. Um componente muito importante do ataque é o contra – ataque.

### **3.1.4.4 Contra – ataque e equilíbrio defensivo**

---

<sup>136</sup> Op. cit., p. 43.

El *contraataque* consiste en lanzar el balón, una vez recuperado, lo más rápidamente posible a los atacantes ubicados en una posición favorable, a fim de crear ocasiones decisivas antes que la defensa haya tenido tiempo de *reagruparse y reorganizarse*<sup>137</sup>.

Existe uma estreita relação entre ataque e defesa no futebol. A consequente retomada da posse de bola por ações de defesa possibilita um ótimo elemento surpresa, pois tem-se a imediata passagem da condição de defensor para a condição de atacante. A equipe que perdeu a posse de bola enfrenta a dificuldade e o desafio de ter que organizar rápida e eficientemente suas ações defensivas. O contra – ataque terá as maiores chances de sucesso na dependência da rapidez e do nível de organização com que é executado. Isso caracteriza que ações de marcação ou de defesa são pré – requisitos ou ponto de partida para o contra – ataque. É estabelecida assim, a dependência do contra – ataque dos componentes defensivos. Como o mencionado anteriormente, existe uma faixa de demarcação muito estreita entre defender e atacar, mais precisamente, contra – atacar. A implicação dessa estreita ligação é o fato de que medidas de segurança defensiva, para se anular as possíveis ações de contra – ataque, devem ser tomadas mesmo durante a posse de bola, ou seja, no ataque. Isso implica em dizer e aceitar em princípio, que ações e cuidados defensivos devem ocorrer mesmo durante as ações de ataque.

Durante o jogo, geralmente alguns jogadores são dispostos de maneira a garantir que a possibilidade de contra – ataque adversário seja, inicialmente em tese, neutralizável, e que na prática não evolua. Essa ação é chamada de equilíbrio defensivo, ou seja, jogadores são recuados ou posicionados de maneira a se garantir que, na possibilidade de perda de bola a equipe não venha a ser surpreendida em estado vulnerável, devido à inexistência de uma boa estrutura defensiva, ou a pouca organização desta, decorrente das ações de ataque. Isso implica em dizer que jogadores são recuados para que a situação de equilíbrio defensivo seja garantida. O equilíbrio defensivo pode ser entendido então, como a organização adotada para evitar a evolução do contra – ataque, empregado por todas as equipes. No alto nível, as equipes não podem avançar desorganizadamente, pois descuidos defensivos proporcionariam, na perda da posse de bola, a realização do contra – ataque, e isso seria visto como uma

---

<sup>137</sup> Op. Cit., p.104.

ingenuidade muito grande, imperdoável a um bom treinador. O risco da abertura de espaços, da surpresa, provoca a necessidade de recuar jogadores, mesmo em situação de ataque, para que esses auxiliem na defesa e no equilíbrio defensivo. Assim, a solicitação de um jogo eminentemente ofensivo é restringida pela impossibilidade de dispor mais jogadores no ataque sem considerar o equilíbrio defensivo, visto que um contra – ataque poderia ser fatal para o resultado do jogo. Por outro lado, como já mencionado, a marcação (ver pg. 144 e 145) é decisiva no planejamento do equilíbrio defensivo. Sabe-se, como já dito, que atacar em situação de um contra um, é, via de regra, tudo o que deseja uma equipe atacante. Olhando por essa perspectiva o potencial de contra – ataque, seu nível de desenvolvimento dentro de uma determinada equipe, não deixa de ser um elemento com caráter ofensivo, que possui potencial ou efeito defensivo indireto.

#### **3.1.4.5 Sistema**

El sistema de juego futbolístico es la colocación y situación en el terreno de las fuerzas, de los jugadores, en atención al cumplimiento de los problemas globalmente y de antemano definidos.

(...) el sistema es un marco dentro de cual existen posibilidades amplias para las muchas variaciones de las suposiciones tácticas<sup>138</sup>.

Esta é apenas uma, entre várias definições de sistema. Característica para a concepção é a intenção de estruturar e atribuir funções aos componentes do sistema, visando a solução de problemas propostos. É inerente à idéia de sistema o conceito de otimização, esta é a razão que justifica a sua criação, é a sua função. Esse é constantemente buscado. No futebol, a fim de aumentar as chances de sucesso na relação entre ataque e defesa surgiram vários sistemas específicos de jogo. Estes atribuem, mesmo de uma forma bastante pontual, a cada jogador no ataque e na defesa, uma função específica. A utilização de um ou outro sistema, ofensivo ou defensivo, deve orientar-se no potencial do adversário e suas estratégias, bem como nos potenciais próprios da equipe. Assim, conforme a situação, pode-se centralizar o foco em uma ou outra das opções (ataque e defesa), ou nas duas. As ações táticas de defesa são

<sup>138</sup> CSANÁDI, 1963, p. 319

organizadas através de sistemas, no sentido da recuperação da posse de bola e do impedimento da progressão do adversário para o gol. Isso pode ocorrer através de diversas ações, caracterizadas nas distintas formas de organização defensiva. A recuperação da posse de bola o desarme, é uma ação de defesa com um grande potencial ofensivo. O ataque também pode acontecer de maneira diversificada, pois existem diferentes formas de organizá-lo. A função do ataque é caracterizada pela manutenção da posse de bola e a organização de ações dirigidas para a meta final, que é a obtenção do gol. A referência para uma estruturação do sistema de ataque, como já dito, é a reflexão das possibilidades em relação ao adversário e às próprias intenções. O melhor sistema defensivo e/ou ofensivo é o que melhor se ajusta e se adapta a esses critérios e não pode ser decidido sem uma análise de situação.

Pode-se dizer então, que sistemas são construídos com características bem marcantes de ataque e defesa. Não se exclui de um sistema defensivo seu potencial de ofensividade, da mesma forma pode se constatar no ataque, por exemplo, na manutenção da posse de bola, elementos defensivos<sup>139</sup>. Sistemas sempre são construídos para atender necessidades específicas, só podem ser analisados em relação à eficiência e coerência lógica, na medida que atendem o fim para que foram criados. Da mesma forma, a análise das funções dos componentes dos sistemas segue a mesma linha. É uma característica marcante a variação possível na construção dos sistemas para atender o mesmo fim. O mesmo pode ser dito em relação às funções assumidas, atribuídas pelos componentes do sistema.

---

<sup>139</sup> Para ilustrar, vários exemplos podem ser vistos de equipes que se utilizam de propostas defensivas como arma para persuadir o adversário a avançar cada vez mais no ataque, desguarnecendo o setor defensivo e cedendo espaços preciosos, proporcionando assim, ótimas possibilidades para um jogo em contra – ataque. Por outro lado, outros exemplos já demonstraram que a disposição de um número maior de atacantes acaba impossibilitando a saída do setor defensivo, ocupando a equipe, quase que exclusivamente, com a marcação desses exímios jogadores.

### 3.1.5 FOUCAULT e o histórico do futebol

As considerações sobre tática levantadas anteriormente, nos diversos subitens da segunda parte, indicam o que deve ser observado por um treinador para planejar as atividades táticas da equipe. Esse conteúdo teórico revisto demonstra que organização tática envolve controle e limitação da ação. Portanto, qualquer forma de organização tática, levando-se em conta a mais simples até a mais complexa, envolve algum tipo de controle e disciplina, o que conseqüentemente implica em algum tipo de limitação da criatividade. Isto significa dizer que não teremos ações livres ou totalmente livres vistas pela ótica de uma tática dada ou de uma estratégia tática proposta. Nesse sentido, a capacidade de “improvisação do jogador brasileiro” só pode ser exercida dentro de limites controlados de liberdade, os quais são definidos pela forma de organização tática empregada e pela função tática desenvolvida pelo jogador dentro desta.

A reivindicação de alguns jornalistas – liberdade total, espaço para a criatividade dos jogadores – implica, se buscada literalmente, na abolição do conceito de tática, visto que onde existir alguma forma de organização tática existe algum tipo de intervenção na capacidade de criação. Existindo intervenção existem questões que disciplinam a ação ou combinações de ações. Na disciplinarização, no estabelecimento do que deve ser feito, na forma de organização, sempre existirá a inclusão de alguma coisa, e a conseqüente exclusão do que não faz parte da combinação. Isso não deixa de ser uma delimitação. Portanto, a idéia reivindicada incompatibiliza-se com os objetivos buscados com a organização tática, que são: estabelecer previamente as ações a serem realizadas a fim de otimizar, de tirar o maior proveito de determinadas ações ou movimentos. O envolvimento de tática e disciplina foi muito bem revisto e abordado por FOUCAULT,<sup>140</sup> que descreveu, como no passado, disciplina e tática compuseram partes de uma mesma força, ou seja, foram partes de um poder constituído organizadamente. Utilizando-se para tanto de envolvimento particulares e bem determinados, acionando conseqüentemente um controle suavizado do corpo.

O tipo de racionalidade encontrada na descrição de FOUCAULT possui o mesmo sentido ou a mesma orientação da racionalidade buscada quando se fala de estratégias táticas. Isso é possível dizer, porque ambas buscam a racionalização ou a

---

<sup>140</sup> FOUCAULT, 1997. Capítulo Disciplina.

melhoria de processos para se atingir um determinado fim. As duas não são a mesma coisa, porém partem de uma mesma racionalidade.

O texto do autor permite reconhecer a introdução do controle e da disciplina. Como o fim descrito era dado pela otimização de um controle, a melhor maneira como isso foi feito, no caso da exemplificação, foi por intermédio da apropriação do corpo. Na época foi possível perceber, segundo o autor, a melhor maneira de chegar a um fim, que é a mesma coisa que se busca na tática, ou seja, traçar meios e procedimentos que conduzam a um fim. Busca-se a certeza de que eles serão a melhor maneira de chegar a um fim sem revezes, ou seja, sem resultados considerados negativos, que impossibilitam o alcance da meta. FOUCAULT, em seu trabalho, reforçou com exemplos que caracterizam a necessidade de controle de uma parte determinada ou de todo o sistema, para que com isso o poder obtivesse melhores resultados e eficiência em sua implementação.

O autor descreve que, a partir do século XVII e século XVIII, a disciplina se agregou ao conceito de tática, desencadeando uma exploração hierarquizada e não violenta do corpo. Essa apropriação se deu por uma necessidade de envolvimento que se fazia urgente na época<sup>141</sup>. O que conseqüentemente estimulou uma seqüencialidade de comportamentos e um controle seguro, dado pela ampliação da vigilância quase que constante ou um auto vigiar-se que, progressivamente, se impôs e compôs com as forças que determinavam a ordem e o comportamento em diferentes níveis sociais da época (quartéis, escolas, hospitais, presídios, hospícios, etc.)

Assim, novos procedimentos foram arquitetados para que, a partir do século XVIII, uma organização e controle disciplinar sobre o corpo (a escala, o objeto e a modalidade) pudessem se espalhar seguramente. O autor chamou esse conjunto de procedimentos e estratégias de “**disciplinas**”, que se diferenciavam de outras formas de dominação já existentes. O que aconteceu a partir de então, nos séculos XVII e XVIII, foi a localização privilegiada que as disciplinas passaram a possuir dentro da sociedade, constituindo-se, a partir de então, em elemento fundamental nas diversas fórmulas de dominação que surgiam. Essa foi, portanto, a especial importância atribuída à questão disciplinar imposta ao corpo. Não quer dizer que em outras épocas e circunstâncias o corpo não tivesse sido objeto de atenção, de diagnósticos e investimentos que

---

<sup>141</sup> Amenizar as questões que precisavam de imediato controle. Exemplo disso, as manifestações dos populares descontentes com o aumento da opressão.

diretamente impuseram-lhe fortes limitações. Cada período da história do homem apropriou-se do corpo de uma maneira específica, conforme necessidades.

O corpo do soldado representou, no início do século XVII, um campo que possibilitava, por meio de uma “**sinalética natural**”, o reconhecimento de toda uma manifestação corporal, carregada há muito tempo por marcas bem definidas e especialmente nele representadas. Estas marcas foram destacadas e representadas por FOUCAULT presentes no: **orgulho, na valentia e na força do vigor físico**, que por sua vez formaram atitudes que associadas ao **olhar altivo**, determinaram fatores para que fossem estabelecidas condições indicativas de quem poderia exercer tal ou tal tarefa. Essas condicionantes passaram a indicar quais os aspectos e em que boa disciplina um soldado poderia portar uma lança no campo de batalha. A importância da lança é destacada pelo autor porque o soldado que a portasse era imediatamente reconhecido por sua habilidade e destreza na arte de guerrear, o que lhe dava um “*status*” dentro do grupo, diferenciando-o dos demais e colaborando para o fortalecimento da hierarquia, instituição forte e importante no contexto militar.

Reconhecida essa característica, o soldado passou a ser tratado como uma fonte amoldável, onde situações variadas poderiam ser exercitadas a partir de seu corpo, dispondo-o e organizando-o para a condição de alguém que era fabricado para atividades de guerra. Assim, pouco a pouco e paulatinamente, imperfeições foram sendo detectadas e corrigidas no tempo devido; utilizando-se, para tanto, de procedimento e condutas repetitivas. Dessa forma, o camponês que não possuía nenhuma outra habilidade a não ser a execução de suas tarefas diárias do seu meio, tornar-se-ia, em curto espaço de tempo, em vigoroso e eficiente soldado. A principal ênfase dada para que o camponês adquirisse as características de um bom guerreiro, compreendia lições de postura e visualização, que eram a primeira boa característica do soldado, pois acentuavam a ousadia no enfrentamento dos inimigos. Isso era treinado pelo olhar firme e forte à frente, e pela imediata prontidão para atender uma solicitação de comando. Portanto, o soldado e seu corpo passaram a constituir local próprio para a centralização do poder, que facilmente poderia ali ser manipulado. O que se impôs, para que se pudesse alcançar os objetivos desejados, foi um forte treinamento que articulou-se de forma a fazer com que o corpo do soldado respondesse e obedecesse às forças que dele se apropriavam e começavam a fazer novo uso. Desse ponto em diante, salienta o autor

que uma **docilidade** se atrelou ao corpo, passando a submetê-lo a aperfeiçoamentos que desenhavam formas reducionistas de poder, ou seja, cada vez mais ordem e obediência se faziam compor a cada novo treinamento. Soldados bem treinados e prolongadas sessões de exercícios foram a tônica obsessiva na época. Todos os movimentos, até os mais simples, foram **esquadrinhados** e descritos para compor uma ordem narrativa e a conseqüente prática no aperfeiçoamento. O soldado passou a dominar corretamente, cadenciadamente – seqüencialmente, o que deveria fazer em momento específico de uma atividade militar. Assim, o encaminhamento da apropriação corporal se deu inicialmente pela postura, para logo depois alcançar os treinamentos de marcha e finalmente os treinamentos do uso das armas (especialmente depois da invenção do fuzil). Essa ordenação desencadeou um aperfeiçoamento que compreendia um caminho que partia do exercício mais simples até o mais complexo (abordagem ou conduta metodológica), o que se caracterizava pela indicação que o tipo de aprendizado ou o nível do mesmo mudaria somente depois de fixado e dominado o nível anterior (exercício – base). Assim, assegurou-se uma padronização perfeita. Aquele que não conseguisse alcançar um dado objetivo disciplinar voltaria a fazê-lo até assimilar totalmente a sua execução. Dessa forma, uma ordem se estabeleceu para que o controle pudesse se instaurar na dominação dos corpos. A “**escala**” revolveu o corpo de cima para baixo, escrutinando minúcias, dividindo-o em partes, e indicando uma relação detalhada de suas dimensões. Esse detalhamento passou a agir na condição de mantê-lo em constante ocupação e trabalho, extraindo daí uma máxima eficiência de movimentos, gestos e atitudes, compondo com a velocidade de execução uma ação possuidora do corpo que deveria funcionar cada vez melhor e mais (máxima eficiência).

Com o corpo dividido em partes e estas identificadas e reconhecidas como potencialidades de funcionamento, extrair bom trabalho (produção) foi fácil. O corpo adquiriu, portanto, uma condição plena de produção, a qual ampliava a sua exploração à medida que novas metodologias e estratégias surgiam. O exercício, neste contexto, passou à condição de “**objeto**” que aglutinou os elementos mais significativos na composição e ordenação do controle. O que começou a interessar foram movimentos ordenados e repetitivos. A exaustação e a seqüencialidade (dos exercícios) ajudaram na aplicação e ação das forças necessárias ao “**adestramento**”. O exercício, agregado à

divisão do corpo, formou uma nova disposição que indicou um atrelamento cada vez maior da disciplina como nova forma de “coerção individual e coletiva dos corpos<sup>142</sup>”.

Com o reconhecimento da “**escala**” e do “**controle**” devidamente assimilados, o passo seguinte foi o de organizar as “**modalidades**” que atuariam exercendo um total domínio sobre o tempo, o espaço e os movimentos alicerçados para controlar. O que determinou um encadeamento de ações constantes e sem espaços para que outras forças pudessem se organizar. Portanto, o que se articulou a partir de então foi a formação de uma seqüencialidade própria e específica para cada exercício ou manobra propostos. O que por sua vez determinou uma não interrupção de atividades, originando situações de treinamentos contínuos para que sempre existisse algo novo e cada vez mais complexo a ser apreendido.

Segundo FOUCAULT, esta metodologia articulada com toda atenção possibilitou, através de um severo controle, o surgimento das disciplinas. Elas, por sua vez, não apareceram de uma hora para outra, mas sim convergiram, para uma mesma potencialização, encaminhadas pela similaridade e pela multiplicidade dos métodos, que surgiam, se repetiam, se imitavam e auto - sustentavam mutuamente, o que originou a criação e a localização de diferentes formas de condicionamento. Sua regularidade ora se potencializava com rapidez, ora se apoderava discretamente, apoiando-se em impulsos de modernização e aperfeiçoamento industrial, em controles epidêmicos de ordem geral, na ordenação e organização educacional e principalmente no domínio e na arte de manejar artefatos de guerra. Estes últimos criados com a finalidade de aumentar a movimentação e o poder de destruir em campo de batalha, respondendo assim, às necessidades que o poder solicitava para instalar-se em locais cada vez mais distantes (ampliação do domínio, das conquistas).

A disciplina levou a uma reorganização da tática militar, que fora cuidadosamente construída em cima de antigos conceitos de guerra. Eles indicavam formações específicas no campo de batalha. No entanto, com o invento do fuzil, como citado anteriormente, uma mobilidade que antes era vista e concebida para um grupo, agora se desfazia em benefício de uma apropriação corporal. Ou seja, quando no passado se dispunha um grupo para combate, este era organizado a partir de um bloco que se deslocava para atacar o inimigo, e desta forma, enfrentá-lo. Essa era a

---

<sup>142</sup> FOUCAULT, 1997, p.152.

organização principal, que antes do invento do fuzil, permitia um combate seguro e a possibilidade de vitória. Assim, geralmente, eram dispostos na periferia do bloco os guerreiros mais valentes e treinados na arte da batalha (veteranos), e no centro ficavam os mais jovens e os menos preparados (novatos). Desta maneira, era possível assegurar a formação de um bloco de luta consistente. Isto, no entanto, já não era mais possível, visto que com a utilização do fuzil a vulnerabilidade dessa formação era instantânea, e mais ainda, o projétil (bala) permitia um alcance mais ampliado e apurado do alvo, ou seja, mesmo longe se poderia atingir o inimigo. Neste caso, necessariamente, uma reorganização no referente às disposições em campo de batalha, era de suma importância. Agora não se poderia mais deslocar um bloco, visto que este procedimento inevitavelmente poria fim à luta. Portanto, quem assim continuasse procedendo seria derrotado. Novas organizações foram estabelecidas na disposição dos homens em campo para a guerra, e estratégias passaram a indicar um avanço tático. A tática se atrelou à disciplina e foi reconhecida por FOUCAULT como um :

... ordenamento espacial dos homens; taxinomia, espaço disciplinar dos seres naturais; quadro econômico, movimento regulamentado das riquezas<sup>143</sup>.

Essa nova concepção veio encaminhada pela apropriação do corpo, agora solução para a eficiência em campo (disciplina tática), que de acordo com refinamentos ordenados e disposições previamente articuladas, permitia um melhor aproveitamento no ataque aos inimigos, e a conseqüente possibilidade de vitória. Todo esse comportamento impulsionou, como já foi salientado, para treinamentos cada vez mais refinados. Os treinamentos, por sua vez, baseavam-se em uma sistematização que não permitia nenhum tipo de improvisação.

Essa disciplina tática agregada à dominação dos corpos, utilizada inicialmente para o treinamento dos soldados e para a guerra, permitiu, segundo FOUCAULT, um avanço para outras áreas. Um dos exemplos dados no estudo do autor atrelou-se à educação: as escolas passaram a adotar um comportamento que utilizava a mesma dominação corporal. O aluno era submetido a uma série de procedimentos que o mantinham em constante atividade e dele eram extraídos o máximo possível de produção e efetividade. A sala de aula passou a servir a um propósito semelhante ao da

---

<sup>143</sup> Op. cit., p.136.

disposição em campo; a ordenação dos corpos e as atividades a eles impostas permitiam ao professor assegurar uma regularidade nas atividades propostas. E mais, a divisão do corpo agora era mais detalhada e eficiente. O aluno recebia sinais e ordens verbais curtas, que indicavam a tarefa ou o comportamento a ser executado. Seu tempo era maximizado de forma a assegurar o domínio do grupo e a aumentar a eficiência do aprendizado com a utilização de poucos mestres. Vários eram orientados ou ensinados por poucos, que conseguiam visualizar, perceber e destacar quem deveria melhorar e em que quantidade. Nesse mesmo contexto, hospitais, penitenciárias, indústrias e outras instituições também foram organizadas. Todos que delas fizessem parte seriam registrados e devidamente organizados em uma taxinomia de produção. Ninguém ficaria de fora dos registros e todos seriam reconhecidos pela sua eficiência, sua utilidade, ou pela sua ineficiência ou inutilidade.

O mesmo pode ser observado em relação ao futebol. O jogo de futebol como é concebido atualmente, através dos sistemas de jogo praticados, passou a existir a partir do momento em que foi criada uma forma definitiva para se jogar o futebol com os pés. Isso ocorreu no ano de 1863<sup>144</sup>, quando objetivando a separação do jogo de ‘Rugby’, modalidade que permitia tanto a utilização dos pés quanto das mãos para se jogar, criou-se regras que definitivamente estabeleceram a composição de uma equipe de futebol (11 jogadores), bem como o tamanho e o formato do campo. Esses procedimentos alavancaram uma decisiva influência na evolução dos sistemas táticos conhecidos, o que será descrito a seguir apoiado na obra de CSANÁDI (El Fútbol/1963).

A primeira formação conhecida da época foi composta por nove jogadores na linha de ataque, protegidos na retaguarda por um jogador de defesa mais um goleiro. Nesse sistema, os jogadores inicialmente se dispunham atrás da linha de meio campo, um do lado do outro, com um afastamento lateral relativo. Essa organização primeira permite o entendimento de um jogo eminentemente ofensivo. Logo em seguida, surgiu uma nova disposição defensiva, ocasionada provavelmente pelo aprimoramento ofensivo dos atacantes adversários. Esta disposição se caracterizou pela ampliação da base da pirâmide de retaguarda, acrescentando-se mais dois

---

<sup>144</sup> Ver capítulo sobre a tática. CSANÁDI, 1963, p. 343.

jogadores. Assim, a disposição de retaguarda começou a ganhar em profundidade<sup>145</sup>, objetivando, provavelmente, a neutralização imediata de ações ofensivas mais velozes e de surpresa ampliadas com a prática.

Intencionando aumentar a profundidade defensiva posta em curso, simplesmente ganhar em profundidade não bastaria. Contam os apontamentos históricos que os escoceses enfrentaram os ingleses em 1872, recuando quatro dos oito atacantes tradicionais para o meio de campo, compondo um 2-4-4<sup>146</sup>, caracterizando o surgimento de uma preocupação com a retaguarda que desse conta não somente da profundidade, mas também da amplitude, que para a época pareceu ser um sistema defensivo muito exagerado. Mas como os escoceses saíram vitoriosos, o esquema utilizado passou a ser adotado amplamente na Grã-Bretanha.

Nova forma de defender surgiu com a criação de uma concepção clássica: a disposição piramidal (1883). Novamente o conceito defensivo alterou-se, e o que se percebe é que uma importância maior do que apenas uma retaguarda foi dada para o setor defensivo. Destituiu-se assim, definitivamente, o antigo conceito que determinava apenas a disposição de um elemento recuado para a proteção de uma equipe em campanha. O futebol começou, a partir de então, a se organizar praticamente no sentido de ampliar e criar espaços defensivos em profundidade e não somente em amplitude, pois se percebe claramente que na concepção piramidal adotava-se a colocação de três jogadores na base de proteção da linha de frente, seguidos por mais dois atrás e protegidos pelo goleiro, o que pressupõe uma organização defensiva que regulou o ápice da pirâmide ou o ponto mais agudo desenhado pela nova disposição do setor de defesa, distanciando-o cada vez mais da linha de ataque que orientava-se desde o início pela profundidade (característica até então percebida somente no setor ofensivo).

Já nas décadas de vinte e trinta, a Áustria apresentou uma variação da formação determinada pela International Board (1866), como sendo a formação ideal para uma equipe de futebol, o 1-2-3-5 (piramidal). Os austríacos, na ocasião, partiram

<sup>145</sup> Precisamos esclarecer que o conceito adotado para profundidade reconhece, aqui, a ocupação de espaços do campo em seu comprimento. E o conceito adotado para amplitude reconhece a ocupação de espaços do campo, em sua largura. Assim, o jogo arquitetava-se, desde já, por um reconhecimento que objetiva a ocupação de espaços, na intenção de inibir ações ofensivas em todas as direções, e, com isso, proporcionar um aumento das possibilidades de manutenção da posse de bola em situação de ataque.

<sup>146</sup> Ver **Folha de São Paulo** /100 ANOS DE FUTEBOL – em 16/01/1994.

da sugestão inicial, mantendo os dois zagueiros, dos cinco atacantes avançaram os pontas e um avante, deslocando obrigatoriamente, para isso, dois médios para auxiliar e compor a organização e armação do jogo com os avantes, que ficaram mais recuados pelo avanço dos demais. Surgiu, portanto, uma variação que determinou a alteração e a composição do meio campo, formalizando a posição de meio campista como a posição responsável pelas ligações entre o setor defensivo e o setor ofensivo.

O inglês Hebert Chapman, técnico do Arsenal, criou em 1930 um sistema chamado de “WM” que se sustentava por uma forte marcação homem – a – homem, composta por quatro zagueiros mais um centromédio recuado, que tinha por função, além de marcar, a de lançar os atacantes (os dois pontas – de – lança e o centroavante) que regularmente vinham buscar o jogo. O mesmo sistema foi adotado pelo time húngaro, com sucesso, na Copa de 1954.

A Suíça apresentou, na década de cinquenta, o “catenaccio”, palavra que significa ferrolho, o sistema foi criado pelo técnico Karl Rappan, e a disposição do esquema proposto determinou, tanto na teoria como na prática, uma organização defensiva implacável, composta por oito jogadores recuados, onde cinco se responsabilizavam diretamente pela defesa homem – a – homem e dois esperavam do meio campo para a frente, para compor tanto ações defensivas como ações ofensivas. Essas articulações, por sua vez, exigiram a formação de bons jogadores de defesa, ou seja, para qualquer falha de ataque ou de marcação deveria ocorrer simultaneamente uma recomposição do bloco defensivo, objetivando regular as sobras. Para isto, necessitou-se de adequações que baseavam-se em coberturas eficientes e trocas de marcação, caso fosse necessária a recomposição do bloco defensivo.

O Brasil também fez parte dessa história. Vicente Feola, técnico brasileiro no mundial de 1958, organizou um esquema ofensivo utilizando-se de quatro zagueiros, dois pelas laterais e dois mais pelo meio, mais um volante e um meia e quatro atacantes (4-2-4). O ponta – esquerda, Zagallo, recuava para buscar o jogo, mudando a estrutura tática para um 4-3-3. O futebol brasileiro permaneceu com esta forma de jogo até os anos 80.

Em 1974, a equipe holandesa quebra todas regras táticas já concebidas e inaugura o famoso “carrossel holandês”. Na ocasião, o técnico Rinus Michels dispunha sua equipe com quatro zagueiros, com a finalidade específica de efetuar uma marcação

por zona; um deles porém, fazia as vezes de líbero; os volantes, por sua vez, giravam no meio de campo sem guardar posição específica e, conforme a situação ou se o envolvimento do adversário exigia, um ou mais volantes agregavam-se ao ataque que possuía dois jogadores muito velozes, aumentando o número de atacantes (superioridade numérica). Existia também a possibilidade dos zagueiros subirem pelas laterais impondo uma velocidade e uma condição surpresa, fundamental para as conclusões de ataque.

Nesta mesma oportunidade, o Brasil, sob a direção de Zagallo, técnico tri – campeão de 1970, impunha um moderno 4-4-2. O sistema foi chamado de defensivista pela imprensa, que salientou um forte congestionamento no meio de campo e o isolamento dos dois atacantes na frente. Atualmente este sistema é um dos modelos mais utilizados.

Outro bom exemplo de evolução tática foi à utilizada pela Dinamarca, em 1986, pois eles aperfeiçoaram o esquema do líbero utilizado na Itália desde os anos 60. Para isso, adaptaram o sistema a sua realidade imediata, porque o modelo tático exigia um jogador com habilidade acima da média para jogar na função de líbero. Sua eficiência era imprescindível atrás da linha de zagueiros (cobertura), pois eventualmente um deles subia para o meio de campo na tentativa de aumentar as possibilidades ofensivas daquele setor, ou seja, quando as condições eram favoráveis (adversários com limitações ofensivas ou atacantes fáceis de marcar na situação de um contra um), um dos zagueiros era liberado para aumentar a superioridade numérica no meio campo, o que conseqüentemente possibilitava maiores chances de vencer a defesa adversária. Por outro lado, mesmo o adversário não possuindo boas condições de ataque, o esvaziamento do setor defensivo obrigava o líbero e demais defensores a se organizarem para a possibilidade de eventuais contra – ataques.

No contexto histórico descrito, pode-se observar que a partir do momento que um dos jogadores foi recuado, passou a existir progressivamente uma limitação para o tipo de futebol eminentemente ofensivo, pois se aumentou sucessivamente o recuo de jogadores. Ou seja, por meio das regras existentes e pela busca de um resultado positivo, passou-se a articular a disposição defensiva de modo a garantir maior eficiência no setor, através da situação de superioridade numérica. Assim, o aumento

gradual dos defensores foi diminuindo os espaços e congestionando o campo onde os atacantes jogavam com maior liberdade.

Criou-se, portanto, uma nova conduta, uma condicionante que mais tarde foi-se reforçando com o recuo cada vez maior de jogadores para trás da linha de frente, o que conseqüentemente determinou uma efetiva preocupação com as evoluções dos atacantes. Com a visível limitação que se anunciava a cada nova competição, o conceito de liberdade para o ataque também foi mudando. Dispunha-se defensores cada vez em maior número intencionando impedir as ações dos atacantes. Isso demonstra que a regra foi criada no sentido de restringir alguma coisa ou guiar uma conduta de comportamento.

Em 1925, por exemplo, a nova regra de “offside<sup>147</sup>” passou a possibilitar um maior perigo à meta adversária; considerando-se que, anteriormente, para um atacante não estar fora de jogo deveria ter a sua frente três adversários. Agora, com a nova regra, ele (o atacante) pode estar em condição de jogo tendo a sua frente apenas dois adversários.

A regra considera o jogador impedido quando:

1. Um jogador estará em posição de impedimento se o mesmo estiver mais próximo da linha de fundo da equipe adversária do que a bola, salvo se:
  - a) Estiver na sua própria metade de campo;
  - b) Tiver, entre ele e a linha de fundo, da equipe contrária, no mínimo, dois jogadores adversários.
2. Um jogador só será considerado “impedido” e punido por estar em posição de impedimento se, no momento em que a bola for tocada ou jogada por um jogador de sua própria equipe, ele estiver, na opinião do árbitro:
  - a) Interferindo no jogo ou estorvando a um adversário, ou
  - b) Tentando obter uma vantagem com esta posição (de impedimento).
3. Um jogador não será considerado impedido pelo árbitro:
  - a) Simplesmente por estar em posição de impedimento, ou
  - b) Se receber a bola diretamente de um tiro de meta, de um tiro de canto, de um arremesso lateral ou de bola-ao-chão dada pelo árbitro.
4. Se um jogador for declarado impedido, o árbitro concederá um tiro livre indireto, que será executado por um jogador da equipe adversária do lugar onde ocorreu a infração, a menos que a falta seja cometida por um jogador na área de meta adversária. Neste caso

<sup>147</sup> CSÁNADI, 1963, p. 320.

o tiro livre será executado de qualquer ponto dentro da metade da mesma área de meta na qual ocorre a falta.

---

#### **DECISÕES DA INTERNATIONAL BOARD**

---

1. O impedimento não deve ser julgado no momento em que o jogador recebe a bola e sim no momento em que a bola lhe é passada por um seu companheiro.

Um jogador que não esteja impedido no momento em que lhe for passada a bola por um companheiro (mesmo sendo um passe originado pela cobrança de um tiro livre), também não estará impedido, se avançar durante o percurso da bola<sup>148</sup>.

---

<sup>148</sup> Ver REGRAS OFICIAIS DE FUTEBOL, 1997/1999, p.17.

### **3.1.6 Considerações sobre a apreciação jornalística de tática em relação às críticas ao treinador**

As considerações abaixo representam as conclusões tiradas das apreciações teóricas de tática relativas às questões estabelecidas na introdução do item 3.0.

#### *A tática é a arte*

Conforme visto anteriormente em seu conceito, a tática é composta por vários elementos que se interrelacionam, os quais devem ser observados e considerados quando se pretende abranger sua dimensão seja, com finalidades de planejamento e aplicação ou de avaliação (ver pg. 135 e segs.). Porém, como já mencionado, a dimensão do fenômeno dificulta a consideração de todos os elementos intervenientes. Isto obriga a restrição de concepções táticas a enfoque de fatores selecionados e estabelecidos como prioritários, conforme análise de quem as planeja e aplica. Nesta seleção, é o “dom artístico” que é característica primária e essencial de qualquer estruturação tática. Não existe a possibilidade de abolir o aspecto subjetivo nas concepções táticas. Sua possibilidade de objetivação é, mesmo admitindo a existência de princípios gerais orientadores, muito limitada. Na individualidade do treinador ou de quem planeja, encontra-se a redução necessária e insubstituível para o entendimento da organização tática. Isso implica na admissão da existência de divergências em relação a posições sobre concepções táticas de jogo, pois a individualidade é influenciada por fatores relacionados com as vivências de cada pessoa, com a sua biografia. Vivências táticas estão associadas aos contextos dos quais se originaram, e na sua experimentação não está excluída a possibilidade da internalização de aspectos externos à tática provindos deste contexto, as quais acabam sendo assimiladas através de associações. Assim é possível, também na formação do conhecimento tático do treinador, a aquisição, o desenvolvimento de uma série de aspectos relacionados com convicções, crenças, sentimentos, etc., que influenciam seu comportamento e agir tático. Tais questões também podem interferir positiva ou negativamente nas intervenções do técnico, pois fazem parte do seu mundo de conhecimentos adquiridos nas várias situações vividas. Tais conhecimentos nem sempre possuem fundamento racional. Para a tomada de algumas medidas táticas e, principalmente, o momento de sua aplicação,

não se pode apresentar, na maioria das vezes, uma explicação desta natureza. Não existe a possibilidade de se excluir esses elementos anteriormente citados e questões intuitivas das decisões tomadas pelo treinador no que se refere ao agir tático. Por essas e por outras questões é bastante difícil para um treinador abrir mão de suas crenças e convicções, e orientar-se em opiniões e visões externas, mesmo que estas possam aparentar serem fortemente indicadas. Por isso, pode-se dizer, referente à estruturação tática, que não há como se desvincular a obra artística do seu autor. Assim, isto leva à conclusão que divergências quanto a concepções ou forma de estruturação tática não podem ser abolidas. Não existem argumentos teóricos suficientes de tática capazes de conduzir diferentes pessoas necessariamente a um ponto comum. Baseado nisso, pode-se formular que na análise da concepção tática de um treinador não é decisivo ou mais importante a questão de se estar de acordo com sua forma de conceber o jogo taticamente. A questão crucial para uma análise crítica, é se a concepção do treinador é teoricamente capaz ou não de produzir os resultados desejáveis. Essa reflexão pode também ser formulada de outra forma: a concepção do treinador exclui a possibilidade de alcance do resultado almejado? Como existe dificuldade de se responder suficiente e definitivamente ambas as questões, permanecem as decisões sobre a forma de jogar (se concordando ou não), uma prerrogativa atribuível ao âmbito de competência e responsabilidade do treinador. Como já dito, não se precisa concordar com suas decisões, mas elas permanecem tendo que ser aceitas e entendidas como inerentes ao treinador. Parece estabelecer-se aqui, uma relação de dependência intransponível.

Conforme fundamentação anterior, não é possível encontrar em reflexões táticas, mecanismos que possam trazer elementos suficientemente convincentes e capazes de tal objetivação das concepções de jogo do treinador – o que diminuiria o nível de interferência do fator subjetivo na interpretação e provaria a inoperância de determinada concepção tática – resta respeitar o espaço de decisão que lhe compete.

A reivindicação de que um treinador deva ouvir ou orientar-se em pontos de vista ou análises externas à sua comissão técnica tende a não ser atendida no sentido almejado. Caso isso venha a ocorrer, é porque tal opinião também já faz parte da concepção do treinador. Mesmo com boa vontade, é difícil ao treinador ceder a opiniões externas, pois elas, como já dito, podem não pertencer ao âmbito de sua vivência e

referências. Ao segui-las, poderia se deparar com o problema de não saber o que fazer com elas no sentido de organizá-las em seu novo contexto.

Em síntese, pretendeu-se fundamentar o fato de que não se pode desvincular a criação tática da pessoa, da individualidade de quem a cria. É muito difícil, de fora, querer-se dirigir ou conduzir o artista ou a “criação artística”. Se isto ocorre e é necessário, se está abrindo mão do seu talento criativo e se questiona a sua utilidade artística. Por isto, é muito difícil querer se estabelecer ou exigir como devem ser as linhas de criação e as formas de jogar de uma equipe. A criação tática exige necessária e irremediavelmente, a garantia de espaço a seu criador. Obviamente o resultado, a obra pronta, poderá ser objeto de avaliação. Porém, permanece aqui um senão: “feia ou bonita”, “correta ou não” ela já foi concluída.

### *Defensivismo*

O defensivismo caracteriza uma das principais críticas dirigidas ao treinador e sua forma de estruturação tática. A crítica, nos comentários analisados, apresenta-se de forma generalizada, isto é, não se restringe à análise de jogos e situações específicas. Também a tematização da discussão jornalística, como já dito, é polarizada. Concentra-se no debate da idéia de que a forma de jogar da seleção brasileira deve ser defensiva ou ofensiva. A crítica passa ainda a idéia, que as preocupações de caráter tático defensivo, são inadequadas e de menor importância e não corresponde às prioridades do bom futebol e nem às características do futebol brasileiro, que tem que ser ofensivo. Isso pode ser visto na atribuição de mérito usada na terminologia jornalística que caracteriza os jogadores com boa capacidade de marcação (ver burocráticos PARTE I). Outro exemplo, o emprego do termo “capacidade técnica”, nos comentários jornalísticos, é utilizado exclusivamente para caracterizar aqueles jogadores com boa destreza no trato com a bola. Isto implica em dizer que é utilizado e é reservado apenas em menção a situações ofensivas. A ligação do termo jogador técnico ou com boa técnica em relação a marcação é conceito quase inexistentes no vocabulário das enunciações jornalísticas. Para uma grande parte dos repórteres esportivos a capacidade ou qualidade técnica não é vista como pré-requisito para marcar e defender. Constata-se que nossa cultura jornalística de futebol reserva quase a totalidade dos espaços disponíveis para comentar

e noticiar feitos ofensivos e jogadores de ataque. Daí interpreta-se a atribuição de uma ordem de importância: quem faz o gol tem maior destaque do que aquele que o evita.

Os conteúdos teóricos de tática apresentados nesta parte do estudo não apresentam subsídios que possam fundamentar a idéia ou visão de jogo descrita acima: a pouca importância da defesa. Não existe a possibilidade teórica da inferioridade do papel dos elementos defensivos, pois eles são constituintes e determinantes do jogo. Em contrapartida, existem, nos princípios táticos do jogo, subsídios teóricos capazes de justificar ou fundamentar as medidas defensivas adotadas pelo treinador da seleção, as quais foram duramente criticadas e também serviram de base para se fundamentar a intenção de demonstrar a incompetência tática do treinador.

Pode-se afirmar – salvo na existência de análises detalhadas de casos onde as peculiaridades de situações possam exigir ou indicar procedimentos e avaliações diferentes de como atuar – que da maneira como foi apresentada (de forma ampla e generalizada, tematizando a importância ou não da defesa e antepondo a ela a alternativa de jogo ofensivo), a crítica jornalística não encontra nos princípios teóricos da tática, subsídios teóricos suficientes e necessários à sua sustentação.

O que é entendido por defensivismo não é precisado conceitualmente nas matérias jornalísticas. Sem a possibilidade de avaliação da dimensão e delimitação do conceito, não é possível o entendimento do mérito da crítica jornalística. O mesmo pode ser dito em relação ao conceito de futebol ofensivo. Constata-se também a dificuldade de refutação dos enunciados onde estão presentes esses conceitos, pela sua imprecisão. Isso pode ser estratégico, pois erros ou enunciados inadequados poderão sempre ser corrigidos se criticados, o que normalmente se dá, através de sua adaptação e ajuste do entendimento conceitual à situação em apreço. Se a melhor estratégia, objetivando o resultado positivo de jogo, é defensiva ou ofensiva, é uma questão que não pode ser definida prioritariamente sem análise de situação e nem de forma generalizada. Entre outros argumentos que embasariam essa afirmativa, destaca-se as limitações da teoria de tática em relação à sua capacidade de prognóstico. Também o fato que sem a consideração da situação e dos elementos descritos como influenciadores e orientadores do planejamento tático, a tomada de posição por uma estratégia defensiva ou ofensiva implica em idealização.

Um outro problema constatado, claramente explícito no item histórico do futebol (pg. 165), é que o conceito de defensivismo pode ser influenciador da cultura de determinada época. Neste item, fica bem caracterizado que o número de jogadores recuados para o setor defensivo aumentou gradativamente. Por isso, pode-se formular que: O que é visto como retranca hoje, amanhã talvez não o seja, talvez tenha mudado.

O que é considerado “defensivismo” – “futebol burocrático” pode ser visto como resultante do desenvolvimento de uma corrente da cultura esportiva futebolística e dos seus processos de formação do conhecimento. Entre outros, dois aspectos foram importantes e decisivos na evolução histórica e no estabelecimento das tendências e direcionamentos das estratégias de jogo:

- a) A alteração das regras;
- b) O resultado esportivo.

Conforme descrito na página 159, a alteração das regras contribuiu decisivamente no recuo do número de jogadores para a defesa. As regras funcionam regulando as estratégias táticas. Elas delimitam, através do permitido e proibido, o âmbito das possibilidades e com isso atuam, também, influenciando ou determinando a racionalidade tática do jogo. Baseando-se nas afirmações acima, pode-se enunciar que o “defensivismo” não deixa de representar uma forma (manifestação) ou tendência dominante do jogo de futebol, a qual encontra, nas regras e no resultado esportivo, seu fator direcionador.

O resultado esportivo nas últimas Copas do Mundo demonstra o sucesso daquelas equipes com fortes estruturas defensivas. A concentração dos jogadores na defesa é uma estratégia que tem sido usada principalmente pelas equipes consideradas mais fracas. Estas têm conseguido, em muitas ocasiões, adotando medidas táticas chamadas no jargão futebolístico de retranca, surpreender aquelas consideradas mais fortes. A orientação básica desse tipo de estratégia é não tomar o gol, explorar as possibilidades de contra – ataque, e apostar no erro do adversário, em um lance de “sorte” ou até mesmo de brilhantismo da equipe ou de um de seus jogadores que possa levar à vitória. Isso pode ser percebido, principalmente, na fase classificatória; onde as

equipes ditas mais fracas conseguem levar a decisão para a cobrança de pênaltis e garantir, desta maneira, a sua continuidade na competição. Agindo dessa maneira, uma equipe, que, a princípio, não estaria cotada para figurar entre as melhores, acaba se destacando e até mesmo adquirindo possibilidades de sucessos maiores. O sucesso esportivo obtido nos confrontos é que dá a sustentação e acaba legitimando tais estratégias. Existe na história do futebol e das copas do mundo quantidade suficiente de resultados capazes de confirmar a existência desse fato.

Um caso que caracteriza e exemplifica o acima mencionado é o episódio da derrota da seleção brasileira para o Japão, nos jogos olímpicos de Atlanta. Aqui, a equipe considerada mais forte, por “acidente de percurso”, perdeu para a equipe considerada mais fraca. Isso indica que, de certa forma, a estratégia adotada foi efetiva para o alcance do objetivo e que “desastres” também são eficientes em produzir o sucesso esportivo. Enquanto as regras permitirem e o resultado esportivo positivo continuar a ser obtido dessa maneira, é provável que este tipo de estratégia tática continue em uso. Observa-se nas copas do mundo a grande maioria das equipes utilizando-se de estratégias bastante defensivas.

Para encerrar, devo reportar-me à idéia implícita nas críticas jornalísticas relativas ao defensivismo: a visão polarizada de jogo. Conforme o exposto no capítulo de tática, o jogo é composto por dois elementos básicos, ataque e defesa, que podem se equilibrar quanto ao tempo de manifestação em uma partida. Portanto, sob o ponto de vista tático, não faz sentido uma polarização da discussão do tipo que busca estabelecer entre ataque e defesa uma ordem de importância. O simples fato de um elemento ser componente constituinte do jogo já é mais do que suficiente para merecer atenção. Principalmente, nos desportos de alto rendimento, onde, devido ao alto nível de preparação de todas as equipes, até mesmo pequenos detalhes podem fazer a diferença de resultados. Por isso, entendo e a teoria da tática apresenta suporte para isso, que, a defesa de tal posição polar (ataque ou defesa) é da mesma relevância e sentido que a tentativa de se estabelecer a mais importante entre as duas pernas, direita ou esquerda, no correr.

### *Liberdade X Diretividade*

A reivindicação de liberdade e libertação dos jogadores do cumprimento de sistemas táticos rígidos, se levada ao rigor, é antagônica à idéia estabelecida pelo conceito de tática e sua finalidade. Essa questão foi tratada no segundo parágrafo da página 149. Portanto, sob o ponto de vista tático, o espaço de liberdade solicitado para os jogadores só pode ser atendido dentro de limitações estabelecidas pelo conceito tático de jogo.

### **3.2 Considerações sobre as análises críticas descritas na primeira parte.**

Existem alguns aspectos que parecem ser comuns às críticas e comentários esportivos. Busca-se aqui a tentativa de abrangê-los.

As análises críticas descritas na primeira parte do trabalho trazem implícitas algumas idéias de tática, cujos pressupostos seguem:

#### *UNANIMIDADE*

As análises críticas dos comentaristas trazem implícita a idéia, quando da sua não-relativização, que o seu ponto de vista é o correto, e que ele representaria a unanimidade em relação a questões de ordem tática: planejamento, alterações, tomadas de decisões e avaliações (tanto individuais quanto coletivas). Isso ocorre naquelas manifestações onde a opinião do jornalista é apresentada de forma como se existisse uma única solução tática correta, a sua, a qual aparentemente representaria a unanimidade. Nessas situações, o ponto de vista tático do crítico é a referência única à crítica, e servirá de base para análise e apreciação do comportamento técnico-tático dos jogadores e do técnico. Nessas, encontram-se enunciados do tipo: “o treinador deveria ter feito ou tomado tal decisão, por exemplo, substituir A por B e não por C; não é esse o jogador que deveria ter entrado; errou porque tinha que ter mexido no time; errou porque não tinha que ter mexido no time; tinha que ter substituído antes; devia ter esperado mais para substituir, etc. Em conseqüência dos enunciados, conclui-se que o treinador ou jogador errou e é o culpado pelo mal resultado. As situações acima só são vistas como problemas quando não são manifestas na forma de opinião jornalístico -

esportiva, portanto, pela sua absolutização e pela sua não relativização. A opinião na avaliação tática, no meu entender, apresenta-se normalmente como uma possibilidade de apreciação, o que não exclui outras possibilidades existentes. O problemático é que muitas vezes a crítica é apresentada como opinião, porém as outras possibilidades existentes de interpretação ou avaliação tática do fenômeno não são mencionadas.

A revisão do conteúdo desenvolvido ao longo da PARTE II demonstra e fundamenta a dificuldade ou impossibilidade de se obter unanimidade em relação a concepções táticas, pois não há critérios teóricos suficientes, indicativos de uma “receita única” e exata, que deve ser seguida e considerada em uma estruturação tática. Entre os argumentos sustentadores desse ponto de vista, pode-se citar, como exemplo:

- A quantidade de fatores envolvidos que podem ser combinados de diferentes maneiras em um planejamento tático;
- A influência dos diferentes fatores constituintes da individualidade do técnico na percepção do fenômeno, etc.

Se o conteúdo de tática não apresenta elementos capazes de sustentar a perspectiva de objetivação possibilitadora de uma unanimidade, então tática pode ser vista como a busca e a ação interpretativa, dos caminhos que levarão ao objetivo almejado. Não deve ser esquecido que um mesmo resultado pode ser alcançado através de várias interpretações sobre as maneiras de fazê-lo ou construí-lo. O que se pode esperar da teoria de uma estruturação tática, na realidade, é a reunião e o controle do maior número de fatores possíveis que possam influenciar no resultado. Neste caso, prioriza-se aqueles que podem representar possibilidades positivas e que podem levar ao alcance do objetivo e procura-se evitar ou amenizar as possibilidades negativas, ou seja, aquelas que não conduzem ao objetivo desejado. Aceita essa compreensão de tática, passa ela a se contrapor à idéia de unanimidade. Conseqüentemente, isso conduz a uma relativização dos enunciados jornalísticos que se baseiam ou trazem implícito uma idéia de unanimidade.

### *TÁTICA E A DISPOSIÇÃO DE JOGADORES*

As leituras das possibilidades táticas das equipes são freqüentemente interpretadas e apresentadas unicamente através das disposições dos jogadores em campo. Existe uma limitação de se entender, através da descrição da disposição dos jogadores, sua função no sistema e principalmente em tentar-se deduzir, a partir dessa, a capacidade ou a qualidade do despenho tático. Por exemplo, a eficiência do bloco defensivo ou a qualidade da defesa não pode ser predita apenas e suficientemente a partir do número de jogadores nela dispostos.

### *TÁTICA COMO SINÔNIMO DE SUBSTITUIÇÃO*

Alteração, intervenção tática é, muitas vezes, compreendida pela crítica como sinônimo de substituição. Se houve intervenção tática do treinador, houve alteração tática na equipe, caso contrário não. Se uma substituição possibilitou ou não o resultado esperado, o time foi respectivamente bem ou mal estruturado taticamente. A avaliação de desempenho do técnico, sua capacidade tática foi muitas vezes julgada por essa perspectiva. Da mesma forma, muitas vezes a apreciação tática da substituição é analisada pelo efeito que essa foi capaz de produzir em termos de alterar o resultado do jogo. Em vários casos, entrou fez o gol, a substituição foi correta e era indicada, caso contrário, não. Parece ser trivial dizer que essa posição, sob o ponto de vista tático é limitada e insuficiente para o entendimento das intervenções táticas do treinador e para a avaliação do seu desempenho.

### *ERROS, FALHAS E DESASTRES*

A avaliação jornalística da equipe inclui-se aqui também o treinador, e do comportamento tático do jogo se apóia fortemente nas falhas cometidas e na crítica de seus responsáveis. É observada freqüentemente exposta na 'linha de tiro', a figura do treinador incompetente, que foi incapaz de evitá-la. Este comportamento jornalístico é mais enfático quando o resultado da partida é negativo, ou seja, a equipe brasileira foi derrotada. Em muitos casos, pela rispidez da crítica, pode-se concluir que a derrota é vista em si mesma como uma falha. Também implícito nessa forma de pensar está a idéia de que as falhas e erros são sempre evitáveis, corrigíveis, antecipáveis, ou seja, como se fosse possível eliminar esses do jogo. A questão que se apresenta é:

- a) O quanto essa compreensão do jogo pode ser aceita?
- b) Em que medida erros, falhas e desastres<sup>149</sup> deixam-se controlar?
- c) Em que medida uma análise de falhas é suficiente para a avaliação tática da equipe e do jogo?

É característica do jogo a impossibilidade do controle total do resultado, também visto como decorrente de erros e acontecimentos imprevisíveis. É disso que se constitui o que se pode chamar de “essência do jogo”, condição necessária para que o jogo possa existir. Por melhores que sejam as qualificações que possuam o treinador e jogadores, sempre existirá a possibilidade de um ponto que não foi possível controlar, que falhou. Falhas existirão, devido a sua impossibilidade de controle total, e porque elas aparecem, muitas vezes, associadas ao risco, que é, também, um constituinte necessário do jogo.

Em uma situação, tomando como referência os campeonatos mundiais, onde os interesses extrapolam o âmbito do conceito original de jogo como atividade de divertimento e lazer e onde questões nacionalistas e de cunho financeiro desempenham papel fundamental, é natural que se atribua outra dimensão aos erros. No jogo, neste caso, não se pode mais incorrer em certos riscos, porque cada equipe tem que ter a certeza de que vai ganhar. Nesse contexto é compreensível que um erro, em princípio normal, ‘do agir tático’ ou ‘do jogo’, passe a ser potencializado, superenfocado, e a pessoa que cometeu esse erro passe a ser um vilão ou um ‘traidor da pátria’. Porque, nesta situação, erros não poderão existir! Visto a importância dada ao resultado, se pressupõe que não poderá haver erros e conseqüentemente não se admitirá o fracasso. Não se admitindo tais possibilidades, obviamente que o encaminhamento da questão parte para uma ‘crucificação’ ou um ‘suplício’ do culpado.

As análises jornalístico esportivas que potencializam o erro e crucificam o culpado não deixam de apresentar-se como paradoxais em relação ao entendimento de jogo. Porque toda vez que uma partida é vencida por um lado, certamente ocorreram

---

<sup>149</sup> Entendidos como acontecimentos totalmente imprevisíveis.

erros pelo outro. Como já dito, a falha, não deixa de ser uma condição necessária do jogo. Caso contrário, não haveria nenhum tipo de superação entre as equipes. Um jogador de posse de bola não conseguiria passar pelo seu oponente, driblá-lo. Um atacante não conseguiria fazer o gol, pois seus arremates seriam sempre defendidos pelo goleiro. Conseqüentemente, todas as partidas terminariam empatadas. Neste caso, parece prudente considerar para efeito de realização das análises jornalísticas, uma adequação melhor de contexto, o que permitiria o entendimento do que é senso comum no jogo: quando alguém ganha, alguém perde. E é nesse contexto que as equipes envolvidas devem ser analisadas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se, nas construções das informações jornalísticas sobre o futebol na Copa do Mundo, que análises e avaliações de cunho técnico – tático, tanto sobre a equipe como um todo, quanto sobre elementos individuais, ocupam local de destaque e abrangem a grande maioria do conteúdo jornalístico das reportagens e/ou comentários esportivos. Isso é mais característico nas transmissões de eventos esportivos pela TV. Nessas análises e comentários críticos, encontram-se juízos de valores de natureza esportiva, principalmente, referentes à avaliação de desempenho técnico – tático de jogadores e treinadores. Em síntese, pode-se dizer: se essas questões tratam do conteúdo técnico específico do jogo de futebol, devem encontrar nessa, sua fundamentação. Por isso, adotou-se a perspectiva do conteúdo teórico específico de tática como uma das referências para a análise dos fatos jornalísticos descritos. Baseado nessa referência de análise, pode-se concluir que:

- As críticas feitas, relativas às análises táticas, foram superficiais e não encontram fundamentação suficientemente na teoria de tática. Elas devem ser entendidas, quando não contrariam o conteúdo teórico de tática, na melhor das hipóteses, como uma opinião entre outras possíveis, de como conceber o jogo. Esse enunciado implica necessariamente em uma relativização das posições jornalísticas em relação às críticas e reivindicações de conteúdo técnico – tático em relação a jogadores e técnicos.
- Não se deve esquecer que as necessárias análises táticas mais profundas, capazes de diminuir as possibilidades de erros de interpretação e garantir uma maior aproximação com o fato real, são limitadas – durante uma transmissão esportiva, mesmo em uma mesa redonda de discussões ou em crônicas em jornais – pelas dificuldades existentes. Entre outras, cita-se: tempo disponível para a análise, dificuldade teórica de se excluir ou determinar as causas a que devem ser atribuídos méritos ou erros táticos. A superação de tais limitações é vista como muito difícil para a formação profissional e as condições de trabalho existentes no meio.

- Não se pretende reivindicar do jornalismo esportivo uma postura no sentido de uma apresentação ou discussão acadêmica do conteúdo técnico específico de tática. Da mesma forma, não é exigência que nesse deva-se concentrar toda ou a principal tematização jornalística do jogo, e que as abordagens venham a esgotar os aspectos táticos do jogo. Essa é uma questão de competência dos jornalistas. Porém, se questões técnico – táticas são escolhidas como tema, e fundamentam críticas muito fortes, no caso aqui tratado, de jogadores e treinadores, em relação inclusive, como descrito a competência e incompetência dos mesmos, então, parece que é justificável exigir dos jornalistas que adotam tais posições a apresentação da argumentação que as fundamenta. Para posteriores abordagens, fica estabelecida a questão relativa à abrangência em que os aspectos teóricos específicos do conhecimento envolvendo as questões reais do jogo precisam ser considerados ou ignorados, na prática do jornalismo esportivo.

A outra perspectiva de análise da crítica aos treinadores e jogadores foi fundamentada naquilo que os jornalistas estabelecem como os princípios orientadores do seu proceder jornalístico. Em relação a esse aspecto, pode-se concluir que:

- Em muitas das situações mencionadas no trabalho, pode-se perceber que a crítica a jogadores e técnico, toma até mesmo o aspecto de agressão pessoal. A precisão dos comentários e até mesmo da notícia foi, em alguns casos, pouco observada. Títulos e manchetes predispõem-se visivelmente para uma forma de agressão sutil. Nesse particular, também fotos e caricaturas exercem a função de reforçar a agressão ou o tom da crítica. Todas essas questões contradizem o que os jornalistas estabelecem nos seus princípios, como sendo a maneira adequada de se fazer jornalismo. A questão traz um problema bastante complexo à discussão que é a ética do jornalismo. Tal discussão já é objeto de análise em grupos de estudos dentro do jornalismo e por isso não se pretende ampliá-la.

Para finalizar, cabe uma ressalva: certamente o fenômeno jornalismo esportivo não pode ser visto ou analisado apenas através de situações que indicam

possíveis 'erros' ou problemas. Uma série de pontos positivos são existentes nas transmissões, crônicas e reportagens, porém, não foram tematizados. É bastante complexa a abrangência do fenômeno como um todo, e por isso, somos conscientes das limitações dessa abordagem. Ficáramos muito agradecidos àqueles que contribuísem em apontá-las.

Como não poderia ser diferente, entende-se que este trabalho e suas análises devam ser objetos de avaliações e críticas científicas mais profundas, para sua aceitação. Sem dúvida nenhuma, pretende-se fazer tal análise crítica no prosseguimento dos estudos.

## 6. BIBLIOGRAFIA

BARROS, de Monteiro. **Dicionário Ilustrado do Futebol**. São Paulo: Abril, 1972.

COIMBRA, David. **Zero Hora**, encarte especial da Copa, p.6, 11/06/98.

———. **Zero Hora**, encarte Jornal da Copa, p. 8, 26/06/98.

CORREIO DO POVO, Capa e p.28, em 29/05/98.

CORREIO DO POVO, p.23, em 03/06/98.

CORREIO DO POVO, p. 24, em 03/06/98.

CORREIO DO POVO, p. 23, em 04/06/98.

CORREIO DO POVO, p. 20, em 11/06/98.

CORREIO DO POVO, p.24, em 11/06/98.

CORREIO DO POVO, p.24, em 15/06/98.

CORREIO DO POVO, p. 28, em 17/06/98.

CORREIO DO POVO, p. 28, em 19/06/98.

CORREIO DO POVO, p. 32, em 19/06/98.

CORREIO DO POVO, p. 24, em 21/06/98.

CORREIO DO POVO, p. 28, em 25/06/98.

CORREIO DO POVO, Capa e p. 27 em 28/06/98.

CORREIO DO POVO, p. 24, em 14/07/98.

CORREIO DO POVO, p. 28, em 16/07/98.

COUTO, José Geraldo. **Folha de São Paulo**, caderno 3 – p.12, 19/02/98.

CSANÁDI, Árpád. **El fútbol**. Barcelona: Editorial Planeta, 1963.

ECO, Umberto. **Viagem na Irrealidade Cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FITTIPALDI, Maristela. **Ética no Jornalismo: O Desafio do Cotidiano**. Orientadora: Ester Kosovski. Rio de Janeiro: UFRJ/COPPEAD, 1998. 180 fls. Dissertação. (Mestrado em Comunicação e Cultura).

FOLHA DE SÃO PAULO, caderno 3 – p.10, em 18/02/98. Da sucursal do Rio.

FOLHA DE SÃO PAULO, caderno 3 – p.14, em 19/02/98. Da reportagem local.

FOLHA DE SÃO PAULO, caderno de esportes, p.5, em 11/05/98. Subtítulo: Convocações são polêmicas.

FOLHA DE SÃO PAULO, caderno 4 – p.4, em 31/05/98. Da reportagem local.

FOLHA DE SÃO PAULO, encarte especial/Histórias das Copas, p. 18, em 31/05/98.

FOLHA DE SÃO PAULO, caderno 4 – p.4, em 28/06/98. Da reportagem local.

FOLHA DE SÃO PAULO, caderno 4 – p.4, em 08/07/98.

FOLHA DE SÃO PAULO, caderno de esportes/Copa 98, p.2, em 08/07/98.

FOLHA DE SÃO PAULO, caderno de esportes, p.4, em 10/07/98.

FOLHA DE SÃO PAULO/100 ANOS DE FUTEBOL, em 16/01/94.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1997.

GAGG, W., NEPFER, J. **PUBLICACION: Fédération Internationale de Football Association**. Switzerland: Vontobel Druck AG, Feldmeilen, 1992.

GARCIA, Sérgio. **Revista Placar/Especial Copa 98**, n.2, p.28-29, 17/06/98.

GIMENEZ, Alexandre; ASSUMPÇÃO, João Carlos e DAMATO, Marcelo. **Folha de São Paulo**, caderno 4 – p.1, 29/05/98.

GOMES, Pedro Gilberto. **Comunicação social; filosofia, ética, política**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**, 2ª ed., Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HELENA JR., Alberto. **Folha de São Paulo**, caderno 4, p.2, 01/02/98.

———. **Folha de São Paulo**, caderno 4 – p.2, 08/02/98.

———. **Folha de São Paulo**, cad. 4, p.2, 23/03/98.

JAPIASSU, Moacir. **Folha de São Paulo**, caderno 4, p.2, 12/05/94.

JORNAL A GAZETA ESPORTIVA, manchete de capa, em 10/07/98.

JORNAL DO BRASIL, p.3, em 21/06/98.

JORNAL DO BRASIL, p.4, em 23/06/98.

JORNAL DO BRASIL, caderno de esportes, capa, em 11/07/98.

JORNAL DO BRASIL, caderno de esportes, p.3, em 12/07/98.

KLEIN, M. A., AUDINO, S. A. **O almanaque do futebol brasileiro**. São Paulo: Escala, 1996.

LISBOA, Márcia Rodrigues. **Jornalista: profissão passageiro**. Orientador: Muniz Sodré de Araújo Cabral. Rio de Janeiro: UFRJ/COPPEAD, 1994. 170 fls. Dissertação. (Mestrado em Comunicação e Cultura).

MAHLO, F. **Acto Tático no jogo**. Lisboa, Compendium, 1979.

- MARTIN, D.; CARL K.; LEHNERTZ K. **Handbuch der Trainingslehre**. Verlag Hofmann, Schorndorf, 1991.
- NETO, Antônio Fausto. **Mortes em derrapagem: os casos Corona e Cazuzu**. Rio de Janeiro: Rio Fundo 1991.
- . **O Impeachment da Televisão: como se caça um presidente**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.
- NOGUEIRA, Armando. **Jornal do Brasil**, coluna Na Grande Área, p.11, 25/06/98.
- . **Jornal do Brasil**, p.11, 25/06/98. Coluna: Na Grande Área de Armando Nogueira/Manchete: Um Cheiro de Mentira
- OSTERMANN, Ruy Carlos. **Zero Hora/Encarte Especial – Jornal da Copa, Gol de Letra**, p. 25, 11/06/98.
- RANGEL, Sérgio. **Folha de São Paulo**, caderno 3 – p.11, 22/01/98.
- REGRAS OFICIAIS DE FUTEBOL, SPRINT EDITORA, 1997/2000.
- REVISTA PLACAR/ESPECIAL COPA 98, n. 2, p. 21, em 17/06/98.
- REVISTA PLACAR/ESPECIAL COPA 98, n. 3, p. 12-13, em 24/06/98.
- REVISTA PLACAR/ESPECIAL COPA 98, n. 6, p. 2, 3 e 4, em 08/07/98.
- REVISTA PLACAR/ESPECIAL COPA 98, n. 6, p. 7, em 08/07/98.
- REVISTA IMPRENSA – outubro de 1998.
- RIBEIRO, Arnaldo. **Folha de São Paulo**, caderno 3 – p.12, 07/02/98.
- . **Folha de São Paulo**, caderno 3 – p.16, 12/02/98.
- . **Folha de São Paulo**, caderno 4 – p.6, 15/02/98.
- RÖTIG, Peter: Red. **Sportwissenschaftliches Lexikon – 4.**, unveränd. Aufl. – Schorndorf: Hofmann, 1977.
- RODRIGUES, Alexandre. **Zero Hora**, p.60, 17/07/98. Matéria: As múltiplas teorias da conspiração.
- RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SANTOS, Reinaldo. **A Ética na Comunicação**. Rio de Janeiro: Destaque, 1996.
- TUBINO, Manuel José Gomes. **Metodologia Científica do Treinamento Desportivo**. São Paulo: IBRASA, 1980.
- XAVIER FILHO, Sérgio. **Revista Placar/Especial Copa 98**, n.1, p.18, 11/06/98.
- . **Revista Placar/Especial Copa 98**, n.1, 11/06/98.

———. **Revista Placar/Especial Copa 98**, n. 2, p. 17, 17/06/98.

WEINECK, Jürgem. **Manual de Treinamento Desportivo**. São Paulo: Ed. MANOLE, 1989.

ZERO HORA, p.62, em 18/02/98.

ZERO HORA, caderno de esportes, p.11, em 23/02/98.

ZERO HORA, caderno de esportes, p.45, em 24/02/98.

ZERO HORA, encarte Jornal da Copa, p.4, em 10/06/98.

ZERO HORA, encarte Jornal da Copa, p.6, em 11/06/98.

ZERO HORA, caderno de esportes, p.51, em 18/06/98.

ZERO HORA/ENCARTE - Jornal da Copa, em 09/07/98.

ZERO HORA, p.3, em 19/07/98.

#### REDE RECORD DE TELEVISÃO:

- Gravação do jornal da Record, cobertura da Copa, em 30/06/98.
- Gravação da transmissão do jogo de abertura, em 10/06/98.
- Gravação da transmissão do jogo entre Brasil e Noruega, em 23/06/98.

#### REDE GLOBO DE TELEVISÃO:

- Gravação do programa Globo Esporte (inserção ao meio dia) e jornal da noite, cobertura da Copa em 04/06/98.
- Gravação da Rede Globo de Televisão, jogo de abertura, em 10/06/98.
- Gravação da transmissão do jogo Brasil e Dinamarca, pelas quartas de final, em 03/07/98.
- Gravação inserção jornal da noite, depois do jogo contra a Escócia, em 10/06/98.
- Gravação da partida amistosa entre Brasil e Athletic Bilbao, em 31/05/98.
- Gravação da partida semifinal da Copa, em 07/07/98.
- Gravação da transmissão do jogo Brasil e Noruega e do debate depois do jogo, em 23/06/98.
- Gravação da transmissão do jogo entre Brasil e Marrocos, em 16/06/98.

#### REDE MANCHETE DE TELEVISÃO:

- Gravação do jogo de abertura da Copa e do debate realizado depois do jogo, em 10/06/98.
- Gravação da transmissão do jogo entre Brasil e Marrocos, em 16/06/98.
- Gravação um dia depois da transmissão do jogo entre Brasil e Marrocos, em 17/06/98.
- Gravação da transmissão do jogo entre Brasil e Noruega, em 23/06/98.
- Gravação do debate realizado depois do jogo Brasil e Chile, pelas oitavas de final, em 27/06/98.
- Gravação da transmissão do jogo entre Brasil e Dinamarca, pelas quartas de final, em 03/07/98.

#### REDE BANDEIRANTES DE TELEVISÃO:

- Gravação da partida amistosa entre Brasil e Athletic Bilbao, em 31/05/98.
- Gravação da partida de abertura da Copa, em 10/06/98.
- Gravação da partida entre Brasil e Marrocos, em 16/06/98.
- Gravação da partida entre Brasil e Noruega, em 23/06/98.
- Gravação do programa 'FOGO CRUZADO', em 14/06/98.
- Gravação do programa de debate esportivo 'APITO FINAL', em 11/07/98.

#### SISTEMA BRASILEIRO DE TELEVISÃO:

- Gravação da transmissão do jogo entre Brasil e Escócia (jogo de abertura da Copa), em 10/06/98.
- Gravação do debate realizado depois do jogo Brasil x Chile, pelas oitavas de final, em 27/06/98.
- Gravação do debate realizado depois do jogo em Bilbao, em 31/05/98.
- Gravação do amistoso contra a seleção de Andorra, em 03/06/98.
- Gravação do jogo entre Brasil e Marrocos, em 16/06/98.
- Gravação do jogo entre Brasil e Noruega, em 23/06/98.
- Gravação do jogo entre Brasil e Marrocos e debate um dia depois do jogo/Jornal da Copa, em 16 e 17/06/98.

#### FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA – TVE:

- Gravação do programa Cartão Verde na noite depois do jogo em Bilbao, no dia 31/05/98.
- Gravação do programa Cartão Verde, em 19/07/98.

## 7. BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

- BARTHES, Roland. **Mitologias**. 6. Ed. São Paulo: Difel, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- CASTRO, Ruy. **Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- DOMINIQUE, Maingueneau. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Editora Pontes/Universidade Estadual de Campinas, 1989.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 1996
- HUIZINGA, J. Homo Ludens: **O jogo como elemento da cultura**. São Paulo.
- MOUILLAUD, Maurice., PORTO, Dayrell S., et alli. **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997.
- RODRIGUES, Nelson. **A pátria em chuteiras**. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- \_\_\_\_\_. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Editora clube do livro/Estação liberdade, 1989.
- VERÓN, Eliseo. **A Produção de Sentido**. São Paulo: Cultrix:/Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Construir el acontecimiento**, 2. Ed.. Buenos Aires: Gedisa Editorial, 1987

## **ANEXOS**



## ANEXO A



# esporte

30 Setembro • Página 10 • São Paulo, quarta-feira, 14 de Setembro de 1995 • Conclusão da edição

**Indolhe**  
Barcelona tem mais vitórias na Copa Libertadores  
O clube espanhol conquistou o título em 1993, depois de vencer o River Plate na final. O jogo foi disputado em Buenos Aires e terminou com o placar de 2 a 0 para os catalães.

**Microcamp traz norte-americana**  
A equipe de Campinas, liderada por Fernando Coutinho, conquistou o título da competição. O jogo foi disputado em São Paulo e terminou com o placar de 2 a 0 para os brasileiros.

**Franca joga na Sul-Americana**  
O time francês, liderado por Ronaldo, conquistou o título da competição. O jogo foi disputado em São Paulo e terminou com o placar de 2 a 0 para os franceses.

**Report fica sem Joel na Superliga**  
O time brasileiro, liderado por Ronaldo, conquistou o título da competição. O jogo foi disputado em São Paulo e terminou com o placar de 2 a 0 para os brasileiros.

**Copa Davis tem ingressos à venda**  
A Confederação Brasileira de Tênis iniciou hoje a venda de ingressos para a Copa Davis. O jogo será disputado em São Paulo e terminará em 14 de Setembro.

**O que ver na TV**  
Hoje, às 19h, o canal 10 transmite o jogo de futebol entre o Flamengo e o Palmeiras. Às 21h, o canal 10 transmite o jogo de futebol entre o Corinthians e o Santos.

## FUTEBOL Segundo treinador da seleção, Ricardo Teixeira, presidente da CBF, extinguiu o cargo há mais de três anos

# Zagallo se irrita com suposto auxiliar

de Ricardo Teixeira

As divergências entre Ricardo Teixeira, presidente da CBF, e Carlos Alberto Zanetti, segundo treinador da seleção, chegaram ao ponto de ruptura. Zanetti se irrita com o suposto auxiliar de Teixeira, alegando que este não tem autoridade para interferir em assuntos técnicos. Zanetti afirma que Teixeira não tem o direito de interferir em assuntos técnicos e que ele, Zanetti, é quem deve tomar as decisões finais. Zanetti também afirma que Teixeira não tem o direito de interferir em assuntos técnicos e que ele, Zanetti, é quem deve tomar as decisões finais.



Presidente da CBF, Ricardo Teixeira, levantando as mãos em um gesto de frustração ou desespero.

**Nova posição**  
Ricardo Teixeira afirmou que se fez a ideia de interferir em assuntos técnicos, mas que ele, Zanetti, é quem deve tomar as decisões finais. Zanetti também afirmou que Teixeira não tem o direito de interferir em assuntos técnicos e que ele, Zanetti, é quem deve tomar as decisões finais.

**Como opção técnica, ele é válido. Para indicar a comissão técnica, com prazo curto, não**  
Ricardo Teixeira afirmou que se fez a ideia de interferir em assuntos técnicos, mas que ele, Zanetti, é quem deve tomar as decisões finais. Zanetti também afirmou que Teixeira não tem o direito de interferir em assuntos técnicos e que ele, Zanetti, é quem deve tomar as decisões finais.

**Deixa tranquilizado. O outro passivo é muito grande**  
Ricardo Teixeira afirmou que se fez a ideia de interferir em assuntos técnicos, mas que ele, Zanetti, é quem deve tomar as decisões finais. Zanetti também afirmou que Teixeira não tem o direito de interferir em assuntos técnicos e que ele, Zanetti, é quem deve tomar as decisões finais.

**Romário se diz em forma**  
de Ricardo Teixeira

Romário afirmou que se sente em ótima forma e que está pronto para voltar a jogar. Ele também afirmou que está feliz por estar de volta ao futebol e que vai dar o máximo de si para ajudar a seleção brasileira. Romário também afirmou que se sente em ótima forma e que está pronto para voltar a jogar.

**Chilavert ameaça não jogar a Copa**  
de Ricardo Teixeira

Chilavert afirmou que se sente em ótima forma e que está pronto para voltar a jogar. Ele também afirmou que está feliz por estar de volta ao futebol e que vai dar o máximo de si para ajudar a seleção brasileira. Chilavert também afirmou que se sente em ótima forma e que está pronto para voltar a jogar.

**Francescoli anuncia fim da carreira**  
de Ricardo Teixeira

Francescoli anunciou o fim de sua carreira de jogador de futebol. Ele afirmou que está feliz por ter vivido uma ótima experiência e que vai dedicar-se a outras atividades. Francescoli também afirmou que se sente em ótima forma e que está pronto para voltar a jogar.



Francescoli jogando futebol em um campo.

**Andersen pode voltar a ser titular do Barcelona**  
de Ricardo Teixeira

Andersen afirmou que se sente em ótima forma e que está pronto para voltar a jogar. Ele também afirmou que está feliz por estar de volta ao futebol e que vai dar o máximo de si para ajudar a seleção brasileira. Andersen também afirmou que se sente em ótima forma e que está pronto para voltar a jogar.

**Viaili promete respeito a jogadores**  
de Ricardo Teixeira

Viaili afirmou que se sente em ótima forma e que está pronto para voltar a jogar. Ele também afirmou que está feliz por estar de volta ao futebol e que vai dar o máximo de si para ajudar a seleção brasileira. Viaili também afirmou que se sente em ótima forma e que está pronto para voltar a jogar.

**Parto estudos comegar impostos em Portugal**  
de Ricardo Teixeira

Parto afirmou que se sente em ótima forma e que está pronto para voltar a jogar. Ele também afirmou que está feliz por estar de volta ao futebol e que vai dar o máximo de si para ajudar a seleção brasileira. Parto também afirmou que se sente em ótima forma e que está pronto para voltar a jogar.

**Como opção técnica, ele é válido. Para indicar a comissão técnica, com prazo curto, não**  
Ricardo Teixeira afirmou que se fez a ideia de interferir em assuntos técnicos, mas que ele, Zanetti, é quem deve tomar as decisões finais. Zanetti também afirmou que Teixeira não tem o direito de interferir em assuntos técnicos e que ele, Zanetti, é quem deve tomar as decisões finais.

**Deixa tranquilizado. O outro passivo é muito grande**  
Ricardo Teixeira afirmou que se fez a ideia de interferir em assuntos técnicos, mas que ele, Zanetti, é quem deve tomar as decisões finais. Zanetti também afirmou que Teixeira não tem o direito de interferir em assuntos técnicos e que ele, Zanetti, é quem deve tomar as decisões finais.

**Andersen pode voltar a ser titular do Barcelona**  
de Ricardo Teixeira

Andersen afirmou que se sente em ótima forma e que está pronto para voltar a jogar. Ele também afirmou que está feliz por estar de volta ao futebol e que vai dar o máximo de si para ajudar a seleção brasileira. Andersen também afirmou que se sente em ótima forma e que está pronto para voltar a jogar.





## ANEXO B

SELEÇÃO BRASILEIRA

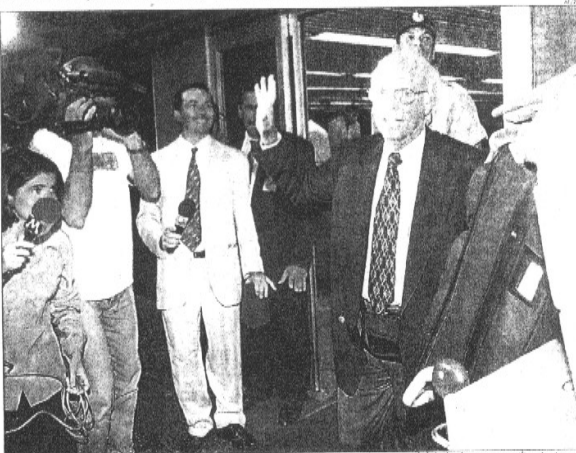
## Zagalo fica à espera de uma intervenção

A CBF planeja nomear um auxiliar para acompanhar o técnico na preparação do time para o Mundial

Diante da presença do batalhão de jornalistas que esperava o desembarque da Seleção Brasileira, ontem no Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro, o técnico Zagalo se fez de surpreso e saiu se com um dos seus graças ao ser abordado pelos repórteres. "Calma, gente, porque eu ainda não sou papa". Na verdade, o acedido da imprensa no retorno do time que participou da Copa Ouro, nos Estados Unidos, tinha outra motivação. Está diretamente relacionado à cada vez maior possibilidade de o presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Ricardo Teixeira, decidir-se por uma intervenção junto à comissão técnica em decorrência do fracasso no torneio em que sobrou um mediocre terceiro lugar para o Brasil. A tendência é de que nos próximos dias Teixeira defina-se por nomear um auxiliar técnico para trabalhar junto a Zagalo na preparação e durante a Copa do Mundo. Os nomes mais citados no Rio eram os de Paulo Autassi, Carlos Alberto Silva e Carlos Alberto Pereira, que está no comando da seleção da Arábia Saudita.

Zagalo não se fez de rogado, certamente prevenido a inevitável intervenção, e afirmou que a atitude de nomear ou não um auxiliar técnico é de única e exclusiva responsabilidade de Ricardo Teixeira. "Para mim esse assunto está superado, já que na época em que assumi a Seleção, perguntei ao doutor Ricardo Teixeira quem seria o Zagalo do Zagalo e ele me disse que este cargo estava extinto, porque não haveria ninguém com a minha experiência para assumi-lo", disse o técnico, lembrando o fato de ter sido o auxiliar de Parreira na campanha de 1994.

Sobre o fracasso na Copa Ouro, Zagalo preferiu repetir a ladainha de que o torneio serviu como lição, de que tirou boas conclusões dos jogos disputados, que os resultados mostram que o Brasil não é favorito na Copa do Mundo, e assim por diante. Por fim, acrescentou: "Não estou preocupado com a imagem da Seleção no cenário mundial, já que não era a equipe principal que esteve nos Estados Unidos". Aliás, Zagalo jura que já tem o time do Mundial pronto em sua cabeça, falando apenas algumas deficiências no grupo de 22 jogadores.



O retorno: Zagalo chegou ao Rio pressionado pela imprensa para responder sobre a possibilidade de ter um auxiliar-técnico

### Ex-craques questionam os métodos do treinador

Capitão da equipe tricampeã mundial em 1970, sob o comando de Zagalo, o ex-lateral-direito Carlos Alberto Torres acredita que o melhor rumo que a Seleção atual poderia tomar para a Copa do Mundo da França seria a troca de treinador. "O Zagalo é um técnico superado", opina Torres. Já Tostão e Jamor, craques que também vestiram a camisa da Seleção, não tiram o cargo de Zagalo, mas alertam para a necessidade da contratação de um auxiliar-técnico.

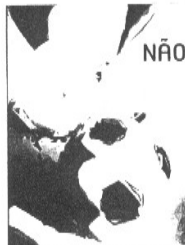
"Nunca vi uma seleção ser campeã

mundial sem um auxiliar", lembra Jamor, que disputou as Copas de 1982 e 1986. "Acho que o Zagalo deveria contratar um auxiliar, nem que fosse pelo aspecto da superstitação", Tostão, também comandado de Zagalo na Copa de 70, acha importante a presença de um auxiliar. "É preciso alguém para trocar ideias", defende o ex-craque do Cruzeiro.

Torres entende que, apesar de jogadores fabulosos, a Seleção não tem um esquema definido e não apresenta novidades táticas. "O Zagalo manda os laterais subirem

ao ataque, coisa que eu já fazia há 40 anos", comenta. "É essa história do número 1, que o Zagalo disse que descobriu, já existe há mil anos e não deu certo".

Tostão acredita que este não é o melhor momento para se trocar o treinador, mas insiste na chegada do auxiliar. "Hoje, o Zagalo fica sozinho, faz apenas um trabalho intuitivo". Mas Tostão faz uma ressalva. A contratação de um auxiliar deve ter a aprovação de Zagalo. "Tem de ser uma ideia, uma vontade que parta dele mesmo, sendo não vai funcionar", justifica Tostão.



NÃO DÊ CABEÇADA POR AÍ. COMEMORE SEU GOL NO CONSÓRCIO AMAURI.

Fiat, Volkswagen, GM, Ford, Honda e Suzuki. Fuça certo. Fuço Amauri.

Amauri

Consórcio Amauri (051) 328.4142

Av. Assis Brasil (051) 347.8666

(051) 349.2713

Nova Hamburgo (051) 981.2001

Montenegro (051) 832.2951

Sudamérica (051) 999.1771

Paraná (055) 378.4370

Carajás (054) 331.1168





## ANEXO C



